



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC  
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO  
PROFISSIONAL DOCENTE

FRANCISCA VERÔNICA PEREIRA MOREIRA

**VIVÊNCIA NO PIBID-UERN: SIGNIFICAÇÕES CONSTITUÍDAS POR BOLSISTAS  
DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA**

MOSSORÓ/RN  
2018

FRANCISCA VERÔNICA PEREIRA MOREIRA

**VIVÊNCIA NO PIBID-UERN: SIGNIFICAÇÕES CONSTITUÍDAS POR BOLSISTAS  
DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientadora:** Profa. Dra. Sílvia Maria Costa Barbosa

MOSSORÓ-RN

2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

M838v	<p>Moreira, Francisca Verônica Pereira Vivência no PIBID-UERN: significações constituídas por bolsistas de iniciação à docência. / Francisca Verônica Pereira Moreira. - Mossoró, 2018. 153p.</p> <p>Orientador(a): Profa. Dra. Sílvia Maria Costa Barbosa. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.</p> <p>1. Psicologia Sócio-Histórica. 2. Significados e Sentidos. 3. Formação Inicial. 4. PIBID-UERN. I. Barbosa, Sílvia Maria Costa. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.</p>
-------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

FRANCISCA VERÔNICA PEREIRA MOREIRA

**VIVÊNCIA NO PIBID-UERN: SIGNIFICAÇÕES CONSTITUÍDAS POR BOLSISTAS  
DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Sílvia Maria Costa Barbosa (Orientadora)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Wanda Maria Junqueira de Aguiar (Titular Externa)  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

---

Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares (Titular Interno)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Maria Pereira Aires (Suplente Externa)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Antônia Batista Marques (Suplente Interna)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Das muitas coisas  
Do meu tempo de criança  
Guardo vivo na lembrança  
O aconchego de meu lar  
No fim da tarde  
Quando tudo se aquietava  
A família se ajeitava  
Lá no alpendre a conversar

Meus pais não tinham  
Nem escola, nem dinheiro  
Todo dia, o ano inteiro  
Trabalhavam sem parar  
Faltava tudo  
Mas a gente nem ligava  
O importante não faltava  
Seu sorriso, seu olhar

[...]

Passou o tempo  
Hoje eu vejo a maravilha  
De se ter uma família  
Quando tantos não a tem [...]

E há tantos filhos  
Que bem mais do que um palácio  
Gostariam de um abraço [...].  
**Utopia** (Padre Zezinho).

A Maria das Graças, minha mãe por sempre me amar, apoiar e ajudar. TE AMO. A meu avô, Antônio Pereira, por sua atividade diária na agricultura para o sustento da família. A meu pai Francisco de Sales, por sua humildade enquanto ser humano. E ao meu esposo, Hudson Daniel pelo seu amor, cuidado e compromisso com a educação e a aprendizagem de seus alunos. Amo vocês!

## AGRADECIMENTOS

“A gratidão é a memória do coração”  
(Antístenes)

Agradeço imensamente ao meu DEUS pela força suprema para superar os obstáculos que surgiram durante a minha vida pessoal e estudantil; a Ele toda honra e toda glória, Pois dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória para sempre! Amém. (Rm.11.36).

A minha mãe, Maria das Graças, és minha vida e MEU AMOR.

Agradeço, especialmente, à Dra. Silvia Maria Costa Barbosa (Silvinha), querida professora e orientadora, pelo apoio, confiança, motivação ao longo de todo o mestrado e pela inspiração enquanto ser humano.

Ao meu pai Francisco de Sales Moreira pelo seu amor e ensinamentos a mim dedicados.

Ao meu esposo Hudson Daniel, por dividimos a alegria de estarmos juntos. Agradeço pelo seu amor, apoio, compreensão, paciência e carinho. Amo-te.

Agradeço imensamente ao meu avô Antônio Pereira da Silva, por nunca medir esforços para ajudar a sua família. O senhor é parte constitutiva de minha história.

À Capes por ter financiado todo o Mestrado.

A Edione, por quem tenho um carinho especial de amiga; o meu muito obrigada, por ter disponibilizado a sua casa todas as vezes que precisei ficar em Mossoró.

Ao professor Dr. Júlio Ribeiro Soares, ser humano sábio, humilde, generoso e inteligente, por quem tenho grande admiração e respeito.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Subjetividade-GEPES/UERN por ter oportunizado discussões significativas que contribuíram para a construção deste trabalho.

À Professora Dra. Wanda Maria Junqueira de Aguiar, a quem todos chamam carinhosamente de “Ia”, obrigada por ter aceitado participar de minha qualificação e defesa; suas contribuições foram valiosas para a concretização da pesquisa.

Às Professoras Dra. Antônia Batista Marques e Dra. Elza Helena da Silva Costa Barbosa pelas contribuições nas discussões do GEPES.

A todos os meus colegas do Mestrado em Educação-UERN que estiveram presentes em meu percurso de constituição enquanto estudante e pesquisadora durante o mestrado.

Ao Programa de Cooperação Acadêmica – PROCAD (UERN, UFAL, UFPI e PUC-SP), as discussões nos encontros de missões foram valiosas.

A Claudia Alves, por ter me acompanhado em todo o processo do Mestrado em Educação.

A Rosiene Gomes, por sempre está presente em minha vida, obrigada por sua amizade.

A todos os Professores do Curso de Mestrado em Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, agradeço por todos os momentos formativos durante esses dois anos.

A Adiza secretária do POSEDUC, que sempre muito atenciosamente nos atende quando precisamos de informações ou ajuda.

Às bolsistas de iniciação à docência do PIBID/LETRAS/UERN, pela disponibilidade, comprometimento e colaboração no decorrer das entrevistas.

A Ana Maria de Carvalho (Aninha) pelo zelo na correção ortográfica e ABNT deste trabalho.

Agradeço de modo especial aos professores que passaram por meu processo formativo e me constituíram enquanto ser humano, estudante e pesquisadora.

Meu coração agradece verdadeiramente a todos que contribuíram para construção desta dissertação.

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar (FREIRE, 1992, p. 79).

## RESUMO

Por meio desta dissertação objetivamos apreender os significados e sentidos constituídos por bolsistas de iniciação à docência acerca de sua vivência no PIBID-UERN. Para aproximarmos da apreensão das significações das graduandas, seguimos o viés da pesquisa qualitativa, alicerçada nos estudos teórico-metodológico da Psicologia Sócio-Histórica de Vigotski e colaboradores, que tem como base o Materialismo Histórico-Dialético. Para orientação das discussões e análise-interpretativa adotamos as seguintes categorias: historicidade, mediação, atividade, pensamento e linguagem, significados e sentidos. A produção das informações foi obtida por meio da entrevista reflexiva com duas bolsistas de iniciação à docência, estudantes do curso de Letras Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas, do *Campus* Avançado de Patu-CAP-UERN, e, para análise das significações, optamos pela construção dos núcleos de significação. O resultado da análise articulou-se em três núcleos que revelaram a historicidade, singularidades e as mediações sociais e históricas que constituíram as duas bolsistas de iniciação à docência nas suas vivências no PIBID-UERN, como também evidenciou o caráter de relevância que o programa tem constituído para a formação inicial das futuras professoras de língua portuguesa, uma vez que tem sido um laboratório vivo de experiências, ensino-aprendizagens, estudos e pesquisas. Assim, esperamos que as significações produzidas pelas bolsistas de iniciação à docência venham somar e contribuir significativamente para a pesquisa científica em Educação, visto que, o PIBID tem se constituído como sendo de muita importância para a formação inicial nos cursos de licenciaturas do Brasil.

**Palavras-chave:** Psicologia Sócio-Histórica. Significados e Sentidos. Formação Inicial. PIBID-UERN.

## ABSTRACT

Through this dissertation we aim to apprehend the meanings and meanings of scholarship recipients about their experience in PIBID-UERN. In order to approach the apprehension of the meanings of undergraduates, we follow the qualitative research bias, based on the theoretical-methodological studies of Socio-Historical Psychology by Vigotski and collaborators, based on Historical-Dialectical Materialism. For orientation of the discussions and analysis-interpretative we adopt the following categories: historicity, mediation, activity, thought and language, meanings and meanings. The information production was obtained through a reflexive interview with two scholarship recipients, students of the Portuguese Language Literature course and their respective literature, of the Patu-CAP-UERN Advanced Campus, and, for the analysis of meanings, we opted for the construction of nuclei of meaning. The result of the analysis was articulated in three nuclei that revealed the historicity, singularities and social and historical mediations that constituted the two scholarship recipients in their experiences in PIBID-UERN, as well as the relevance of the program constituted for the initial formation of the future teachers of Portuguese language, since it has been a living laboratory of experiences, teaching-learning, studies and researches. Thus, we expect that the meanings produced by scholarship recipients will add up and contribute significantly to the scientific research in Education, since the PIBID has been constituted as being of great importance for the initial formation in the undergraduate courses of Brazil.

**Keywords:** Socio-Historical Psychology. Meanings and Senses. Initial formation. PIBID-UERN.

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1:</b> Pré-indicadores produzidos a partir da entrevista reflexiva.....	60
<b>QUADRO 2:</b> Sistematização dos indicadores .....	78
<b>QUADRO 3:</b> Construção dos núcleos de significação .....	93

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAMEAM - Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia

CAP - Campus Avançado de Patu

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CONSEPE - Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão

CONSUNI - Conselho Superior Universitário

DE - Departamento de Educação

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FE - Faculdade de Educação

IFRN - Instituto Federal do Rio Grande do Norte

MHD - Materialismo Histórico-Dialético

PARFOR - Programa de Formação Inicial e Continuada, Presencial e à Distância, de Professores para a Educação Básica

PET - Programa de Educação Tutorial

PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PIBIC - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PIM - Programa de Iniciação à Monitoria

POSEDUC - Programa de Pós-graduação em Educação

PROPEG - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

PSH - Psicologia Sócio Histórica

SCIELO - Biblioteca eletrônica científica on-line

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

UERN - Universidade do Estado Do Rio Grande do Norte

UFRN- Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFSJ - Universidade Federal de São João Del-Rei

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO: NAS VEREDAS DA CONSTITUIÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>2 A PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO HUMANO.....</b>	<b>32</b>
2.1 DISCUSSÕES ACERCA DA CONCEPÇÃO DE HOMEM E ALGUMAS CATEGORIAS CENTRAIS NA CONSTITUIÇÃO DO HUMANO.....	32
2.2 CONCEPÇÃO DE HOMEM.....	33
2.3 HISTORICIDADE.....	35
2.4 MEDIAÇÃO.....	37
2.5 ATIVIDADE.....	40
2.6 PENSAMENTO E LINGUAGEM.....	42
2.7 DISCUSSÕES ACERCA DE SIGNIFICADOS E SENTIDOS.....	43
<b>3 O MÉTODO DO TRABALHO INVESTIGATIVO NA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA.....</b>	<b>46</b>
3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO.....	46
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	48
<b>3.2.1 Do <i>Locus</i> da Pesquisa: espaço e bolsistas.....</b>	<b>49</b>
<b>3.2.2 Sobre os critérios de escolhas e as bolsistas da pesquisa.....</b>	<b>50</b>
<b>3.2.3 Dos procedimentos utilizados na produção das informações.....</b>	<b>52</b>
<b>3.2.4 Entrevista Reflexiva.....</b>	<b>53</b>
<b>3.2.5 Núcleos de Significação como procedimento de análise e interpretação das informações.....</b>	<b>57</b>
<b>4 DOS PRÉ-INDICADORES À CONSTITUIÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO.....</b>	<b>60</b>
4.1 O PROCESSO DE LEVANTAMENTO DOS PRÉ-INDICADORES DA ENTREVISTA REFLEXIVA.....	60
4.2 SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES.....	78
4.3 CONSTRUÇÃO E NOMEAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO.....	94
<b>5 O MOVIMENTO INTERPRETATIVO DAS INFORMAÇÕES: APROXIMAÇÃO DOS SIGNIFICADOS E SENTIDOS ACERCA DA VIVÊNCIA NO PIBID-UERN.....</b>	<b>96</b>
5.1 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO: MEDIAÇÕES SOCIAIS E HISTÓRICAS: ELEMENTOS QUE CONSTITUEM O SUJEITO.....	96

5.2 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO: MEDIAÇÕES E APRENDIZAGENS CONSTITUÍDAS NA RELAÇÃO PIBID E ESCOLA .....	102
5.3 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO: SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID/UERN.....	112
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>125</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>129</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>135</b>

## APRESENTAÇÃO: NAS VEREDAS DA CONSTITUIÇÃO

A consciência do mundo e a consciência de si inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca (FREIRE, 1996).

Historicamente, a educação vem sendo considerada como um processo fundamental ao ser humano, por estar presente em todas as etapas de nossas vidas, assim, “a educação, seja ela formal ou informal, busca repassar e proporcionar aos indivíduos conhecimentos e comportamentos que os tornem aptos a atuarem em todos os setores da sociedade” (LIBANEO, 1994, p. 17).

Desta maneira, sendo esse processo fundamental à constituição do sujeito, trago<sup>1</sup> alguns elementos constitutivos da minha história de vida escolar e profissional.

O início do meu processo de escolarização aconteceu no ano de 1995, em uma casa que funcionava como Escola Isolada do Sítio Mirador, zona rural do município de Patu/RN. Cheguei ao ambiente formal de educação aos seis anos de idade, no qual já sabia ler e escrever, pois minha mãe havia me ensinado antes de ir para escola e, deste modo, foi em minha casa que tive o contato com as primeiras letras. Lembro-me de quando, todas as tardes, minha mãe me deixava na escola que ficava a uns seis quilômetros de minha casa. Sempre que chegava àquela casinha sem reboco em suas paredes, chão de barro e o quadro feito de cimento em uma das paredes da sala, logo me sentava e esperava que a aula começasse. Lá ouvia e fazia, atentamente e em silêncio, as atividades que a professora passava. Foi assim que tive o primeiro contato com a educação formal, em uma sala multisseriada na zona rural.

No ano de 1996, passei a estudar na Escola Isolada Major Galdino, que funcionava no sítio Jordão, zona rural do município de Caraúbas. Mudei de escola, por ter companhia para ir e vir, e assim, minha mãe poderia se dedicar mais aos afazeres domésticos, ajudar meu pai no roçado e a cuidar dos poucos animais que tínhamos para o nosso sustento. Nesse ano não consegui concluir a primeira série, pois a professora ficou doente e não havia quem a substituísse.

Em 1997, por razões de um tratamento de saúde de minha avó e por minha mãe ter que acompanhá-la, fui estudar na cidade de Caraúbas/RN na Escola Estadual Antônio Carlos. Esse ano foi um ano de muitas mudanças em minha vida escolar por vivenciar um contato com

---

<sup>1</sup> Vale salientar que nessa parte da pesquisa há o predomínio do uso da 1ª pessoa do singular por se tratar da narrativa que conta a história de vida e vivências do processo formativo da pesquisadora.

outra realidade (o ensino na cidade), mas a mudança aconteceu principalmente na vida pessoal, pois a partir desse ano tive que morar em casa de parentes para poder continuar estudando.

No ano seguinte, me mudei para a cidade de Olho D'água dos Borges/ RN, onde iniciei a segunda série (hoje terceiro ano), e prossegui meus estudos até a quarta série, concluindo a primeira fase do primeiro grau.

Em 2001, resolvi morar com meus pais na zona rural novamente e estudar na cidade de Patu/RN, onde comecei a segunda fase do primeiro grau, estudando na Escola Municipal Francisco Francelino de Moura, onde concluí o primeiro grau. Minha rotina diária durante esse período era de acordar cedo, ajudar minha mãe nas atividades domésticas e às dez e meia da manhã ir esperar o transporte (um caminhão chamado de pau de arara) que nos levaria à cidade. À noite, chegava a minha casa por volta das 19 horas, meu pai sempre buscava a mim e aos meus primos. Chegava sempre cansada, mas antes de dormir sempre fazia as atividades da aula seguinte.

No ano de 2005, iniciei o ensino médio na Escola Estadual Dr. Edino Jales, em Patu/RN. Nesse ano, faltavam professores de algumas disciplinas na escola, causando assim, muitas dificuldades para nós estudantes que precisávamos nos dedicar ainda mais a nossos estudos, em casa, para recompensar as muitas aulas que não tínhamos.

No final do ano de 2007, ao concluir o Ensino Médio, me veio à oportunidade de prestar vestibular, pois queria prosseguir com meus estudos no ensino superior. Então, ao sair o edital do vestibular da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, me inscrevi para concorrer a uma vaga no curso de Pedagogia do *Campus* Avançado de Patu/RN, sendo aprovada na primeira tentativa. Ao ser aprovada, meus pais e eu ficamos muito felizes, pois eu seria a única na família a ingressar no ensino superior. Porém, em meio à alegria vieram algumas preocupações para meus pais e também para mim, pois, como o curso era no turno noturno e não havia transporte que passasse próximo ao sítio para ir à faculdade à noite, como ir até ao *Campus* nesse horário? Desse modo, ficamos muitos dias e noites preocupados, pensando como seria. Até que no dia da matrícula minha mãe falou com minha madrinha para eu ficar em sua casa durante a semana e nos finais de semana ir para o sítio, pois, caso eu não encontrasse (um lugar) onde ficar, a única alternativa seria desistir do curso e da realização do meu sonho em cursar uma faculdade. Porém, minha madrinha logo disponibilizou a sua casa para eu ficar enquanto precisasse e, assim, ainda fiquei sete anos morando em sua casa. Nesse período constitui uma nova família, adquiri novos irmãos, tios, tias e primos. Foi um período de batalhas, mas também de felicidades.

Ao vivenciar minhas primeiras disciplinas na faculdade, percebi uma realidade bastante diferente da vivência escolar, eram novas exigências, muitos textos, estudos dirigidos, seminários e provas. Porém, todo o dia antes de ir para a aula eu lia os textos que os professores solicitavam, entretanto, a minha timidez perante meus colegas e professores não me deixava falar sobre o que eu havia lido e entendido. Isso dificultou muito o meu diálogo em sala de aula e, conseqüentemente, as trocas de experiências e aprendizagens. Lembro que, nos períodos iniciais, uma disciplina me chamou muita atenção: a disciplina de “Antropologia da Educação”. Sempre que era aula de Antropologia eu ficava ainda mais atenta ao que a professora explicava. Outra disciplina que foi muito importante no meu processo formativo foi “Educação e Diversidade” ministrada no quarto período do curso, pois foi a partir daí que fui pensando o meu trabalho final, lendo, fichando e adquirindo livros para xérox, pois não possuía dinheiro suficiente para compra-los, assim, pegava os livros emprestados com os professores.

No quinto período do curso de Pedagogia vivenciei o meu primeiro estágio supervisionado na Educação Infantil, foi um momento de muita ansiedade, dúvidas, angústias e incertezas, pois estaria na sala de aula pela primeira vez como estagiária. Esse meu primeiro contato com a sala de aula foi muito bom, foram vivências cercadas por crianças, aprendi muito, mas não o suficiente para estar preparada para assumir uma sala de aula.

Seguindo no curso, veio o sexto período, no qual, vivenciei o segundo estágio supervisionado, que dessa vez aconteceu de maneira diferente, pois nós graduandos não iríamos para a regência em sala de aula, mas as escolas viriam até o *Campus* onde iríamos realizar oficinas pedagógicas para os alunos e professores das escolas públicas de Patu/RN. Lembro que fomos divididos em grupos de três ou até quatro graduandos, em que o respectivo grupo deveria elaborar uma oficina pedagógica. O grupo do qual eu fazia parte ficou responsável por elaborar uma oficina com jogos pedagógicos que envolvessem os conhecimentos de informática, de forma que se mostrasse como os alunos e professores poderiam utilizar os recursos tecnológicos disponíveis nas escolas, e nesta perspectiva desenvolvemos uma oficina pedagógica baseada no **GCompris<sup>2</sup> do Linux Educacional Software**. Esse estágio foi diferente dos demais estágios realizados pelo *Campus* Avançado de Patu, por trazer alunos e professores das escolas públicas à Universidade.

---

2 GCompris Educacional Software (GCompris é uma suíte de aplicativos educacionais que compreende numerosas atividades para crianças com idade entre 2 e 10 anos).

No período seguinte, vivenciei o meu último estágio supervisionado nos espaços não escolares, que aconteceu no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil-PETI<sup>3</sup>, da cidade de Patu/RN. Foi um momento único na minha formação, pois trabalhar em um espaço não escolar, com atividades diferentes do ambiente da sala de aula se constituiu como uma experiência muito rica no meu processo de formação. Também na vivência do sétimo período do curso de Pedagogia, aconteceu o que eu considero como um momento divisor de águas na minha formação enquanto estudante de Pedagogia, que foi a minha entrada para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID.

Em meados do ano de 2011 foi apresentado o PIBID/Pedagogia no *Campus* Avançado de Patu. Quase ninguém conhecia o programa e nem como funcionava, mas logo que vi a oportunidade de estar mais próxima da sala de aula e conhecer o espaço escolar mais a fundo, procurei informações com alguns colegas e professores sobre como funcionava o programa. A partir daí resolvi me inscrever para participar do PIBID/Pedagogia, dei entrada nos trâmites e exigências do edital e consegui entrar para o Programa. Foi pela mediação do PIBID que meu processo formativo ganhou ainda mais sentido, pois eu estava de fato conhecendo a vivência da escola como um todo, vivência essa que, devido ao tempo reduzido dos estágios não nos é possível conhecer, diariamente, um pouco mais da dinâmica escolar. A partir de minha participação no PIBID/Pedagogia, constituiu-se em mim um desejo de ser professora, como ainda não tinha sentido. O programa despertou em mim o gosto por aprender ainda mais, me conduziu à pesquisa, à participação de eventos, à apresentação de trabalhos e, acima de tudo, ao desejo de seguir na docência e poder contribuir para o ensino e a educação de jovens, crianças e adultos. Assim, vivenciei no PIBID oito meses de experiências, vivências e aprendizagens que constituíram um novo sentido à minha formação, por isso, digo sempre que o PIBID mudou minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

Ao chegar à reta final do curso de Pedagogia, era chegada a hora de fazer o trabalho de conclusão de curso que já estava sendo pensado desde o quarto período, então optei por desenvolver minha pesquisa na escola parceira do PIBID, pois existiam algumas questões que me inquietavam enquanto pesquisadora e pibidiana, quanto à inclusão de alunos com deficiência na escola e à preparação dos professores para receber essas crianças e jovens que chegavam à instituição escolar. E assim, desenvolvi minha pesquisa com ênfase na formação dos professores, os limites e as possibilidades que o aluno com deficiência encontrava ao

---

3 O PETI é um programa do Governo Federal que visa erradicar todas as formas de trabalho de crianças e adolescentes menores de 16 anos e garantir que frequentem a escola e atividades socioeducativas.

chegar à escola pública. Com êxito, concluí minha pesquisa, que teve como título **“Aspectos da inclusão no município de Patu/RN: entre os limites e possibilidades no campo do saber pedagógico”**.

Através de minha pesquisa, pude constatar que a escola recebia os alunos com deficiência de portas abertas, mas que a falta de capacitação profissional foi uma das principais causas das dificuldades que os alunos com deficiência e a escola enfrentavam, e que essa falta de capacitação acabava resultando em limites para desenvolver uma aprendizagem de qualidade para o aluno com deficiência.

Ao concluir o curso de Pedagogia existia em mim a vontade de prosseguir com meus estudos, e assim me veio à oportunidade de cursar uma Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, porém, precisava pagar as mensalidades do curso. No entanto, nesse mesmo período fui convidada a trabalhar no Programa Mais Educação<sup>4</sup> em uma escola pública do município de Patu/RN, desenvolvendo oficinas pedagógicas com o ensino de Matemática, Letramento e Orientação de Estudos e Leitura. Imediatamente, me inscrevi no curso de Especialização em Psicopedagogia, pois tinha uma ajuda de custo do Programa Mais Educação que poderia custear a especialização, e assim eu poderia prosseguir estudando e pesquisando. Desse modo, trabalhando como voluntária do Programa Mais Educação, pude cursar todas as disciplinas dessa especialização e, ao concluí-la, continuei na mesma perspectiva de estudar/pesquisar a inclusão no meu trabalho de conclusão de curso, que seria uma monografia, mas dessa vez queria conhecer as contribuições do trabalho de um psicopedagogo na escola pública, e assim fiz o meu TCC, que teve como título **“A educação especial e a inclusão de alunos com necessidades educacionais na rede de ensino: a contribuição do psicopedagogo na escola pública”**.

Por meio dessa pesquisa, pude verificar que a atuação e contribuição do psicopedagogo na escola pública com as crianças com necessidades especiais são de muita importância, uma vez que esse profissional contribui de forma significativa para o desenvolvimento das atividades de ensino e da aprendizagem das crianças, além de atuar buscando parcerias com outros profissionais como: psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas, assistentes sociais, entre outros.

---

4 O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto nº 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral.

Antes de terminar minha primeira especialização em Psicopedagogia, me inscrevi e fui aprovada em um processo seletivo para cursar à distância uma especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Matemática em uma Perspectiva Transdisciplinar, oferecida pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte-IFRN, no polo Sertão das Caraubeiras na cidade de Caraúbas/RN. Vivi, nesse período, o paralelo entre o ensino à distância e o presencial. No polo onde funcionavam os cursos oferecidos pelo IFRN tínhamos aulas presenciais, orientações para o trabalho final do curso e fazíamos as provas. Na perspectiva do TCC do curso, segui a mesma linha de estudo da inclusão, mas com o intuito de pesquisar sobre como a escola vem preparando os alunos com necessidades educacionais para a cidadania, quais as maiores dificuldades e limites esses educandos se deparavam quando chegavam ao espaço escolar, e se a instituição escolar encontrava-se preparada do ponto de vista pedagógico e da infraestrutura para incluí-los no processo de ensino-aprendizagem. Realizei minha pesquisa que teve como título **“Educação inclusiva: transversalidade e cidadania na Escola Municipal Raimundo Nonato da Silva na cidade de Patu/RN”**.

Através da pesquisa, pude averiguar que a escola em estudo recebia os alunos com necessidades especiais de portas abertas, o que lhes é de direito. Contudo, havia o discurso de que a escola recebia, mas não garantia a condição para que se efetivasse a permanência na escola e o desenvolvimento da aprendizagem do aluno com necessidade especial.

No final do ano de 2012 me despertou o desejo de cursar outra graduação, assim, prestei vestibular (novamente) para a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, fui aprovada e, em 2013, ingressei no curso de Licenciatura em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas) no *Campus* Avançado de Patu/RN.

Logo no segundo período do curso me veio à oportunidade de participar do PIBID/Letras, me inscrevi, participei de todas as etapas de seleção obtendo êxito. Vi no PIBID, mais uma vez, a oportunidade de seguir pesquisando, conhecendo, estudando, participando de eventos e relacionando os aspectos teóricos com as atividades de sala de aula, proporcionando uma vivência significativa e mais próxima da realidade escolar.

A primeira escola na qual fui desenvolver o trabalho de bolsista do PIBID/Letras foi a Escola Estadual Dr. Edino Jales, onde trabalhei com alunos do Ensino Médio noturno. No ano seguinte, continuei na mesma escola, porém, mudei de supervisor e desenvolvi o trabalho com alunos do terceiro ano do Ensino Médio vespertino. Essa experiência foi muito significativa, pois pude perceber e conviver com a realidade da proposta diferenciada para o turno noturno, em relação ao turno diurno, pois o Ensino Médio noturno possuía um diferencial na organização do currículo que atendesse às especificidades do aluno trabalhador.

No ano de 2015, mudei novamente de supervisor e fui para outra escola da rede estadual de ensino, na qual comecei a desenvolver meu trabalho no Ensino Fundamental Anos Finais com a Educação de Jovens e Adultos. Seguindo a dinâmica do subprojeto PIBID/LETRAS/CAP-UERN, que a cada semestre mudaríamos de supervisor, no semestre de 2015.2, fui trabalhar com alunos do sexto e sétimo ano, alunos com muitas dificuldades de leitura e escrita. Nas aulas, sempre buscávamos trazer algo atrativo que despertasse o interesse pela leitura e escrita (dos alunos), mas nem sempre obtínhamos resultados positivos, e isso nos fazia repensar e planejar o que não havia dado certo.

Considero essas experiências como sendo de grande valia para minha formação enquanto graduanda em letras e bolsista do PIBID, pois tive contato com diversos setores das escolas, pude vivenciar o que as escolas públicas têm a nos oferecer e aprender com todos os membros da instituição escolar.

Ainda no ano de 2015, me despertou o desejo de participar do processo seletivo simplificado para candidatas a alunos especiais (do Mestrado em Educação) para o semestre 2015.1, na UERN- *Campus* Central. Logo quando saiu o edital me inscrevi, fiz a carta de intenção endereçada ao Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares, e à Prof<sup>a</sup> Dra. Sílvia Maria Costa Barbosa, objetivando uma vaga para cursar a disciplina “Tópicos Especiais em Educação I: Empoderamento do Professor”. Fui selecionada e passei a conhecer de perto como funcionava a dinâmica de um curso de Mestrado.

No semestre seguinte, passei pelo mesmo processo seletivo com os mesmos professores, para a disciplina “Tópicos Especiais em Educação I: Mediação educacional e constituição do sujeito”. Foi a partir das discussões nas aulas dessas disciplinas que passei a pensar meu anteprojeto de pesquisa para concorrer no ano seguinte à seleção do Mestrado como aluna regular.

Em 04 de março de 2016, saiu o edital para seleção do Mestrado em Educação/UERN, fiquei atenta às datas, me inscrevi para concorrer a uma vaga na linha de pesquisa Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente. Fiz a prova escrita e fiquei aguardando o resultado, pois só iria colocar no papel meu projeto quando tivesse sido aprovada nessa primeira etapa. Assim que consegui aprovação na prova escrita, iniciei a escrita de meu projeto que, apesar de já estar em meus planos pesquisar sobre o PIBID, resolvi continuar pesquisando sobre inclusão. Porém, ao começar rabiscar o projeto sobre inclusão vi que o desejo de pesquisar o PIBID estava aceso em mim. Desse modo, diante da vontade de pesquisar sobre o PIBID, comecei a colocar no papel o que já estava arquitetado em meus

planos e fiz o meu projeto que tem como título “Vivência no PIBID-UERN: significações constituídas por bolsistas de iniciação à docência”.

Com o êxito em todas as etapas da seleção, consegui ser aprovada em segundo lugar no Mestrado em Educação da UERN.

Considero que o PIBID e o meu interesse pelos estudos me fizeram chegar ao mestrado, visto que, foi este programa que despertou em mim o gosto pela pesquisa, à busca pelo conhecimento e, acima de tudo, o desejo de ser professora. Hoje, posso dizer que vivenciei no PIBID experiências significativas para a minha constituição humana e profissional. Foram vivências e aprendizagens que constituíram novos sentidos à minha formação, por isso digo sempre que **o PIBID foi uma das mediações importantes que mudou minha vida pessoal, acadêmica e profissional.**

Essas situações vivenciadas na minha formação constituíram o interesse em estudar o PIBID como política pública exitosa na formação de bolsistas de iniciação à docência, na UERN, pois, compreendo que o sujeito graduando de iniciação à docência está inserido em um mundo social, material e de relações. E, mediado pela história, ele transforma a si próprio, transformação essa que ocorre na constituição de sentimentos, pensamentos, afetos, ideias e significações que são construídas através das vivências do ambiente universitário e da escola, das condições de estudo e dos saberes produzidos em atividades reais.

Portanto, sou um ser consciente de que estou no mundo junto com outros sujeitos num permanente movimento de busca, mudança e inconclusão. É nesse cenário de busca, inconclusão, mudança e movimento que, com afinco, responsabilidade, respeito e seriedade me debrucei sobre o tema desta pesquisa: **Significações de Bolsistas de Iniciação à Docência acerca de sua Vivência no PIBID-UERN.**

## 1 INTRODUÇÃO

Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer (FREIRE, 1997).

Neste capítulo, apresentamos o percurso de nossa pesquisa, trazendo uma breve discussão acerca da formação de professores no Brasil, políticas de formação de professores, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID, revisão de literatura realizada nos bancos de dados da Capes por meio da plataforma Sucupira, no banco de dissertações e periódicos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e Scielo, seguindo com a apresentação do problema de pesquisa, objetivo e finalizando com a apresentação de cada capítulo.

Não é de hoje que surgem, no campo educacional e social, discussões acerca da formação de professores, “provavelmente, por ser a área mais sensível de mudanças” (NÓVOA, 1999, p. 26). Conseqüentemente, muitos debates vêm evidenciando essas novas mudanças que revelam o momento político, econômico, histórico e social do sujeito, dentre estes debates, destacamos os que discutem a formação dos professores para atuarem no novo cenário social e educacional, pois, este tem exigido um profissional polivalente, com diversas habilidades e que saiba atender as necessidades socioeducativas dos educandos.

Assim, com o processo permanente de mudanças, os cursos de formação de professores vêm fazendo uma avaliação e reavaliação constante a fim de qualificar o seu desempenho no processo de formação, pois tem se percebido o distanciamento entre o campo teórico e o prático, e isso nos remete a pensar as reais condições dos cursos de formação, pois como afirma Gatti (2010), há:

[...] um evidente desequilíbrio na relação teoria-prática, em favor dos tratamentos mais teóricos, de fundamentos, política e contextualização e que a escola, como instituição social e de ensino, é elemento quase ausente nas ementas, o que leva a pensar numa formação de caráter mais abstrato e pouco integrado ao contexto concreto onde o profissional professor vai atuar (GATTI, 2010, p. 9).

Com base nessas discussões, a formação do professor tem sido marcada pela dicotomia entre a teoria e prática que causa o distanciamento do *lôcus* de trabalho que o futuro profissional da educação irá atuar. De acordo com Libâneo e Pimenta (1999, p. 267) “a

aproximação do futuro professor à realidade escolar acontece após ele ter passado pela formação ‘teórica’, tanto na disciplina específica como nas disciplinas pedagógicas”.

Dessa maneira, quando o professor iniciante chega à instituição escolar, a sua “prática real do ensino não corresponde aos esquemas em que obteve em sua formação” (ESTEVE, 1999, p. 109). Isso o leva ao desajuste entre o estudado na graduação e a realidade encontrada na escola. Contudo, para que esse desajustamento seja superado é necessário que os graduandos conheçam o mais “cedo possível os sujeitos e as situações com que irão trabalhar” (LIBÂNEO e PIMENTA 1999, p. 267).

Com o intuito de minimizar as ditas lacunas e fragilidades na formação de professores, uma das soluções encontradas pelo governo é a criação de programas e políticas que complementem a formação ofertada nas instituições de ensino superior, que segundo Pimenta (2000, p. 37), é justamente nessas novas políticas de formação que se encontram subsídios importantes como: “[...] a problematização, a intencionalidade para encontrar soluções, a experimentação metodológica, o enfrentamento de situações de ensino complexas”, que ajudam a minimizar o problema da fragilidade na formação do professor.

No Brasil, reformas educativas como a universalização do ensino fundamental, o Plano Decenal de Educação para Todos, a elaboração do currículo nacional, a educação à distância, a avaliação nacional das escolas, o incentivo à formação de professores, os parâmetros de qualidade para o livro didático e a aprovação de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, foram realizados durante as últimas décadas.

No campo da formação de professores na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, por exemplo, podemos apontar o Programa Especial de Formação Profissional para a Educação Básica (PROFORMAÇÃO)<sup>5</sup>, o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), o Programa de Iniciação à Monitoria (PIM), o Programa de Educação Tutorial (PET), entre outros programas que incentivam a formação docente e são hoje ofertados, também, na maioria das instituições de ensino superior do país.

Outro programa que tem ganhado bastante espaço no processo formativo dos cursos de licenciatura é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, em 2007, programa este que tem como objetivo aproximar universidade e escola pública por meio da inserção de

---

<sup>5</sup> O Programa Especial de Formação Profissional para a Educação Básica (PROFORMAÇÃO) foi criado através da resolução nº 06/99, do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CONSEPE/UERN) e implantado no segundo semestre de 1999 e se manteve em funcionamento até o ano de 2009.

graduandos no espaço escolar, uma vez que será seu futuro *lócus* de trabalho, para que assim, possam, desde os primeiros períodos da graduação, vivenciar de perto tudo o que envolve a dinâmica do espaço escolar e a profissão de professor.

Dessa forma, com o advento dos programas de incentivo à docência, a formação de professores é tema que ganha grande destaque nas discussões propagadas por diversos estudiosos, seja no Brasil ou fora do país. Assim, foi imprescindível investigarmos as significações de duas bolsistas de iniciação à docência acerca de sua vivência no PIBID-UERN, buscando compreender o seu desenvolvimento como futuras profissionais da educação e como as mesmas significam o seu processo formativo no diálogo entre universidade e escola.

Desse modo, ao revisarmos a vasta literatura construída sobre formação de professores, formação docente e PIBID, realizamos pesquisas nos bancos de dados da Capes por meio da plataforma Sucupira, no banco de dissertações e periódicos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e no Scielo. Como critério de seleção dos trabalhos publicados, pautamo-nos pelas seguintes temáticas: formação de professores no Brasil, formação docente, formação inicial de professores de Língua Portuguesa e PIBID. Seguindo o critério de seleção selecionamos 06 trabalhos entre dissertações e artigos escritos entre os anos de 2010 e 2017, os quais estão vinculados à temática de interesse desta investigação.

Dentre as diversas pesquisas já realizadas, enfatizamos a investigação feita por Bernadete Gatti (2010), intitulada **Formação de professores no Brasil: características e problemas**. A pesquisa evidencia questões preocupantes quanto à formação de professores, estruturas curriculares e as condições institucionais dos cursos de formação de docentes para a educação básica, uma vez que vem se prevalecendo nos cursos de graduação os aspectos teóricos em detrimento dos aspectos práticos, e isso requer “uma verdadeira revolução nas estruturas institucionais formativas e nos currículos da formação” (GATTI, 2010, p. 20), visto que a formação deve partir de seu campo de prática, ou seja, a escola, por se tratar de uma formação voltada para o trabalho com crianças, adolescentes e adultos.

Martins e Pereira (2015), no artigo intitulado **Formação docente no PIBID-UERN: contribuições para o ensino da Língua Portuguesa**, publicado na Revista Diálogo das Letras do *Campus* Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia-CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, as autoras apresentam um estudo que teve como objetivo investigar a influência do PIBID como programa de aperfeiçoamento formativo e profissional para o professor de Língua Portuguesa. O estudo aponta que o PIBID

como programa formativo para a docência, vem se destacando como componente relevante para o processo de formação da identidade docente, em especial, a do professor de Língua Portuguesa, logo que proporciona a vivência no ambiente escolar e o aperfeiçoamento da prática de ensino.

O estudo realizado por Oliveira (2012), da Universidade Federal de São João Del Rei - UFSJ/MG, sobre os **Sentidos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID na formação de professores: um estudo com egressos da Universidade Federal de São João Del-Rei**, teve como objetivo compreender os sentidos atribuídos por docentes egressos das licenciaturas da Universidade Federal de São João Del-Rei-UFSJ à experiência vivenciada como bolsistas da primeira edição do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. A investigação sinalizou que a aproximação do graduando com a realidade escolar é importante para o processo de formação docente, pois o graduando ao estar em contato constante com a sala de aula adquire maior segurança para sua atuação, tendo a possibilidade de preparar, aplicar e refletir sobre as atividades, proporcionando um amadurecimento de sua prática e ampliando a visão sobre o ensinar e como ensinar. Nesta perspectiva, para o autor da pesquisa, o contato direto com a realidade escolar, ainda na graduação, permite ao licenciando não só o uso de novas abordagens e constituição da prática, mas também permite conhecer o universo escolar e as diferentes especificidades, individuais e coletivas.

Morais (2017) na pesquisa intitulada **Representação social e docência: um estudo sobre a formação de licenciandos da UFRN (Campus Central) a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID)**, buscou compreender a representação social dos licenciandos participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - PIBID/UFRN acerca da docência. A investigação foi realizada com 91 estudantes dos cursos de Biologia, Ciências Sociais, Geografia, Inglês, Português, Matemática e Química. Seus resultados mostraram que os sentidos atribuídos à docência são entendidos pelos sujeitos participantes como um elemento complexo que perpassa cinco campos semânticos, sendo estes: vocação, formação, profissão, meta e saber/fazer. Esses campos semânticos segundo a autora da pesquisa indicam um sentido multifacetado da docência e evidenciam uma representação social em processo de construção, guiadas pelas transformações sociais em contínuo movimento.

Em diálogo com as pesquisas apresentadas acima, destacamos também a dissertação de Mestrado de Gehring (2016) que tem como título **“Formação inicial de professores de Língua Portuguesa: retratos e reflexos do PIBID”**, na qual teve como objetivo principal

refletir sobre os possíveis impactos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID na formação inicial de onze bolsistas egressos do subprojeto Letras/Língua Portuguesa nos anos de 2011-2014, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE-*Campus* de Marechal Cândido Rondon. A pesquisa revelou dados importantes acerca dos impactos do PIBID na formação docente dos egressos, principalmente no que diz respeito à interação entre o professor em formação e o aluno da educação básica, como também a aproximação entre universidade e escola, teoria e prática. Neste seguimento, observamos que o programa vem oportunizando aos alunos dos cursos de licenciatura vivenciar a realidade escolar de forma mais intensa, pois o graduando pibidiano está semanalmente na escola e sala de aula discutindo, refletindo, estudando e produzindo junto com seus pares no ambiente escolar.

Nessa perspectiva, Gatti (2014), ao realizar uma pesquisa encomendada pela Capes a Fundação Carlos Chagas, intitulada **Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID**, pesquisa essa, realizada com professores supervisores, coordenadores de área, coordenadores institucionais e graduandos bolsistas participantes do PIBID de várias regiões do país, mostram os aspectos positivos do referido programa e suas contribuições para formação, reflexão e problematização de situações reais relacionadas à atividade docente, como também para os cursos de licenciaturas como um todo e para os demais licenciandos através da socialização das aprendizagens e experiências que vivenciam nas escolas públicas. Dentre os aspectos positivos do PIBID enfatizados por Gatti (2014), destacamos as contribuições para os estudantes dos cursos de licenciaturas:

Proporciona contato direto dos Licenciandos Bolsistas, já no início de seu curso, com a escola pública, seu contexto, seu cotidiano, seus alunos. Permite a aproximação mais consistente entre teoria e prática. Estimula a iniciativa e a criatividade, incentivando os Licenciandos a buscar soluções, planejar e desenvolver atividades de ensino e a construir diferentes materiais didáticos e pedagógicos. Estimula o espírito investigativo. Contribui para a valorização da docência por parte dos estudantes. Proporciona formação mais qualificada dos Licenciandos (GATTI, 2014, p. 104).

Neste entendimento, o PIBID, ao oferecer condições favoráveis para o processo de formação dos graduandos que serão futuros professores, proporciona e oportuniza a articulação entre teoria/prática e o diálogo entre Universidade/Escola, uma vez que o graduando vivencia a docência, partilha as atividades práticas da função de professor através da regência de aula, do planejamento das atividades diárias, como também das atividades

simbólicas como a constituição de valores, afetos e significados, tão importantes quanto às atividades de sala de aula que visam à aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

Evidenciamos que as pesquisas apresentadas têm pontos em comum, discutem o PIBID e a formação inicial de professores, porém, cada investigação apresenta sua especificidade teórica e metodológica quanto ao seu objetivo de estudo, o que se constitui também como um diferencial de nossa investigação. Assim, os dados reunidos através deste breve balanço nos oferecem subsídios significativos para a realização de nossa pesquisa, contudo, é relevante ressaltar que estes são apenas alguns dos muitos estudos realizados por estudiosos destas temáticas, mas que a literatura disponível não se esgota neste breve levantamento, uma vez que não realizamos um estudo exaustivo sobre todas as produções bibliográficas.

Destarte, diante de todo o levantamento da literatura, não nos deparamos com nenhum estudo voltado para a apreensão dos significados e sentidos constituídos por bolsistas de iniciação à docência acerca de sua vivência no PIBID/UERN, deste modo, consideramos relevante à realização de nossa investigação, visto que, não encontramos pesquisas voltadas para este objetivo, sendo um campo novo de discussão. Nessa perspectiva, os estudos aqui apresentados têm o intuito de situar os leitores sobre o que vem sendo pesquisado pelos estudiosos acerca destas temáticas.

De tal modo, é com base nas últimas pesquisas apresentadas e nas experiências vivenciadas como participante deste Programa - na condição de bolsista de iniciação à docência (no período de agosto de 2011 a maio de 2012, no curso de Pedagogia/CAP-UERN e no Subprojeto da Área de Letras – Língua Portuguesa/CAP-UERN, no período de março de 2014 a agosto de 2016) que surgiu o interesse em pesquisar acerca do PIBID como elemento constitutivo na formação de bolsistas de iniciação à docência na UERN.

No propósito de nos aprofundarmos neste tema, elegemos o seguinte problema de pesquisa: **Quais os significados e sentidos constituídos por bolsistas de iniciação à docência acerca de sua vivência no PIBID-UERN?**

Dessa maneira, por ser o PIBID de grande relevância para a formação inicial dos graduandos dos cursos de licenciaturas e para responder a essa questão traçamos o seguinte objetivo: **Apreender os significados e sentidos constituídos por bolsistas de iniciação à docência acerca de sua vivência no PIBID-UERN.**

Em vista do objetivo apresentado e por o PIBID está presente em muitas instituições do país contribuindo para a melhoria na formação dos professores, dos cursos de licenciatura, das escolas públicas e da educação, consideramos que seja relevante discutir essa temática no

atual cenário educacional brasileiro, como também no âmbito da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, uma vez que:

[...] a efetivação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência na UERN, vem se constituindo em uma nova prática das atividades diárias, que tem contribuído tanto para elevar a qualidade da formação dos discentes, como para potencializar a melhoria dos cursos de licenciaturas e, conseqüentemente, do ensino básico (BATISTA et al, 2014, p. 23).

Dessa forma, mediante a finalidade de atender ao objetivo exposto e na busca por respostas ao nosso questionamento, desenvolvemos a pesquisa alicerçada nos estudos teórico-metodológico da Psicologia Sócio-Histórica de Vigotski e colaboradores, tendo como base o Materialismo Histórico-Dialético e algumas categorias de análise, historicidade, mediação, atividade, pensamento e linguagem, significados e sentidos. Para a produção das informações foi utilizada a entrevista reflexiva (SZYMANSKI, 2011), realizada com duas bolsistas de iniciação à docência do PIBID/LETRAS-CAP-UERN, e os Núcleos de Significação (AGUIAR e OZELLA, 2013); (AGUIAR, SOARES e MACHADO, 2015) para análise das significações das graduandas. A pesquisa que ora se apresenta está organizada em cinco capítulos:

O **primeiro capítulo** (Introdução) apresenta uma breve discussão acerca da formação de professores no Brasil, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID, revisão de literatura, problema de pesquisa, objetivo traçado para ser alcançado por essa pesquisa e detalhamento de cada capítulo.

No **segundo capítulo** apresentamos a Psicologia Sócio-Histórica: processo de constituição do humano, em que discutimos a concepção de homem e algumas categorias como: historicidade, mediação, atividade, pensamento e linguagem, significados e sentidos, baseados nos estudos de Aguiar (2001b) Bock (1999), Duarte (1993; 2003), Gonçalves (2010; 2015), Leontiev (1978a, 1978b, 1987), Lukács (1979), Oliveira (1997), Severino (1994, 2005), Soares (2011), Vigotski (1998; 2001; 2007) dentre outros.

O **terceiro capítulo** trata acerca de algumas discussões sobre o método investigativo na Psicologia Sócio-Histórica, os procedimentos metodológicos do *Lócus* da Pesquisa: espaço e bolsistas, os critérios de escolha e as bolsistas da pesquisa, procedimentos utilizados na produção de informações, entrevista reflexiva, os núcleos de significação como procedimento de análise e interpretação das informações.

O **capítulo quarto**, traz em sua estrutura o movimento analítico/interpretativo da fala das bolsistas por meio da entrevista reflexiva (SZYMANSKI, 2011), pré-indicadores,

indicadores e a proposta dos núcleos de significação, (AGUIAR e OZELLA, 2013), (AGUIAR, SOARES e MACHADO, 2015). Na primeira parte do capítulo apresentamos o levantamento dos pré-indicadores das entrevistas reflexivas com as duas bolsistas de iniciação à docência Isis e Florbela. Na sequência, trazemos a sistematização dos indicadores e finalizando com a construção e nomeação dos núcleos de significação.

No **quinto capítulo**, trazemos nossas interpretações acerca dos significados e sentidos constituídos pelas bolsistas de iniciação Isis e Florbela à docência acerca de suas vivências no PIBID-UERN. Assim, para que pudéssemos nos aproximar das significações das bolsistas sistematizamos três (3) núcleos de significação, a saber: **Núcleo de Significação: “Mediações Sociais e Históricas: elementos que constitui o sujeito”** apresenta a discussão acerca dos aspectos constitutivos de Isis e Florbela, considerando as mediações sociais e históricas em seu processo de desenvolvimento e constituição; **Núcleo de Significação: “Mediações e Aprendizagens constituídas na relação PIBID e Escola”**, discute as significações constituídas acerca das atividades desenvolvidas por Isis e Florbela como bolsistas de iniciação à docência na escola pública na cidade de Patu/RN, dificuldades, orientações, relacionamentos, planejamentos, coordenação, rotatividade, reflexão e equilíbrio entre o estudo, PIBID e o trabalho; **Núcleo de Significação: “Significações Produzidas a partir da vivência no PIBID-UERN”**, trata das significações produzidas por Isis e Florbela acerca de sua vivência no PIBID-UERN, as lacunas e distanciamento entre o que se estuda na universidade e as atividades de ensino na escola pública, as experiências e aprendizagens construídas por meio do programa, a motivação para o estudo e para a pesquisa e o compartilhamento das vivências com os colegas e professores da escola pública.

Para finalizar, tecemos as **considerações** sobre os resultados desta pesquisa, apontando os significados e sentidos constituídos por Isis e Florbela bolsistas de iniciação à docência acerca de suas vivências no PIBID-UERN. Destacamos a relevância do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID, no âmbito da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, como uma política educacional exitosa e comprometida com a formação de professores, uma vez que tem introduzido acadêmicos dos cursos de licenciatura nas escolas de educação básica, oportunizando experiências e vivências aos futuros professores, através de propostas motivadoras e diferenciadas para o ensino, buscando superar as dificuldades impostas pelo ensino básico. Dessa forma, esperamos que o presente estudo contribua de forma significativa para a pesquisa científica em Educação, visto que, o PIBID tem se constituído como sendo de muita importância para a formação inicial nos cursos de licenciaturas no Brasil.

## 2 A PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO HUMANO

Por mais individual que pareça, toda criação guarda sempre em si um coeficiente social. Nesse sentido, não existem inventos individuais no estrito sentido da palavra, em todos eles fica sempre alguma colaboração anônima (VIGOTSKI, 2003).

A Psicologia Sócio-Histórica (PSH) nos encaminha ao estudo do homem como um ser que se constitui não apenas como ser biológico, mas que também é constituído na apropriação das produções históricas e culturais do seu gênero. Essas duas partes constitutivas do humano (biológico/histórico), mesmo que opostas, se completam e tornam-se unidade. Assim, o social e o individual não só se complementam, mas não existe um sem o outro, já que o homem é social, histórico e individual ao mesmo tempo e se constitui nas e pelas múltiplas relações que estabelece com a sociedade e com a cultura.

A partir desta perspectiva, buscamos no delineamento deste capítulo apresentar algumas categorias centrais que partem da compreensão do sujeito histórico como sendo o centro do debate. Nesse sentido, discorreremos no item seguinte acerca da concepção de homem e as categorias que nos auxiliaram no desenvolvimento desta pesquisa.

### 2.1 DISCUSSÕES ACERCA DA CONCEPÇÃO DE HOMEM E ALGUMAS CATEGORIAS CENTRAIS NA CONSTITUIÇÃO DO HUMANO

A discussão acerca da concepção de homem e algumas categorias de análise na abordagem da Psicologia Sócio-Histórica se tornam importante, uma vez que, apresentam o norte das reflexões teórico-metodológicas que devemos seguir no processo de investigação de uma realidade.

Nesse sentido, para compreendermos o homem constituído histórica e socialmente por meio das múltiplas relações que estabelece na sociedade com a cultura, com a história, com o tempo e com os outros, fazemos uso de categorias que nos permite explicar a gênese do fenômeno estudado em movimento e transformação. Acerca da importância das categorias Aguiar (2001a) aponta que:

As categorias se apresentam então como aspectos do fenômeno, constituído a partir do estudo do processo, do movimento, da gênese desde último. As categorias de análises devem dar conta de explicitar, descrever e explicar o

fenômeno estudado em sua totalidade. São construções ideais (no plano das ideias) que representam a realidade concreta e, como tais, carregam o movimento do fenômeno estudado, suas contribuições e sua historicidade (AGUIAR, 2001a, p. 95).

Assim, adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica (PSH) assentada no Materialismo Histórico-Dialético (MHD) que busca compreender o homem em processo de mudança e não somente como um sujeito estático e biológico, mas que sua construção psíquica é desenvolvida a partir do processo de apropriação dos elementos históricos, sociais e culturais da humanidade, uma vez que o indivíduo ao apropriar-se desses elementos objetiva-se neles e torna-se um ser cultural. Nesta compreensão, Duarte (2003, p. 44) diz que:

O desenvolvimento sócio cultural do indivíduo é o desenvolvimento de um indivíduo histórico, portanto situado na história social humana. E para que esse desenvolvimento ocorra é necessário que o indivíduo se aproprie dos produtos culturais, tanto aqueles da cultura material como aqueles da cultura intelectual.

Nessa perspectiva, compreendemos que o homem em sua totalidade está articulado dialeticamente com os aspectos externos e internos, ou seja, o indivíduo é compreendido como unidade do social e individual e como também por ser o único sujeito capaz de transformar o lugar em que vive e, ao mesmo tempo, ser modificado por ele.

Para tanto, a Psicologia Sócio-Histórica e o Materialismo Histórico-Dialético fazem uso de algumas categorias de análise do homem em seu meio social e histórico, dentre essas categorias, destacamos as seguintes: historicidade, mediação, atividade, pensamento e linguagem, e as categorias significados e sentidos sobre a qual discutiremos no item seguinte deste capítulo, tomando como aporte teórico alguns autores que fazem parte desta abordagem.

## 2.2 CONCEPÇÃO DE HOMEM

Na Psicologia Sócio-Histórica a concepção de homem é entendida no viés da compreensão de que o sujeito é constituído social, histórica e culturalmente, e que seu desenvolvimento acontece de modo contínuo, por toda a vida, na “relação dialética com o social e com a história, o que o torna ao mesmo tempo único, singular e histórico” (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 301).

Nessa perspectiva, compreendemos o homem não apenas como um ser biológico como afirmam as concepções naturalistas, nem tão pouco como universal e abstrato, mas constituído nas e pelas relações sociais que estabelece com o meio e com os outros homens. Assim, “priorizar o homem como um ser biológico é reduzi-lo a um homem geral, abstrato. Ao contrário, a concepção concreta do homem atribui a ele propriedades sócio- históricas”, (BOCK, 1999, p. 24), ou seja, o homem é um ser ativo, criativo, social e histórico que produz sua existência na relação com outros homens, com a cultura e com a sociedade.

Ainda de acordo com a autora, para alcançarmos “a ideia/conceito de condição humana é fundamental darmos o salto da concepção naturalista do homem para uma concepção sócio histórica”, visto que, “as explicações sobre o homem devem ser baseadas fundamentalmente no mundo social e histórico” (BOCK, 1999, p. 28). Desse modo, a condição humana não se encontra aprioristicamente concebida, mas é uma construção que acontece no meio social.

Para Furtado (2002, p. 80) “o homem por sua característica sócio histórica, não nasce pronto [...]. Cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade”, pois, “ainda é preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana”. Dessa forma, o desenvolvimento do indivíduo não necessariamente depende das condições naturais e biológicas, uma vez que nada no homem é concebido e suas condições hereditárias são a sustentação para o seu desenvolvimento sócio histórico.

Duarte (1993) parafraseando Marx & Engels, na Ideologia Alemã, aponta que o homem ou qualquer outro ser vivo para existir precisa assegurar sua existência por meio de sua atividade, pois é a atividade que lhe possibilita criar artefatos e instrumentos que o permitirão produzir os bens materiais e intelectuais da humanidade. Porém, para que isso aconteça ele necessita de estar em condições de viver. Sobre este ponto de vista, ressalta o autor:

[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder ‘fazer história’. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. **O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação dessas necessidades** (DUARTE, 1993, p. 30).

Assim, o homem, ao realizar o seu primeiro ato histórico, produz as condições necessárias a sua sobrevivência. Isto significa dizer que a atividade vital humana não se

caracteriza como a atividade vital dos animais, pelo simples fato de que o homem, ao produzir os meios de satisfação de suas necessidades, ele cria uma realidade humanizada pela atividade e transforma a si próprio e a natureza.

Duarte (1993, p. 31), citando o Terceiro Manuscrito de Marx (1987), enfatiza que “O homem [...] não é apenas um ser natural, mas um ser natural humano, isto é, um ser que é para si próprio e, por isso, um ser genérico”. Porém, mesmo sendo o homem este ser natural não nasce totalmente constituído, ele precisa se apropriar das criações que o humano criou para se constituir homem ao longo de sua vida.

Leontiev (1978a, p. 301) ressalta que “o homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas”. Neste sentido, o homem no decorrer de sua vida vai adquirindo as capacidades verdadeiramente humanas quando se apropria da produção histórica e cultural do seu gênero e, nesse processo, ele se humaniza, assim, podemos dizer que é através de um movimento dialético, histórico e social que o homem produz a sua existência e se desenvolve nas dimensões individuais e grupais ao longo do tempo e da história.

No tópico seguinte, discorreremos acerca da categoria historicidade por considerarmos importante para o entendimento da realidade social e histórica em que as bolsistas de iniciação à docência Isis e Florbela estão inseridas.

### 2.3 HISTORICIDADE

A categoria historicidade está fundamentada no materialismo histórico- dialético, essa categoria é compreendida como “complemento analítico, que aponta para a necessidade de se considerar o conteúdo histórico presente nos processos de constituição de sujeitos, subjetividade e dimensão subjetiva dos fenômenos sociais” (GONÇALVES, 2010, p. 125). A historicidade nos permite compreender o desenvolvimento do homem não como pronto e acabado, mas, constituído em sociedade no contato com outros sujeitos, com a história e com o social. Sobre historicidade, Lukács (1979) escreve que:

A historicidade implica não o simples movimento, mas também é sempre uma determinada direção na mudança, uma direção que se expressa em transformações qualitativas de determinados complexos, tanto em si como em relação com outros complexos (LUKÁCS, 1979, p. 79).

A historicidade humana é compreendida como um movimento dialético que implica mudança e transformação, e é nesse movimento dialético com outros sujeitos no social que o indivíduo se constitui como também organiza seu modo de pensar, sentir e agir, nos diversos espaços sociais. Acerca dessa questão, Soares (2011, p. 34) destaca “como ser histórico, o homem está, portanto, sempre se transformando, ao mesmo tempo em que também transforma o mundo com o qual se relaciona”.

Nessa perspectiva, Severino (1994, p. 150) discorre que “o homem é, de fato, um ser em permanente construção, que vai se fazendo no tempo pela mediação de sua prática, de sua ação. Ele é um ser histórico, que vai se criando no espaço social e no tempo histórico”. Assim, o homem é um sujeito histórico que constrói sua própria realidade em contato com a natureza e com os outros sujeitos. Porém, a relação “homem/natureza não se dá de maneira puramente mecânica: os homens estabelecem com ela uma relação marcada pela intervenção de um elemento novo, a subjetividade” (SEVERINO, 1994, p. 150).

Oliveira (2002, p. 29) ressalta que “o homem enquanto ser social [...] se torna humano exatamente quando se apropria da produção social construída histórica e socialmente pelas gerações anteriores”. Nesse sentido, a historicidade também nos conduz à compreensão das diversas formas de apropriação do indivíduo ao que é culturalmente produzido pela humanidade.

Para Duarte (1993, p. 27), esse “processo de objetivação e apropriação constitui a dinâmica fundamental da formação do gênero humano e dos indivíduos”, deste modo, os processos de apropriação da história, da cultura e das práticas sociais são determinantes na constituição do sujeito.

Dessa maneira, a historicidade é uma das categorias centrais para compreender o movimento constitutivo do humano, uma vez que o homem por ser ativo e criativo não é um ser mecânico ou pronto, mas, ao contrário, está em contínua transformação e mudança. Vigotski (2007, p. 68) deixa claro essa ideia quando pontua que “estudar alguma coisa historicamente, significa estudá-la no processo de mudança: esse é o requisito básico do método dialético. [...] uma vez que é somente em movimento que o corpo mostra o que é”.

Assim sendo, para fazermos uma análise crítica do desenvolvimento histórico do sujeito, devemos compreender que a realidade social na qual o indivíduo está inserido é construída historicamente em um processo dialético entre o objetivo e subjetivo. É o que destaca Gonçalves e Bock (2009, p. 142):

[...] a realidade social é construída historicamente, em um processo que se dá entre o plano subjetivo e o objetivo. A base material agrega subjetividade, a partir da ação do sujeito sobre ela, daí a sua historicidade. Por isso, não é possível falar-se de realidade sem considerar o sujeito que a constitui e ao mesmo tempo é constituído por ela.

Desse modo, investigar a historicidade do sujeito constituído na realidade social, é compreendê-lo como sujeito ativo em processo de mudança que aos poucos vai construindo a sua própria realidade, transformando e sendo transformado por essa realidade que o constitui. Destarte, “para situar o homem na sua historicidade” é preciso entender que “em sua constituição histórica, o homem produz bens materiais e espirituais, ou seja, produz objetos e ideias” (GONÇALVES, 2015, p. 49).

Portanto, estudarmos o sujeito como produtor de sua própria realidade é compreendermos que cada indivíduo se desenvolve de modo individual e único no movimento dialético com os outros sujeitos em sociedade, assim, cada sujeito tem sua particularidade e sua subjetividade. Dessa forma, ressaltamos a importância da categoria historicidade, uma vez que nos auxiliou na compreensão dos modos de sentir e agir das bolsistas e nos ajudou a apreender os significados e sentidos que constituíram o processo dialético de suas vivências no PIBID-UERN. Na sequência discutiremos acerca da categoria mediação.

## 2.4 MEDIAÇÃO

A Mediação é a categoria que nos ajuda a explicar o processo pelo qual o homem se constitui dialeticamente com a realidade, com objetos, processos e com outros sujeitos. De acordo com Severino (2005, p. 44):

A mediação é categoria fundamental, pois é a instância que relaciona objetos, processos ou situações entre si, como também, é o elemento que viabiliza a realização de outro e que, embora seja distinto dele, garante a sua efetivação, dando-lhe concretude.

Nessa perspectiva, é por meio da mediação que se estabelecem as relações entre o sujeito, a realidade e os objetos. Essa categoria não exerce simplesmente a função de ligar ao homem, objetos, instrumentos e pessoas, mas propicia e organiza as relações entre todos esses elementos, uma vez que, “ocorre na relação com o outro, nas diferentes formas de

semiotização e que possibilita e sustenta a relação social” (BARBOSA, GÓIS e MARQUES, 2017, p. 151).

Nesse sentido, a mediação é uma categoria central para a compreensão do desenvolvimento humano e é considerada “fundamental para uma concepção histórico-social do processo de formação do indivíduo” (DUARTE, 1993, p. 46), ou seja, a mediação nos ajuda a compreender a realidade como uma unidade dialética constituída por contradições. Assim, para que o homem se aproprie das produções históricas de seu gênero, é preciso que outros seres humanos lhes propiciem meios para que essa apropriação aconteça, pois, “todas as apropriações se realizam de forma mediatizada pelas relações com outros indivíduos” (idem, p. 47).

De acordo com Oliveira (1997), um conceito importante para compreender a concepção Vigotskiana acerca do funcionamento psicológico é o conceito de mediação que em termos genéricos se caracteriza como “um processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (OLIVEIRA, 1997, p. 26). Dessa maneira, a relação do homem com o mundo é uma relação mediada por diversos elementos, dentre estes, destacamos o outro, os afetos, os signos e os instrumentos. Quanto aos instrumentos, a autora argumenta:

Um elemento interposto entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho, ampliando as possibilidades de transformação da natureza. [...] O instrumento é feito ou buscado especialmente para um certo objetivo. Ele carrega consigo, portanto, a função para a qual foi criado e o modo de utilização desenvolvido durante a história do trabalho coletivo. É, pois, um objeto social e mediador da relação entre o indivíduo e o mundo (OLIVEIRA, 1997, p. 29).

Assim, o instrumento é um objeto social criado para um determinado fim que possibilita ao homem a transformação da natureza, como também serve para mediar à relação entre o homem e seu entorno, uma vez que o instrumento é o “condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente; deve necessariamente levar a mudanças no objeto” (VIGOTSKI, 2007, p. 55).

Oliveira (1997) ressalta que Vigotski faz uma distinção importante entre o uso dos instrumentos pelos homens e pelos animais, pois, enquanto que os animais usam os instrumentos de forma rudimentar e que, diferentemente do homem, não têm a capacidade de produzir seus próprios “instrumentos com objetivos específicos, não guardam os instrumentos para uso futuro, não preservam sua função como conquista a ser transmitida a outros membros

do grupo social” (OLIVEIRA, 1997, p. 29), ou seja, os animais não têm a capacidade de desenvolver “sua relação com o meio num processo histórico-cultural, como o homem” (idem p. 29).

No que diz respeito aos signos, Oliveira (1997, p. 30) ressalta que os mesmos “agem como instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho”, pois “auxiliam nos processos psicológicos e não nas ações concretas, como os instrumentos”, uma vez que, em “sua forma mais elementar o signo é uma marca externa, que auxilia o homem em tarefas que exige memória ou atenção” (idem, p. 30) e por isso Vigotski os chama de instrumentos psicológicos.

Para Vigotski (2007, p. 55), “o signo [...] não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente”. É por isso que no processo de desenvolvimento do sujeito as suas funções psicológicas vão ficando mais elaboradas de maneira que o mesmo não necessite somente das marcas externas, mas das representações e construções do mundo interno, logo que são as “representações mentais que substituem os objetos do mundo real”, (OLIVEIRA, 1997, p. 35).

Ainda de acordo com Oliveira (1997, p. 33), “o processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais”, assim, a “mediação é um processo essencial para tornar possíveis atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo” (idem). Porém, os processos de mediação sofrem transformações no decorrer do desenvolvimento do sujeito, visto que, constituem funções psicológicas mais sofisticadas e elaboradas.

Dessa forma, tanto os instrumentos como os signos têm funções de elementos mediadores, esse é o ponto comum entre os dois, mas de natureza diferentes, pois, enquanto que os instrumentos servem de ferramenta concreta para o homem realizar tarefas, os signos estão relacionados ao campo psicológico e às representações mentais. Desse modo, a mediação não é um processo mecânico, imediato ou pronto, mas é movimento e processo que ocorre através da relação dialética entre homem/instrumento/signo, sendo que, por meio desta mediação é possível aos sujeitos estabelecerem relações com a realidade, com o mundo e com outros sujeitos. Seguiremos nossa discussão com a categoria atividade destacando que o homem por meio de sua atividade modifica, cria, transforma e é transformado, constituindo-se nesse processo dialético.

## 2.5 ATIVIDADE

Para discutirmos a respeito da categoria atividade é importante atentarmos para os estudos desenvolvidos pelos teóricos da Psicologia Sócio-Histórica, como Vigotski e Leontiev (criador da teoria da atividade). Essa categoria tem se destacado por compreender e explicar a constituição do homem por meio da atividade por ele realizada, visto que, de acordo com Leontiev (1987, p. 49):

Os homens em sua atividade, não se conformam em adaptar-se à natureza. Transformam esta em função de suas necessidades em desenvolvimento. Inventam objetos, ferramentas e máquinas muito complexas. Constroem moradias, tecem roupas, produzem outros valores.

Nessa perspectiva, os homens criam, inventam e produzem de acordo com suas necessidades, não somente biológicas, mas, principalmente, sociais, pois, ao realizar sua atividade ele não está apenas modificando ou transformando o mundo natural, mas está produzindo a história que será transmitida às gerações futuras.

Duarte (1993, p. 28), ao fazer uma análise dos Manuscritos Econômico- Filosóficos, de Karl Marx (1844), diferencia o ser humano dos demais animais através das características da “atividade vital” que é caracterizada por ele como “aquela que produz a vida,” e “que toda espécie animal (e também gênero humano) precisa realizar para existir e reproduzir a si própria enquanto espécie”, ou seja, a atividade vital humana é o princípio que garante ao homem dar continuidade a espécie e a existência da sociedade.

Nesse sentido, é importante ressaltar que tanto o homem como o animal produzem atividade vital, o que os distingue é que a atividade vital humana não assegura apenas a continuidade biológica, como no caso dos animais que desenvolvem suas atividades para satisfazer suas necessidade instintivas, mas assegura a existência humana e reproduz as características fundamentais ao gênero humano através das leis sociais e históricas.

Oliveira (2010) destaca a atividade humana como o processo de mediação entre homem e natureza, pois é:

Uma atividade teleológica que rompe com os limites biológicos previstos pela *specie homo*, isto é, uma atividade realizada por um sujeito que transforma intencionalmente a natureza e a si mesmo, para além daquilo que foi previsto pela natureza (OLIVEIRA, 2010, p. 3).

Nesse aspecto, o homem ao romper com os aspectos biológicos e não estar dirigido apenas pelas leis genéticas, mas por uma atividade vital surgida no desenvolvimento do trabalho humanizado realizado com intencionalidade e orientado a um fim, é que a atividade vital humana o possibilita transformar a natureza e, conseqüentemente, ser modificado por ela, tornando-o ativo e criativo diferenciando-se dos outros animais.

Dessa forma, o homem, ao realizar atividades em busca de suprir e satisfazer suas diferentes necessidades “cria uma realidade humanizada tanto objetiva quanto subjetivamente” (DUARTE 1993, p. 31) se apropriando de sua condição humana e histórica. Por atividade humana, o referido autor entende que seja uma atividade histórica e geradora de história, do desenvolvimento humano, da humanização da natureza e do próprio homem caracterizando-se “em decorrência da especificidade e peculiaridade dessa atividade frente a todas as demais formas de atividade de outros seres vivos” (Idem, p. 38).

De acordo com Oliveira (1997, p. 96), para Leontiev, as atividades humanas são “formas de relação do homem com o mundo, dirigidas por motivos, por fins a serem alcançados” que também “envolve a noção de que o homem orienta-se por objetivos, agindo de forma intencional, por meio de ações planejadas” (idem, p. 96), pois, o homem, no movimento dialético de busca e planejamento, a fim de que seus objetivos sejam alcançados age conscientemente em busca de realizar novas necessidades biológicas, históricas e sociais.

Assim, corroboramos com o entendimento de Oliveira (1997, p. 97) quanto diz que “a atividade de cada indivíduo ocorre num sistema de relações sociais e de vida social”, uma vez que o homem não consegue viver descolado de sua realidade externa. Nessa perspectiva, “a atividade psicológica interna do indivíduo tem sua origem na atividade externa”, visto que as atividades mentais internas emergem da atividade prática desenvolvida na sociedade humana, e, desta maneira, “os processos psicológicos do indivíduo, internalizados a partir de processos interpsicológicos, passam a mediar à atividade do sujeito no mundo” (OLIVEIRA, 1997, p. 97).

Desse modo, compreendemos que o homem, enquanto ser social está sempre em processo de mudança e desenvolvimento, que vai se criando no tempo e no espaço social e histórico por meio da mediação de sua atividade, estabelecendo relações sociais com seus pares e constituindo-se também a partir dessas relações, e a categoria atividade nos permite compreender o processo de relação entre os homens e sua realidade. Na sequência, discutiremos acerca do pensamento e linguagem, categorias importantes para a compreensão das significações de Isis e Florbela.

## 2.6 PENSAMENTO E LINGUAGEM

As categorias Pensamento e Linguagem são primordiais quando se trata de compreendermos o sujeito e sua constituição, como também para a compreensão dos significados e sentidos produzidos pelos sujeitos em sua atividade social e histórica. Nesse sentido, o estudo da relação entre o pensamento e a linguagem é fundamental para alcançarmos o funcionamento psicológico do sujeito, uma vez que “a associação entre pensamento e linguagem é atribuída à necessidade de intercâmbio dos indivíduos durante o trabalho, atividade especificamente humana” (OLIVEIRA, 1997, p. 45). Dessa forma, para agir no coletivo com seus pares, de maneira cada vez mais sofisticada, o homem precisa de um sistema de comunicação social que lhe permita compartilhar informações.

Para Barbosa (2011), as relações entre o pensamento e a linguagem são centrais na obra de Vigotski, pois:

[...] embora linguagem e pensamento possuam origens diferentes do ponto de vista filogenético e ontogenético, [...] mas num determinado ponto do processo de desenvolvimento estas duas funções psicológicas se unem e não se separam mais (BARBOSA, 2011, p. 37).

Nessa perspectiva, mesmo que pensamento e a linguagem em determinados pontos possuam origens diferentes, Vigotski considera que o desenvolvimento do indivíduo tem origem nesses dois fenômenos, por ser um movimento dialético que se articula, constituindo um ao outro através da relação de mediação, pois, apesar de suas raízes genéticas serem diferentes, estes estão vinculados através de seu próprio movimento de desenvolvimento, visto que o pensamento e a linguagem “surgem e se constituem unicamente no processo do desenvolvimento histórico da consciência humana, sendo, elas próprias, um produto e não uma premissa da formação do homem” (VIGOTSKI, 2001, p. 395).

Desse modo, pensamento e linguagem não são externos um ao outro, mas cada um desses elementos constitui uma unidade que representa parte de um processo, a partir do qual se formam as funções psicológicas superiores e, dessa maneira, é importante que compreendamos cada um de acordo com sua complexidade. Para Vigotski (2001, p. 409), “todo o pensamento procura unificar alguma coisa, estabelecer uma relação entre coisas”, uma vez que “todo pensamento tem um movimento, um fluxo, um desdobramento, em suma, o pensamento cumpre alguma função, executa algum trabalho, resolve alguma tarefa”.

Assim, o movimento do pensamento se realiza internamente através de uma série de construções de planos que vai do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento, de tal

modo que a “função de pensamento generalizante torna a linguagem um instrumento de pensamento”, e “a linguagem fornece os conceitos e as formas de organização do real que constituem a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento” (OLIVEIRA, 1997, p. 43), não sendo uma relação direta, mas mediatizada.

De acordo com Vigotski (2001, p. 412), a linguagem não se constitui como “um simples reflexo especular da estrutura do pensamento”, como também, “não serve como expressão de um pensamento pronto”, pois “ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica”. Nesta perspectiva, Aguiar et al (2009, p. 55) aponta que “o desenvolvimento da linguagem, produzida social e historicamente, e dos significados permite uma representação da realidade no pensamento e, portanto, [...] a compreensão da atividade no campo da consciência”. Logo, podemos compreender que a unidade que faz a mediação entre o pensamento e a linguagem é o significado, uma vez que o significado rompe com a dicotomia entre estes dois elementos.

Portanto, o modo pelo qual o pensamento e a linguagem se configuram no processo de constituição do sujeito é um processo de desenvolvimento sócio-histórico que se constitui a partir das diversas relações estabelecidas com o social, com a cultura e com o outro. Assim, se faz necessário, discutirmos no próximo item a importância das categorias Significados e Sentidos, visto que estas também atuam como mediadoras nas relações de constituição das bolsistas.

## 2.7 DISCUSSÕES ACERCA DE SIGNIFICADOS E SENTIDOS

Na Psicologia Sócio-Histórica, ao discutirmos acerca das categorias de significados e sentidos, é importante compreendê-las “como construções intelectivas abstratas que são, carregam a materialização e as contradições presentes no real, condensando aspectos dessa realidade e, assim, destacando-os e revelando-os” (AGUIAR et al, 2009, p. 60). Os significados e sentidos embora sejam analisados de formas diferentes, não podem ser apreendidos separadamente por existir entre eles uma relação dialética.

Para Vigotski (1998, p. 181), “o significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala”. O significado está relacionado à constituição do pensamento do sujeito e que pode não se revelar diretamente pela fala.

Para Leontiev (*apud* AGUIAR et al, 2009) os significados são produções históricas que refletem a coletividade e a generalização. Nesse sentido, aponta a autora:

Os significados levam a uma vida dupla, eles são produzidos pela sociedade e têm seu histórico no desenvolvimento da linguagem, na história do desenvolvimento das formas da consciência social; [...] Nessa sua existência objetiva, os significados obedecem às leis sócio-históricas e, ao mesmo tempo, à lógica interior de seu desenvolvimento. Porém, apesar de toda a riqueza inexaurível, toda a diversidade dessa vida dos significados, eles permanecem escondidos dentro de outra vida e em outro tipo de movimento – seu funcionamento nos processos da atividade e consciência de indivíduos específicos, ainda que possam existir somente por meio desses processos. Nessa sua segunda vida, os significados são individualizados e “subjetivados” apenas no sentido de que seu movimento no sistema das relações sociais não está neles diretamente contido; eles entram em outro sistema das relações, outro movimento. Mas a coisa notável é que, ao fazer isso, não perdem a sua natureza Sócio-Histórica, a sua objetividade (LEONTIEV *apud* AGUIAR et al, 2009, p. 61-62).

Os significados se constituem como categoria de fundamental importância para a compreensão da constituição do homem, através da atividade por ele realizada no campo social. Dessa forma, os significados são produções históricas e sociais que constituem os conteúdos partilhados pela humanidade, como também contribuem para o entendimento da constituição do sujeito. Porém, para apreendermos de forma mais profunda o modo de sentir e agir do sujeito, precisamos compreender os sentidos que organizam a sua fala.

De acordo com Aguiar e Ozella (2013, p. 304) “o sentido é muito mais amplo que o significado, pois o primeiro constitui a articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz ante uma realidade”. O Sentido seria então “um agregado de todos os fatos psicológicos que surgem na nossa consciência como resultado da palavra” (AGUIAR *et al*, 2009, p. 63).

Para Vigotski (2001, p. 466) “o sentido real de cada palavra é determinado, no fim das contas, por toda a riqueza dos momentos existentes na consciência e relacionados aquilo que está expresso por uma palavra”. Assim, os sentidos referem-se a um fenômeno psicológico ligado à singularidade do sujeito, mesmo que sua constituição também aconteça por meio dos fatos sociais.

Ainda conforme Vigotski (2001, p. 465), é importante ressaltar que:

O sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido, é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido.

Segundo Vigotski (2001), os sentidos são dinâmicos, flexíveis e inconstantes, mudam conforme o contexto em que a palavra é empregada. Nessa perspectiva, os sentidos são constituídos ao longo do processo histórico do sujeito mediado por sua história pessoal e social. Aguiar e Ozella (2013, p. 304-305) enfatizam que:

O sentido refere-se às necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade. A categoria sentido destaca a singularidade historicamente construída.

Desse modo, para apreendermos os sentidos é necessário compreendermos o homem como sujeito que estabelece relações no meio social do qual faz parte, relações estas que são mediadas por múltiplos significados que constituem o sentido. Para a Psicologia Sócio-Histórica, sentido e significado são categoriais importantes que ajudam explicar o humano sem que este esteja separado da realidade social, mas com o intuito de compreender o sujeito e o mundo do qual ele faz parte, uma vez que unem a relação entre o pensamento e a linguagem, possibilitando compreender o pensamento por meio da apreensão da palavra.

No próximo capítulo apresentaremos o método teórico-metodológico que norteia esta pesquisa, no qual são abordados aspectos relevantes do método de Vigotski (2007) que alicerçou o modelo de pesquisa em discussão.

### 3 O MÉTODO DO TRABALHO INVESTIGATIVO NA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA

A procura do método torna-se um dos problemas mais importantes de todo o empreendimento para a compreensão das formas caracteristicamente humanas de atividade psicológica. Nesse caso, o método é, ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo (VIGOTSKI, 2007).

Na primeira parte deste capítulo abordamos questões referentes ao método de Vigotski (2007) que alicerçou nossa pesquisa, procedimentos metodológicos, *locus* da pesquisa: espaço, bolsistas, critérios de escolha e as bolsistas da pesquisa. Na parte seguinte, apresentamos os procedimentos utilizados na produção das informações: a entrevista reflexiva de Szymanski (2011), e os núcleos de significação como procedimento de análise e interpretação das informações de acordo com Aguiar e Ozella (2013); Aguiar, Soares e Machado (2015).

#### 3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO

Consideramos que em uma pesquisa científica o método se constitui como sendo um dos elementos mais importantes na condução do trabalho de investigação de uma realidade específica, pois o método deve ser o caminho seguido pelo pesquisador desde a escolha do objeto de estudo até os resultados.

Um dos principais problemas apontados por Vigotski (2007, p. 62) sobre alguns métodos de análises naturalistas tem sido considerar que “somente a natureza afeta os seres humanos e de que somente as condições naturais são determinantes do desenvolvimento histórico”. Compreendemos que não é apenas a natureza que afeta os seres humanos, mas o homem é constituído pelos processos de relações sociais e históricas.

Tomamos como alicerce de análise nesta discussão o método de investigação adotado por Vigotski (2007), por compreender a necessidade de desnaturalizar as explicações das formas superiores de comportamento humano e investigar o que os sujeitos fazem e criam, visto que “o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças nela provocadas, novas condições naturais para sua existência” (VIGOTSKI, 2007, p. 62).

Nesse sentido, o método é um ponto fundamental na investigação de um problema científico, uma vez que não pode ser compreendido como algo, a priori, preciso e exato ao

procedimento de averiguação, mas como “pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo” (VIGOTSKI, 2007, p. 69). Dessa maneira, o procedimento de investigação de um sujeito por meio de um processo de análise se revela na complexidade do método adotado.

Sendo assim, amparado na dialética e no Materialismo Histórico, Vigotski (2007) aponta três princípios que orientam a nossa base de análise das funções psicológicas superiores, sendo eles o elemento chave de nosso método. No primeiro, o autor escreve que devemos:

**Analisar processos, e não objetos.** O primeiro princípio leva-nos a distinguir entre a análise de um objeto e a análise de um processo. [...] A tarefa da análise consistia simplesmente em separá-los nos seus elementos componentes. A análise psicológica de objetos deve ser diferenciada da análise de processos, a qual requer uma exposição dinâmica dos principais pontos constituintes da história dos processos (VIGOTSKI, 2007, p. 63).

Nessa perspectiva, esse primeiro princípio consiste em tratar a análise da função psicológica do indivíduo a partir do seu processo histórico e social, considerando a dinâmica do desenvolvimento do sujeito em meio às relações com a realidade da qual é participante. Em vista disso, a abordagem do desenvolvimento psicológico propõe que em um processo de análise leve-se em conta a transformação e a mudança, ou seja, o pesquisador deve apreender a realidade investigada em processo de movimento e transformação. Vigotski (2007) aponta, no segundo princípio, a explicação versus descrição:

**Explicação versus descrição.** Na psicologia introspectiva e associacionista, a análise consiste, essencialmente, numa descrição, e não numa explicação como nós a entendemos. A mera descrição não revela as relações dinâmico-causais reais subjacentes ao fenômeno. [...] o tipo de análise objetiva que defendemos procura mostrar a essência dos fenômenos psicológicos em vez de suas características perceptíveis. Não estamos interessados na descrição da experiência imediata eliciada [...]. Assim, para nós, a análise psicológica rejeita descrições nominais, procurando, em vez disso, determinar as relações dinâmico-causais (VIGOTSKI, 2007, p. 64-66).

Para o autor, as explicações dos fenômenos estudados devem ir além do que lhe é aparente, pois a mera descrição não é suficiente para explicar uma realidade que está sempre em processo de transformação. Assim, a explicação causal passa a ser o ponto de referência a partir do qual se assenta a análise dos fenômenos investigados. Vigotski (2007) apresenta o terceiro e último princípio básico de análise:

**O problema do “comportamento fossilizado”.** O terceiro princípio básico de nossa abordagem analítica fundamenta-se no fato de que, em psicologia, defrontamo-nos frequentemente com processos que esmaeceram ao longo do tempo, isto é, processos que passaram através de um estágio bastante longo do desenvolvimento histórico e tornaram-se fossilizados. Essas formas fossilizadas de comportamento são mais facilmente observadas nos assim chamados processos psicológicos automatizados ou mecanizados, os quais, dadas as suas origens remotas, estão agora sendo repetidos pela enésima vez e tornaram-se mecanizados. Eles perderam sua aparência original, e sua aparência externa nada nos diz sobre sua natureza interna (VIGOTSKI, 2007, p. 67).

Este terceiro princípio destacado pelo autor mostra que a repetição e a mecanização dos comportamentos humanos frente a contextos sociais, culturais e históricos novos criam obstáculos à análise dos processos psicológicos, pois sua aparência externa não é capaz de revelar a essência de sua natureza interior. Isso acontece porque o comportamento humano pode realizar determinadas ações repetidamente tendendo ao esmaecimento e “fossilização”.

Para Vigotski (2007), este princípio se configura como um norte para o estudo do problema fossilizado, uma vez que é compreendendo sua gênese e “concentra-nos não no produto do desenvolvimento”, mas “no próprio processo de estabelecimento das formas superiores” (idem, p. 68). Desse modo, o problema do comportamento fossilizado deve ser estudado além do que é aparente, buscando sempre perceber a essência e a origem presente nos fenômenos comportamentais dos sujeitos e as determinações históricas e sociais que os constituem e que levaram a fossilização de seu comportamento, uma vez que, o sujeito é criativo, histórico, social e está sempre em processo de mudança e transformação.

Portanto, para que uma pesquisa científica tenha reconhecimento precisamos adotar um método coerente com a metodologia e com o objeto de estudo, visto que, para nos aproximarmos à apreensão dos significados e sentidos produzidos pelas bolsistas, é necessário compreendermos o percurso teórico e metodológico que nos orienta e fazer uso de alguns critérios e procedimentos de análise para a produção das informações.

Para tanto, no tópico seguinte discutiremos acerca dos procedimentos metodológicos utilizados na produção das informações: a entrevista reflexiva e os núcleos de significação como procedimento de análise e interpretação das informações.

### 3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma investigação científica surge a partir do momento em que o pesquisador resolve pesquisar problemas ou inquietações, antes definidas, buscando compreender a realidade ou

prática social. Logo, ao se realizar uma pesquisa, o ser humano produz conhecimentos. Para Minayo (2010, p. 16), a pesquisa é “a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade”. De acordo com Moreira (2004, p. 11) “fazer pesquisa científica não é um trabalho solto e descontraído, é um trabalho metódico, que deve caminhar dentro de certos preceitos e obedecer a certas regras para que seja considerada de boa qualidade”.

Nesse sentido, a pesquisa se constitui como sendo “um procedimento reflexivo” que “permite novos fatos ou dados” (RAMPAZZO, 2002, p. 49), e o pesquisador deve ser comprometido e reflexivo com o método de construção de sua investigação. Assim, escrever sobre processos metodológicos não é algo simples para o pesquisador iniciante, pois requer, antes de tudo, uma boa compreensão dos caminhos teóricos que se mostram necessários ao processo de investigação científica, visto que a realidade a ser estudada constitui-se de elementos plurais determinados social e historicamente.

Dessa forma, neste estudo, tivemos como objetivo **apreender os significados e sentidos constituídos por bolsistas de iniciação à docência acerca de sua vivência no PIBID-UERN**. Para chegarmos à apreensão dos significados e sentidos constituídos pelas bolsistas, adotamos o viés da pesquisa qualitativa, alicerçada nos estudos teórico-metodológico da Psicologia Sócio-Histórica de Vigotski e colaboradores, tendo como base o Materialismo Histórico-Dialético e algumas categorias de análise, por acreditar que fazendo uso destes, nos aproximaríamos às significações das bolsistas em sua profundidade, saindo do aparente e chegando à essência do fenômeno investigado.

### 3.2.1 Do *Lócus* da Pesquisa: espaço e bolsistas

O nosso *lócus* de pesquisa foi o PIBID-UERN, especificamente, o subprojeto de Letras - Língua Portuguesa<sup>6</sup>, localizado no *Campus* Avançado de Patu<sup>7</sup>/RN.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência teve início no CAP-UERN, no mês de agosto de 2011, se estendendo até junho de 2013. Nesse início, o *Campus*

---

6 Em 19 de outubro de 2011, através da resolução nº 37/2011 a CONSEPE e o CONSUNI, aprovaram a criação e funcionamento do Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas no *Campus* Avançado de Patu/CAP/UERN, e no ano de 2013 foi criado o PIBID/LETRAS, na referida instituição.

7 A criação do *Campus* Avançado de Patu/RN foi aprovada no dia 01 de setembro de 1980 pelo CONSUNI, sendo consolidado pelo decreto nº 176/80. Atualmente, a instituição conta aproximadamente com um quadro de 44 professores com as seguintes titulações: 03 doutores, 17 mestres, 19 especialistas e 05 com graduação. O número de discentes é de aproximadamente 772, todos pertencentes a cidades do Estado Rio Grande do Norte-RN e ao Estado da Paraíba-PB. A quantidade de alunos varia de acordo com o curso. Informações Disponíveis em: < <http://patu.uern.br/default.asp?item=patu-apresentacao>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

foi contemplado com apenas um subprojeto de Pedagogia, no qual a equipe contava com 01 (uma) coordenadora de área, 03 (três) professores supervisores e 15 (quinze) graduandos que atuavam em uma escola estadual, localizada no centro da zona urbana do município de Patu/RN.

Hoje, o PIBID-CAP-UERN contempla os três cursos de licenciatura do *Campus*, sendo os subprojetos envolvidos: Letras - Língua Portuguesa, Matemática e Pedagogia, além do subprojeto interdisciplinar que abrange os cursos de Matemática e Pedagogia. Totalizando, PIBID-CAP-UERN envolve 96 (noventa e seis) graduandos, sendo 36 (trinta e seis) graduandos do subprojeto interdisciplinar. Os cursos de Letras, Matemática e Pedagogia contam com a mesma quantidade de bolsistas, 20 (vinte) em cada, 18 (dezoito) professores supervisores e 05 (cinco) coordenadores de área.

No que diz respeito ao subprojeto do curso de Letras/Língua Portuguesa do CAP/UERN, foi criado no ano de 2013 e começou a funcionar em duas escolas estaduais da cidade de Patu/RN, na data de 01 de março de 2014, com ações voltadas para o ensino de Língua e Literatura no Ensino Médio e Produção Textual no Ensino Fundamental. O subprojeto, ao todo, contabiliza 20 (vinte) alunos de iniciação à docência, 04 (quatro) professores supervisores e 01 (uma) coordenadora de área.

Assim, com o objetivo **de apreender os significados e sentidos constituídos por bolsistas de iniciação à docência acerca de sua vivência no PIBID-UERN**, tomamos como sujeito para nossa pesquisa duas bolsistas de iniciação à docência, pertencente ao PIBID/LETRAS-CAP-UERN. Discorreremos no próximo item acerca dos critérios para sua escolha.

### **3.2.2 Sobre os critérios de escolhas e as bolsistas da pesquisa**

As pesquisas qualitativas em educação vêm ganhando espaço no campo social, tendo oportunizado uma maior interação entre os sujeitos pesquisados e o pesquisador. O pesquisador, por sua vez, ao iniciar uma pesquisa traz sempre alguns anseios e expectativas em relação ao processo de entrevista, pois, “Supõe-se diferentes modos de agir e diferentes sentimentos”; essas expectativas também fazem parte do mundo do entrevistado uma vez que pode ser “uma oportunidade de falar e ser ouvido” (SZYMANSKI, 2011, p. 16-17).

Consideramos que uma das maiores expectativas do pesquisador é que o sujeito escolhido para o processo de análise atenda aos seus anseios e esteja disposto a colaborar com as informações esperadas, sendo um parceiro na construção do conhecimento. Assim, a

escolha de um sujeito para participar de uma investigação científica não deve ocorrer de forma aleatória, mas mediante alguns critérios pré-estabelecidos pelo pesquisador.

Nessa perspectiva, compreendemos que, para que as duas bolsistas pudessem atender aos nossos anseios e expectativas, fossem elaborados critérios para suas escolhas: a) cursar Letras/Língua Portuguesa; b) ser bolsista do Programa; c) demonstrar interesse em participar da pesquisa; d) apresentar disponibilidade para as entrevistas (que foram realizadas em horários distintos as suas atividades como Bolsistas de Iniciação à Docência no PIBID); e) estar desenvolvendo atividades no programa há pelo menos um semestre.

Dessa forma, tendo os critérios de escolhas e os sujeitos definidos, consideramos relevante apresentarmos sucintamente as duas bolsistas participantes da pesquisa, pois se almejamos nos aproximar de suas significações precisaríamos conhecer em que contexto social e histórico elas estão situadas.

Isis<sup>8</sup> e Florbela<sup>9</sup> fazem parte da mesma equipe do PIBID/LETRAS/CAP-UERN, desenvolvem suas atividades de bolsistas de iniciação à docência na mesma escola, com o mesmo professor supervisor do PIBID e na turma de Educação de Jovens e Adultos<sup>10</sup>. Vale ressaltar que não foi proposital termos entrevistado sujeitos que desenvolvessem as atividades em uma mesma turma, somente a partir da leitura, transcrição e análise do material construído por meio da entrevista reflexiva que observamos que ambas são bolsistas do PIBID-UERN na mesma turma de EJA. Segue as apresentações: *(Isis)- Meu nome é Isis. Eu tenho 21 anos. Eu nasci em Olho D'água dos Borges. Daqui do RN mesmo.*

Isis - nome fictício da primeira participante da pesquisa é uma jovem de 21 anos de idade, casada, natural da cidade de Olho D'água dos Borges/RN, atualmente reside em Messias Targino/RN. Isis não queria ser professora, mas mediante as condições objetivas e subjetivas de sua vida pessoal e estudantil, acabou ingressando na Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa e hoje está no quarto período do curso e é bolsista do PIBID/LETRAS/CAP-UERN.

Florbela - também nome fictício da segunda colaboradora, tem 24 anos, solteira, natural da cidade de Patu/RN: *(Florbela)- Meu nome é Florbela. Eu tenho 24 anos agora (risos) quando eu entrei no PIBID eu tinha 23. Eu estou a 02 (dois) semestres no PIBID e estou no quarto período de Letras. Sou daqui de Patu.*

---

<sup>8</sup> Nome fictício.

<sup>9</sup> Nome fictício.

<sup>10</sup> A turma em que as bolsistas desenvolvem suas atividades na Educação de Jovens e Adultos-EJA corresponde ao 2º segmento, 9º ano.

Florbela foi criada pela avó, iniciou o seu processo de escolarização aos dois anos de idade, como ela mesma afirma:

*(P-2-Florbela) - Eu comecei a estudar, eu não sei se a gente pode falar realmente estudar, mas eu falo estudar quando eu tinha 2 anos porque foi quando eu entrei na creche. Eu fui criada pela minha avó, minha avó trabalhava em casa de família, aí eu precisava ir para creche, pois não tinha ninguém para cuidar de mim, né (risos). E aí eu ia para creche e quando eu saía da creche (silêncio) é eu realmente não lembro.*

Florbela teve sua vivência inteira em escolas públicas da cidade de Patu/RN, desde cedo demonstrou interesse pela leitura, literatura e língua portuguesa. Hoje, está cursando o quarto período do curso de Letras/Língua Portuguesa e é também bolsista do PIBID/LETRAS/CAP-UERN. Após a breve apresentação das bolsistas, delinearemos no item seguinte acerca dos procedimentos utilizados na produção das informações.

### **3.2.3 Dos procedimentos utilizados na produção das informações**

Antes de discutirmos sobre o processo de análise das informações produzidas, consideramos importante discorrer a respeito de alguns procedimentos sugeridos para uma pesquisa dentro da Psicologia Sócio-Histórica. Sendo o processo de entrevista um desses procedimentos, a utilizamos por ser considerada como “um instrumento rico que permite acesso aos processos psíquicos que nos interessam, particularmente os seus sentidos e significados” (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 308), que é o que buscamos junto as bolsistas do PIBID de Letras-Língua Portuguesa do *Campus* Avançado de Patu-UERN, ao propormos a seguinte questão: Quais os significados e sentidos constituídos por bolsistas de iniciação à docência acerca de sua vivência no PIBID-UERN?

Nessa perspectiva, Aguiar e Ozella (2013) apontam algumas características importantes ao utilizarmos a entrevista como procedimento de pesquisa:

As entrevistas devem ser consistentes e suficientemente amplas, de modo a evitar inferências desnecessárias e inadequadas. Elas devem ser recorrentes, isto é, a cada entrevista, após uma primeira leitura, o informante deverá ser consultado no sentido de eliminar dúvidas, aprofundar colocações e reflexões e permitir uma quase análise conjunta do processo utilizado pelo sujeito para a produção de sentidos e significados. Mesmo considerando que uma boa entrevista pode contemplar material suficiente para uma análise, se houver condições, alguns outros instrumentos podem permitir aprimoramento e refinamento analítico. Para isso, recomenda-se um plano de observação, no processo das entrevistas, tanto para captar indicadores não

verbais como para complementar e parear discursos e ações que estão nos objetivos da investigação (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 308).

Assim, acreditamos que a entrevista se caracteriza como o procedimento adequado para apreendermos os significados e sentidos que buscamos junto à graduandas do curso de Letras - Língua Portuguesa e bolsistas do PIBID/LETRAS/CAP-UERN. Dentre os diversos tipos de entrevistas, discutiremos no tópico seguinte acerca da entrevista reflexiva, pois foi o procedimento que nos auxiliou na produção das informações.

### **3.2.4 Entrevista Reflexiva**

Sobre entrevistas reflexivas, Szymanski (2011) nos conduziu a uma série de reflexões acerca deste instrumento de produção de informações. Segundo a autora, as entrevistas reflexivas vêm sendo utilizadas nas pesquisas de cunho qualitativo “como uma solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados e padronizados” (SZYMANSKI, 2011, p. 10), pois, por serem realizadas face a face são “fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo às percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado”, (idem, p. 12). Assim, acreditamos que esse instrumento de produção de informações nos ofereceu contribuições valiosas quanto ao nosso objeto de estudo, haja vista possibilitar ir além do aparente, conforme Vigotski (2007) objetiva.

Nessa perspectiva, para a estudiosa (2011, p. 12), “quem entrevista tem informações e procura outras, assim como aquele que é entrevistado também processa um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o entrevistador, organizando suas respostas para aquela situação”. Contudo, ela chama a atenção para o fato de que “o entrevistado, ao aceitar o convite para participar da pesquisa, está aceitando os interesses de quem está fazendo a pesquisa, ao mesmo tempo que descobre ser dono de um conhecimento importante para o outro”, (SZYMANSKI, p. 13). Desse modo, é importante considerarmos o conhecimento de mundo do entrevistado, como também do entrevistador e de suas relações sociais e culturais.

A autora esclarece que a entrevista reflexiva é “um momento de organização de ideias e de construção de um discurso para um interlocutor” (SZYMANSKI, p. 14), uma vez que tem um caráter reflexivo sobre os valores e crenças do sujeito, esse tipo de instrumento de

produção de informações não busca apenas a horizontalidade, mas também considera a presença de significados durante o processo comunicativo.

Segundo Szymanski (2011), tanto o entrevistado como o entrevistador criam expectativas no processo de entrevista. A este respeito, a autora tece:

O entrevistador tem expectativas em relação ao interlocutor: espera que seja alguém disposto a dar informações desejadas, que entenderá sua linguagem e suas solicitações [...], que o entrevistado discorra sobre sua experiência, expondo-se sem ocultamentos. Pode também esperar um parceiro no processo de construção de um conhecimento. Supõem-se diferentes modos de agir e diferentes sentimentos conforme as expectativas - até mesmo o planejamento da própria entrevista. Para o entrevistado, a situação também pode ser interpretada de inúmeras maneiras: uma oportunidade para falar e ser ouvido, uma avaliação, uma deferência a sua pessoa, uma ameaça, um aborrecimento, uma invasão (SZYMANSKI, 2011, p. 16).

Dessa forma, ambos são protagonistas nesse processo, pois enquanto um reflete e cria anseios sobre a fala do sujeito entrevistado visando à compreensão da fala, o outro interpreta esse processo de várias maneiras. Nesse sentido, sendo a entrevista considerada um processo de interação humana, é necessária a nossa compreensão sobre algumas características e especificidades desse tipo de instrumento, como por exemplo, a entrevista reflexiva pode ser estruturada de forma semidirigida e realizada, no mínimo, em dois encontros. Sobre essas características Szymanski (2011) discorre:

Uma entrevista semidirigida, realizada no mínimo em dois encontros, individuais e ou coletivos. Não há um roteiro fechado – ele pode ser visto como aberto no sentido de basear-se na fala do entrevistado [...] mas os objetivos da entrevista devem estar claros, assim como a informação que se pretende obter, afim de buscar uma compreensão do material que está sendo colhido e diferenciá-la melhor. [...] Por outro lado, a entrevista estruturada pode tender a aproximar-se mais de questionários, dificultando a investigação de significados subjetivos e de temas muito complexos para a investigação quantitativa (SZYMANSKI, 2011, p. 19-20).

A pesquisadora apresenta alguns passos que devem ser seguidos durante os momentos de uma entrevista, seja ela estruturada ou semidirigida. O primeiro passo é o contato inicial, momento em que “o entrevistador se apresentará ao entrevistado, fornecendo-lhe dados sobre sua própria pessoa, sua instituição de origem e qual o tema de sua pesquisa”. É importante também pedir “sua permissão para a gravação da entrevista” e garantir “seu direito não só ao anonimato, acesso às gravações e análises, como ainda ser aberta com a possibilidade de ele também fazer as perguntas que desejar” (SZYMANSKI, 2011, p. 20). Desse modo, o contato

inicial nada mais é do que uma apresentação mútua de esclarecimentos, informações, dúvidas e perguntas entre os envolvidos no processo de pesquisa.

Szymanski (2011) observa que o entrevistador, ao realizar uma entrevista, deve ter a preocupação em adaptar a linguagem para a compreensão dos entrevistados e solicitar continuamente que expressem suas dúvidas, pois, “os entrevistados numa pesquisa estão sempre situados num ambiente social” sendo “necessário que algumas informações sejam obtidas sobre a cultura do grupo ou a instituição onde se vai desenvolver o trabalho” (SZYMANSKI, 2011, p. 24-25). Esses cuidados são reiterados pela autora por se constituírem em razões éticas e metodológicas que buscam maior fidedignidade e qualidade nas informações e, conseqüentemente, na produção das informações.

O segundo passo apresentado pela pesquisadora acima citada, diz respeito ao momento de “apresentação mais pessoal e o estabelecimento de um clima mais informal”, pois é neste encontro que “se obtêm os dados que se consideram necessários a respeito dos participantes, os quais, eventualmente, poderão ser completados ao final” (SZYMANSKI, 2011, p. 25). Essa é uma oportunidade muito importante para o pesquisador, pois pode servir como critério de escolha dos sujeitos que irão seguir para a próxima fase da entrevista.

Sendo a preparação da entrevista um processo cuidadoso, Szymanski (2011) aponta a questão desencadeadora como a que direcionará toda a entrevista, a qual deve ser cuidadosamente formulada e se constituir em o ponto de partida para o início da fala do participante, ou seja, na questão desencadeadora o seu objetivo é trazer à tona a primeira elaboração, ou um primeiro arranjo narrativo, que o participante pode oferecer sobre o tema que é introduzido. Desse modo, é relevante ter a questão norteadora escrita de maneiras diferentes para “no caso de haver pedidos de esclarecimentos”, evitarmos “formulações que se distanciem do objeto da investigação” (SZYMANSKI, 2011, p. 29-30).

No que diz respeito à elaboração da questão norteadora, a referida autora aponta critérios importantes a serem considerados, como:

- a) A consideração dos objetivos da pesquisa;
- b) A amplitude da questão, de forma a permitir o desvelamento de informações pertinentes ao tema que se estuda;
- c) O cuidado de evitar indução de respostas;
- d) A escolha dos termos da pergunta, que deverão fazer parte do universo linguístico do participante;
- e) A escolha do termo interrogativo. Questões que indagam o “porquê” [...] receberão respostas indicadoras de causalidade [...] questões que indagam o “como” de alguma experiência induzem a uma narrativa, a uma descrição. A partícula “para que” indaga pelo sentido que orientou uma escolha (SZYMANSKI, 2011, p. 31-32).

Nessa perspectiva, uma vez que o entrevistado compreendeu a questão desencadeadora, é relevante deixá-lo “discorrer livremente, mesmo que se afaste do tema proposto” e o entrevistador se encarregará da “compreensão do discurso do entrevistado, sem perder de vista os objetivos de seu estudo” (SZYMANSKI, 2011, p. 36-37). É importante também que, ao longo da entrevista, o entrevistador apresente sínteses do que já foi dito pelo entrevistado, pois as “sínteses também podem ter a função de trazer a entrevista para o/s foco/s que se deseja estudar e aprofundá-los”, (SZYMANSKI, 2011, p. 44).

Szymanski (2011) prossegue apresentando três tipos de questões importantes que devem ser utilizadas no decorrer da entrevista reflexiva. São elas: **As questões de esclarecimento** “trata-se de questões que buscam esclarecimentos quando o discurso parece confuso ou quando a relação entre as ideias ou os fatos narrados não está muito clara para o/a entrevistador/a”, pois, o discurso confuso muitas vezes pode ter “sentido de ocultação” (p. 45-46). Já **as questões focalizadoras** “são aquelas que trazem o discurso para o foco desejado na pesquisa”, porém, “o bom senso e o respeito ao entrevistado deve prevalecer. Caso os esforços de voltar ao tema não sejam bem-sucedidos, deve-se seguir a tendência daquele e adotar um curso mais livre” (SZYMANSKI, 2011, p. 49). E, por último, a autora apresenta **as questões de aprofundamento** que “são aquelas perguntas que podem ser feitas quando o discurso do entrevistado toca nos focos de modo superficial, mas trazem a sugestão de que uma investigação mais aprofundada seria desejável”, assim, “podemos utilizar indagações que investigam diferenças, relações interpessoais e a perspectiva do observador” (idem, p. 51). Dentre estes três tipos de questões enfatizados pela autora, utilizamos em nossa entrevista as questões de esclarecimentos e as de aprofundamento que nos auxiliou no processo de uma melhor compreensão do fenômeno investigado.

Para finalizar com o procedimento da entrevista reflexiva, Szymanski (2011) aponta o processo de devolução que diz respeito à exposição posterior da compreensão do entrevistador sobre a experiência relatada pelo entrevistado, e tal procedimento pode ser considerado como um cuidado em equilibrar as relações de poder na situação de pesquisa.

Esse se constitui como um momento crucial, no qual, são apresentadas à transcrição da entrevista e a pré-análise para a consideração do entrevistado, visto que, ambos produziram um conhecimento em situação de interação. É importante que o entrevistado tenha acesso à compreensão do entrevistador, pois pode ser um momento de estímulo para as novas considerações e de solução de dúvidas que ficaram para o pesquisador, como também, de ajuda aos próprios participantes a sistematizarem suas concepções sobre o tema, assim, a

entrevista reflexiva se constitui como um instrumento que “pode trazer informações muito ricas sobre o fenômeno que se quer estudar” (SZYMANSKI, 2011, p. 59-61).

Após a apresentação e discussão sobre os procedimentos que nos auxiliaram na produção das informações, seguiremos para o próximo item, que discorrerá acerca dos procedimentos de análise e interpretação das informações apreendidos através dos núcleos de significação, abordado por Aguiar e Ozella (2013) e Aguiar, Soares e Machado (2015).

### **3.2.5 Núcleos de Significação como procedimento de análise e interpretação das informações**

Nas pesquisas qualitativas que adotam o referencial teórico-metodológico fundamentado na Psicologia Sócio-Histórica, o processo de análise e interpretação das informações precisa ir além da fala do sujeito, buscando entender o não dito, a partir do que foi falado pelo sujeito no processo de entrevista, pois, é somente “por meio de um trabalho de análise e interpretação” que podemos “caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido” (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 304). Assim, para chegarmos às zonas de sentidos é necessário analisarmos e interpretarmos as falas dos sujeitos, compreendendo que sua constituição se dá em processo de modificação e historicidade, pois é na relação individual, social e histórica que o homem se constitui.

No entanto, para o pesquisador apreender as zonas de sentidos contidas na fala dos sujeitos e chegar aos núcleos de significação que “contém o empírico, mas pela sua negação”, permite chegar ao “concreto” (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 308), ele deve seguir três etapas importantes, são elas: levantamento de pré-indicadores, sistematização dos indicadores e construção dos núcleos de significação.

A primeira etapa diz respeito ao levantamento dos pré-indicadores que “consiste na identificação de *palavras* que já revelam indícios da forma de pensar, sentir e agir do sujeito, que, como ser mediado pela história, se apropria das características de sua cultura e as converte em funções psicológicas” (AGUIAR, SOARES e MACHADO, 2015, p. 58). Porém, não são todas as palavras que revelam as significações do sujeito, mas são somente as palavras com significado, pois como pontua Aguiar e Ozella (2013, p.309), os pré-indicadores referem-se “a trechos de fala compostos por palavras articuladas que compõem um significado, carregam e expressam a totalidade do sujeito e, portanto, constituem uma unidade de pensamento e linguagem”.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que os pré-indicadores não são “afirmações descoladas da realidade, mas construções sociais, isto é, discursos mediados por numerosos artefatos culturais e históricos que constituem o movimento dos processos de significação da realidade” (AGUIAR, SOARES e MACHADO, 2015, p. 64). Assim, os pré-indicadores constituem a realidade sócio-histórica do sujeito por expressarem a sua totalidade.

Seguindo com o processo de análise vem à segunda etapa, que, de acordo com Aguiar, Soares e Machado (2015), nessa fase, buscamos alcançar uma maior proximidade dos sentidos constituídos pelos sujeitos, não apenas destacando os elementos de uma totalidade, mas “abstraindo a complexidade das relações contraditórias e históricas que o constituem” (p. 67). Destarte, o que pretendemos nesta fase é apreender o modo pelo qual os pré-indicadores se articulam, constituindo as formas de significação da realidade. Através do movimento dialético de análise procuramos sistematizar os indicadores, pois “são os indicadores que nos permitem avançar em direção ao processo da síntese, isto é, dos sentidos constituídos pelo sujeito” (idem, p. 68).

A terceira etapa acontece quando se inicia o processo de organização dos núcleos de significação por meio da articulação dos indicadores. Para Aguiar e Ozella (2013, p. 310), a organização dos núcleos “possibilitará uma análise mais consistente, que nos permita ir além do aparente e considerar tanto as condições subjetivas quanto as contextuais e históricas”, dessa forma, através dos núcleos de significação, apreendemos as condições subjetivas e históricas das bolsistas de iniciação à docência, percebendo as modificações e contradições existentes no processo de constituição dos significados e sentidos.

Portanto, os núcleos devem ser construídos de modo a sintetizar as mediações constitutivas do sujeito; mediações essas que constituem o sujeito no seu modo de pensar, sentir e agir, ou seja, devem “ser entendidos como um momento superior de abstrações”, assim, “o processo de construção dos núcleos de significação já é construtivo-interpretativo, pois é atravessado pela compreensão crítica do pesquisador em relação à realidade” (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 310). Desse modo, é a partir da fala do sujeito que procuramos entender a síntese das suas relações estabelecidas como os outros homens no meio social e histórico.

Aguiar e Ozella (2013) ressaltam que, uma vez organizados os núcleos de significação, devemos partir para a sua análise que “se inicia por um processo intranúcleos avançando para uma articulação internúcleos”, pois, “este procedimento explicitará semelhanças e/ou contradições que vão novamente revelar o movimento do sujeito”, (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 310-311). Assim, essas contradições não se revelam,

necessariamente, de forma aparente na fala do sujeito, uma vez que são apreendidas pela análise e interpretação feita pelo sujeito pesquisador. Dessa forma, o movimento analítico interpretativo não deve ser restrito à fala do informante, ele deve ser articulado com o contexto social, político e econômico, que vão constituir as mediações a serem apreendidas, “permitindo o acesso à compreensão do sujeito na sua totalidade” (idem, p. 311), pois só assim, alcançamos as significações das pesquisadas.

Ao finalizarmos a discussão acerca dos núcleos de significação, importantes etapas de análise e interpretação, discorreremos no capítulo seguinte sobre o movimento analítico da fala das bolsistas de iniciação à docência.

## 4 DOS PRÉ-INDICADORES À CONSTITUIÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

[...] o caminho de apreensão dos sentidos e significados é continuamente marcado por um processo de idas e vindas que implica tanto um fazer/refazer contínuo do inventário de pré-indicadores como um fazer/refazer contínuo de indicadores e núcleos de significação. Por isso, a organização de uma etapa é sempre constituída pela sistematização de outra (AGUIAR, SOARES e MACHADO, 2015).

Corroboramos com os autores, uma vez que a apreensão das significações pelas pesquisadoras se constituiu em um movimento dialético e contínuo de idas e vindas em busca de apreender os significados e sentidos constituídos por bolsistas de iniciação à docência acerca de suas vivências no PIBID-UERN. Assim, buscamos apresentar no decorrer deste capítulo o movimento analítico da fala dos sujeitos investigados por meio da entrevista reflexiva<sup>11</sup>, com base em Szymanski (2011) e a proposta dos núcleos de significação de Aguiar e Ozella (2013), Aguiar; Soares e Machado (2015). Na primeira parte apresentaremos o levantamento dos pré-indicadores das entrevistas reflexivas com as duas bolsistas de iniciação à docência Isis e Florbela, que se iniciaram com as várias “leituras flutuantes”. Na sequência, traremos a sistematização dos indicadores e, finalizaremos, com a construção e nomeação dos núcleos de significação.

### 4.1 O PROCESSO DE LEVANTAMENTO DOS PRÉ-INDICADORES DA ENTREVISTA REFLEXIVA

O levantamento dos pré-indicadores é a primeira etapa para o pesquisador apreender a palavra significada, uma vez que, se constitui como “um momento da pesquisa que visa a apreender não simplesmente as afirmações verbais do sujeito, mas também as significações da realidade que se revelam por meio das expressões verbais, que são sempre carregadas de afeto” (AGUIAR, SOARES e MACHADO, 2015, p. 64).

Neste primeiro momento, trazemos o levantamento dos pré-indicadores<sup>12</sup> das entrevistas com as bolsistas de iniciação a docência Isis e Florbela que se originaram a partir

---

<sup>11</sup> Vale ressaltar que as entrevistas com as duas bolsistas Isis e Florbela foram realizadas individualmente e em dias distintos.

<sup>12</sup> Após as várias leituras das entrevistas, articulamos 65 pré – indicadores com a bolsista Isis e 87 pré – indicadores com a bolsista Florbela.

de suas falas, por meio de perguntas previamente elaboradas pela pesquisadora, bem como de questões esclarecedoras e de aprofundamento que surgiram durante o processo da entrevista reflexiva, como orienta Szymanski (2011). Vale ressaltar que as entrevistas foram gravadas e transcritas com a permissão das duas bolsistas, como também as mesmas tiveram acesso as gravações e transcrições. A partir das informações produzidas selecionamos as falas que se aproximaram por similaridade e complementariedade, conforme Aguiar e Ozella (2013). Vejamos o quadro I:

**Quadro 1:** Pré-indicadores produzidos a partir da entrevista reflexiva

<b>PRÉ-INDICADORES QUE SE APROXIMAM POR SIMILARIDADE E COMPLEMENTARIEDADE A PARTIR DA ENTREVISTA REFLEXIVA</b>	
<b>Isis e Florbela - Fale<sup>13</sup> um pouco sobre os seus dados pessoais e vida estudantil</b>	
<b>PRÉ-INDICADORES – Isis</b>	<b>PRÉ-INDICADORES – Florbela</b>
<i>(Isis) Meu nome é Isis. Eu tenho 21 anos. Eu nasci em Olho D'água dos Borges. Daqui do RN mesmo.</i>	<i>(Florbela) Meu nome é Florbela. Eu tenho 24 anos agora (risos) quando eu entrei no PIBID eu tinha 23. Eu estou há 02 semestres no PIBID e estou no quarto período de letras. Sou daqui de Patu.</i>
<i>(Isis) [...] minha infância em relação a essas questões da educação ela foi muito boa.</i>	<i>(Florbela) Eu comecei a estudar, eu não sei se a gente pode falar realmente estudar, mas eu falo estudar quando eu tinha 02 anos porque foi quando eu entrei na creche. Eu fui criada pela minha avó, minha avó trabalhava em casa de família, aí eu precisava ir para creche, pois não tinha ninguém para cuidar de mim, né (risos). E aí eu ia para creche e quando eu saía da creche (silêncio) é eu realmente não lembro.</i>
<i>(Isis) Em relação à questão da escola eu sempre fui uma boa aluna, segundo os meus pais. Aprendi a ler nova.</i>	<i>(Florbela) [...] eu sei assim de ouvir falar, quando eu entrei para (pausa) quando eu comecei mesmo assim, a primeira série e tudo mais, eu acho que eu já tinha uns 7 anos.</i>
<i>(Isis) Eles às vezes me ajudavam muito em casa na questão das atividades e aos exercícios que passavam.</i>	<i>(Florbela) [...] a minha vivência inteira foi em escola pública (risos) e aqui em Patu, pelo menos até o ensino médio foi aqui, e inteira em escola pública.</i>
<i>(Isis) É, tive que repetir um ano. Não porque fiquei reprovada, mas foi porque não havia vagas mais na escola, então tive que repetir a segunda série.</i>	<i>(Florbela) E acho que eu já entrei na primeira série já sabendo ler e já sabendo escrever porque eu sempre fui muito, muito curiosa. Estava sempre tentando escrever. Estava sempre tentando ler alguma coisa e desde sempre tive muita proximidade com a leitura.</i>
<i>(Isis) [...] quando eu era menor eu sempre gostei muito de ler e de escrever.</i>	
<i>(Isis) [...] quando cheguei ao ensino fundamental e ensino médio fui gostando mais ainda de leitura e de escrita.</i>	
<i>(Isis) Eu pensava em me formar em outra coisa.</i>	
<i>(Isis) [...] fui também desvalorizando a profissão de professor que é o que eu vou ser realmente daqui uns anos. Então eu desvalorizada essa profissão, queria ser Veterinária ou Psicóloga; procurava outras</i>	

13 Os questionamentos realizados na entrevista reflexiva não são sempre iguais para as duas bolsistas, variam de acordo com a especificidade na fala de cada uma e a necessidade de aprofundamento e esclarecimento da entrevista.

<i>áreas.</i>	<i>(Florbela) [...] eu fui criada com uma espécie de irmão mais velho. [...] Então eu via ele estudando e tudo mais. Eu queria estudar também, queria ler.</i>
<i>(Isis) Só que aí quando eu fui fazendo alguns ENEMs e alguns Vestibulares eu não passei para o que eu queria.</i>	
<i>(Isis) Só depois eu coloquei em Letras e não sabia que estava na lista de espera, não imaginava que eu estava na lista de espera. E recebi o resultado que tinha passado eu e meu esposo. Então aí eu fiquei feliz porque era a oportunidade que eu tinha, já tinha feito alguns ENEMs e Vestibulares não tinha conseguido entrar. Então eu fui. Era tudo ou nada.</i>	<i>(Florbela) Eu tinha (risos) eu tenho uma Bíblia daquelas pequenas, Bíblia de criança eu adorava. Eu li aquilo umas cinco vezes ou mais, foi lendo isso que eu comecei a pegar gosto pela leitura em si.</i>
<i>(Isis) Entrei... Pensava será que vou ser realmente professora? Será que eu vou gostar do curso? Então aí comecei a me encontrar no curso.</i>	<i>(Florbela) [...] eu sempre fui muito de ler, sempre fui à típica menina estudiosa.</i>
<i>(Isis) No primeiro período já, quando eu vi literatura, me apaixonei logo, porque já ia de acordo com que eu pensava, com o que eu gostava que era de escrever e ler, né? E a partir da literatura foi como eu comecei a amar mais ainda o curso.</i>	<i>(Florbela) Quando eu entrei no ensino médio foi quando eu tive uma proximidade realmente assim, do que eu quero enquanto estudante né, porque quando você chega ao ensino médio é aquela idade rebelde de adolescente e normalmente o adolescente ele fica meio perdido no Ensino Médio a gente não sabe muito bem o que quer.</i>
<i>(Isis) Hoje eu estou no quarto período de Letras de Língua Portuguesa. É, e Trabalho no PIBID.</i>	<i>(Florbela) A partir do segundo ano do ensino médio eu comecei a constituir uma ideia do que eu poderia vir a fazer quando eu chegasse à fase adulta. Foi quando eu comecei a ter é (pausa) comecei a me envolver mais em questão de Português e Literatura, pois eu nunca fui muito da parte de exatas.</i>
<i>(Isis) Não! Assim como eu havia dito, né? Eu não queria ser professora. (risos). Então algumas pessoas comentavam: -“Olha o curso de Letras é muito bom”; - “você ‘devia’ fazer”; só que eu coloquei não porque alguém me incentivou, mas porque era a alternativa que tinha.</i>	<i>(Florbela) [...] eu sempre fui muito próxima dos professores. Eu gosto de ter esse vínculo com os professores desde pequena.</i>
<i>(Isis) A minha nota de corte só dava para entrar em Letras, então coloquei lá mesmo só para não ficar sem fazer nada porque todos da minha sala haviam conseguido. Eles entraram em um curso. Eu pensava: só eu que não vou entrar. Então vou botar em qualquer coisa. Mas coloquei em Letras e deu certo e não foi o que eu pensei, né? O curso não é chato. O curso não é besta. O curso é maravilhoso! E proporciona realmente experiências muito lindas, belas e que nos formam como ser humano. Como seres pensantes e que pensa também no outro.</i>	<i>(Florbela) [...] eu tive professores muito bons, apesar de ser em escola pública e apesar das deficiências.</i>
	<i>(Florbela) No ensino médio eu tive um professor maravilhoso que por coincidência agora ele é o meu supervisor, ele não é meu supervisor nesse momento, mas ele já foi meu supervisor dentro do PIBID, que é o professor Gabriel<sup>14</sup>. Você conhece né, o professor Gabriel do ensino médio ele é maravilhoso as aulas dele eram incríveis e eu já era apaixonada por Português.</i>
	<i>(Florbela) [...] eu já gostava de português e aí quando eu tive essa proximidade com o Gabriel dentro do ensino médio que foi a partir do segundo ano que foi o momento em que ele começou a trazer muita literatura e começou a trazer muita produção textual já para preparar os alunos para o Enem. . E aí gente eu fiquei maravilhada porque foi quando se abriu, eu já gostava de ler e aí foi quando se abriu aquele leque. Meu Deus! Literatura! É isso, é literatura!</i>

---

14 Nome fictício.

	<p><i>E aí foi quando eu pensei, é isso mesmo que eu quero fazer alguma coisa relacionada à Produção Textual, Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, e especialmente Literatura, então foi quando eu tive esse Click de ver é isso que eu quero</i></p>
	<p><i>(Florbela) Depois do ensino médio eu comecei um curso técnico. Olha como é engraçado, eu comecei um curso técnico voltado para área de química (risos). Comecei o curso técnico para área de mineração e era muita química, muita química e muita química. Consegui terminar o curso técnico nas últimas. Quando eu terminei aí eu desenvolvi um afeto pelo curso e tudo mais.</i></p>
	<p><i>(Florbela) Tentei trabalhar na área, mas a área de mineração para mulher é terrível, é péssimo mesmo. Eu fiquei sem trabalho e sem estágio porque as empresas não têm a capacidade de receber uma mulher, isso é um absurdo não ter capacidade de receber uma mulher para trabalhar na empresa.</i></p>
	<p><i>(Florbela) E foi o momento que eu fiquei meio estagnada, e agora o que, que eu faço? Não consigo trabalhar nessa área, não vou conseguir nada por aqui.</i></p>
	<p><i>(Florbela) [...] aí eu pensei, vou tentar Letras finalmente, porque foi bem quando veio para cá porque quando eu sai, ainda não tinha, aqui era só Pedagogia, Matemática e Ciências Contábeis e eu não queria nada disso. Não identificava com nada, o mais próximo era Pedagogia, mas ainda assim (risos), não queria.</i></p>
	<p><i>(Florbela). Aí foi a chance que eu tive de entrar num curso que eu realmente gostasse, foi o de Letras quando eu comecei aqui.</i></p>
<p><b>Isis e Florbela - Como aconteceu a entrada no PIBID? Quais as expectativas antes de entrar para o PIBID e atualmente?</b></p>	
<p><b>PRÉ-INDICADORES - Isis</b></p>	<p><b>PRÉ-INDICADORES – Florbela</b></p>
<p><i>(Isis) [...] O PIBID eu já havia e já tinha ouvido falar sobre ele. Um amigo da gente comentava muito sobre o PIBID. E a gente tinha muita vontade de entrar nesse programa, justamente também para que a gente pudesse se sustentar na faculdade por causa do material, de livro que tinha que comprar, então como a gente havia mudado de cidade a gente morava em Olho D'água dos Borges, e viemos residir aqui em Messias Targino. Então a gente não poderia trabalhar. Eu e meu esposo não poderíamos trabalhar porque o curso é pela manhã. Então não teria como conseguir um emprego pela tarde ou pela noite, até porque</i></p>	<p><i>(Florbela) Sim, quando eu entrei eu acho, eu acho que eu entrei já no segundo período, eu não ia entrar (RISOS), eu não ia me inscrever.</i></p> <p><i>(Florbela) Ai porque, por N motivos, mas, eu queria participar de alguma coisa porque eu sempre fui muito ativa dentro do universo escolar, desde o ensino fundamental qualquer coisinha que aparecesse eu estava querendo participar. E aí eu queria fazer isso dentro da Universidade também, eu gosto de participar.</i></p> <p><i>(Florbela) Eu gosto de saber o que tá acontecendo [...] Eu acho que traz uma experiência pessoal muito enriquecedora você participar do que acontece dentro do ambiente</i></p>

<p>esses horários serviriam para estudar. Então a nossa única chance era o PIBID. A gente se inscreveu e conseguiu passar, né? E além da bolsa ajudar em relação a essas questões materiais né? Ajudou também com as experiências</p>	<p>acadêmico. E aí eu queria participar. Eu queria ter essa experiência.</p>
<p>(Isis) Em relação às expectativas porque a princípio quando entrei na universidade muitos pibidianos comentavam sobre o programa e diziam ser algo muito bom que valeria a pena participar. Eu ainda não tinha conhecimento sobre o programa então as minhas expectativas era que eu iria adquirir mais conhecimento e iria poder unir a prática com a teoria e poderia também. É isso mesmo, (risos). E também em relação se o que o programa iria realmente mostrar se eu queria seguir aquela profissão ou não porque até então eu acreditava que as coisas fossem algo muito fantasioso, só que quando eu entrei no programa eu percebi que realmente o programa traria conhecimento e trouxe conhecimento para minha vida e trouxe também o desejo de continuar com o curso e o desejo de me tornar realmente um profissional, um Professor.</p>	<p>(Florbela) Se eu vou atuar como professora então é uma chance que dificilmente eu vou ter, fora de estágio essas coisas. E aí eu me interessei. Foi à primeira coisa assim, que surgiu entre projeto de extensão e programa de bolsa, foi à primeira coisa que apareceu aí eu agarrei (risos).</p>
<p>(Isis) Então ele atendeu a todas as minhas expectativas nesse sentido, porque eu consegui deixar de ser o que eu era: uma pessoa tímida e consegui entender realmente o que era estar em sala de aula. Entender o que era estar ali em contato com o outro</p>	<p>(Florbela) Quando eu entrei foi uma dificuldade para me inscrever porque precisava de um currículo específico e eu não tinha nada porque eu tinha realmente acabado de entrar no curso. Eu estava no segundo período ainda e eu não tinha nada, não tinha ferramenta nenhuma tinha só o meu ira (risos) e aquela pontuação básica, mas aí eu fiz com que eu tinha.</p>
<p>(Isis) [...] só que quando foi para partir da união da teoria com a prática eu percebi que às vezes as Universidades e as licenciaturas não o preparam os alunos para atuarem nas escolas.</p>	<p>(Florbela) Eu tive muito incentivo de Lara<sup>15</sup>, na época ela ensinava a disciplina de Teoria da Literatura. E aí, eu tive muito incentivo dela, eu acho que se ela não tivesse insistido “Não, Florbela se inscreva”, eu não teria me escrito. Eu teria desistido ali na primeira dificuldade.</p>
<p>(Isis) Elas não desprezam a teoria, tem a teoria que é algo muito importante porque sem a teoria não tem como você separar ela da prática, só que muita das vezes aquela teoria quando você pega ela e vai usar em sala de aula é diferente porque cada um tem um contexto diferente.</p>	<p>(Florbela) A parte prática é muito diferente, é uma realidade muito diferente daquela teórica, pois a universidade não tem como preparar você para a realidade que você vai enfrentar dentro de uma escola pública que a gente atua escola pública.</p>
<p>(Isis) Então não é algo fácil, então é para quem realmente quer seguir a profissão porque você pode ter a melhor teoria do mundo, mas quando você parte para a prática é que você vai saber se você vai ser um bom Profissional ou não.</p>	<p>(Florbela) [...] a gente sai daqui muito preso em teoria achando que vai ser de um jeito e aí quando chega lá, é que você vê que a realidade não é exatamente essa, você se assusta de início e sabe que o medo tende a deixar você meio parado.</p>
<p>(Isis) [...] pois, como eu falei não adianta você</p>	<p>(Florbela) Olha, muda. Muda bastante aquela coisa que eu falei primeiro, se eu não tivesse tido esse contato com o programa provavelmente eu ainda estaria naquela coisa presa nas teorias e ainda com aquela velha utopia de que vai ser tudo lindo e de que os alunos serão todos perfeitos! (risos).</p>

15 Nome fictício.

<p><i>ter só a teoria, mas você necessita da prática para você entender realmente, porque você sai da Universidade não praticou nada, aí quando você se deparar com a sala de aula com alunos, cada um é diferente e com o temperamento diferente então você precisa estar preparado.</i></p>	
<p><i>(Isis) [...] sem o programa como é que nós vamos poder realmente unir aquela teoria que nós temos na universidade, como é que o aluno vai ter essa oportunidade de praticar e de realmente saber se é aquilo realmente que ele quer para sua vida.</i></p>	
<p><b>Isis- Como tem se constituído a sua relação com o professor supervisor? Florbela- Como está sua relação com a escola, professores supervisores, alunos e PIBID?</b></p>	
<p><b>PRÉ-INDICADORES - Isis</b></p>	<p><b>PRÉ-INDICADORES – Florbela</b></p>
<p><i>(Isis) [...] no segundo semestre já comecei a melhorar justamente também pela ajuda dos nossos supervisores que foram nos orientando para que a gente pudesse melhorar.</i></p>	<p><i>(Florbela) E aí é muito diferente, é muito enriquecedor o contato que você tem com os alunos, o contato que você tem com os supervisores quando você chega à escola.</i></p>
<p><i>(Isis) [...] A gente troca muitas experiências também, debate muito sobre o que acontece em sala de aula porque ele já conhece a realidade da sala, então ele passa para nós as melhores formas de trabalhar. E a gente vai dando algumas ideias novas e eles vão sempre concordando e auxiliando também com essas ideias que a gente vem trazendo de renovação para a sala. E a relação é boa porque justamente ele compreende o que a gente quer e a gente compreende o que eles querem é para melhorar a educação desses alunos.</i></p>	<p><i>(Florbela) [...] como eu estou no segundo semestre eu só tive proximidade com dois professores supervisores, um era Gabriel, maravilhoso! (risos). Foi incrível ter esse contato com ele depois de tanto tempo e ele continua sendo professor incrível. Admiro muito o trabalho dele.</i></p>
	<p><i>(Florbela) Agora eu estou tendo com Josué<sup>16</sup>. Nossa! É outra realidade! [...] mas é maravilhoso para você ver como as realidades são diferentes.</i></p>
	<p><i>(Florbela) [...] Só que os professores tem um jeito diferente de trabalhar, cada um tem seu modo.</i></p>
	<p><i>(Florbela) [...] o meu relacionamento com os supervisores até agora está muito bom (risos). [...] Eles nos dão uma assistência muito boa. Eles têm uma coisa muito de chamar você para a realidade [...] Então, eles trazem a gente de volta assim para a realidade, olha é assim a gente tem que trabalhar dessa forma. E é muito bom ter esse suporte.</i></p>
	<p><i>(Florbela) (Risos) foi inesperado na verdade! Eu não sabia que o professor do ensino médio estava dentro do projeto, pois não sabíamos quem eram os supervisores e quando eu entrei que vi que ele estava na sala falei, meu Deus o professor Gabriel está aqui. E aí veio à surpresa dele ser meu supervisor, o primeiro supervisor.</i></p>

<sup>16</sup> Nome fictício.

	<i>(Florbela) [...] então tanto como professor como supervisor ele cobra muito da gente está participando e vendo, mesmo que a gente não dê a aula ele quer que a gente esteja em sala de aula percebendo que o colega está fazendo.</i>
<b>Isis e Florbela - A vivência no programa tem contribuído para sua formação e para os estudos?</b>	
<b>PRÉ-INDICADORES - Isis</b>	<b>PRÉ-INDICADORES – Florbela</b>
<i>(Isis) Estou atuando no PIBID desde 2016. Já está com dois semestres e o PIBID também foi uma experiência maravilhosa porque ele permitiu que a gente tivesse o contato com a sala de aula. E não tivesse apenas aquela teoria porque a teoria ela é boa, mas, às vezes, ela não traz muita mudança em relação à prática, né? Ela não faz muito efeito.</i>	<i>(Florbela) [...] É uma experiência que sinceramente fora de estágio é muito difícil você ter.</i>
<i>(Isis) [...] o PIBID veio trazer essa oportunidade para mim ter realmente o contato com os alunos.</i>	<i>(Florbela) Então, em relação à contribuição dentro da universidade tem em questão de didática [...] a gente consegue relacionar muito bem o que a gente vê em sala de aula dentro da educação com a experiência que a gente tem dentro do PIBID.</i>
<i>(Isis) [...] tem sido uma experiência incrível porque foi a partir desse contato com a sala de aula que eu passei também a socializar mais, porque era uma pessoa mais fechada, era uma pessoa tímida. Então o PIBID me proporcionou essa oportunidade de socializar mais com as outras pessoas, de realmente conviver com o outro, entender o que o outro pensa, entender o que o outro passa. Então o PIBID foi uma experiência maravilhosa.</i>	<i>(Florbela) [...] Gente, eu ainda estou sem querer pensar porque se acabar vai ser difícil colocar outra coisa aqui que substitua o PIBID nessa questão de aprendizagem em sala de aula da forma como a gente trabalha eu acho muito difícil. Eu acho que não tem como colocar outra coisa que substitua e que seja tão enriquecedor quanto. [...] Eu espero realmente que isso não aconteça. Espero que continue por bastante tempo.</i>
<i>(Isis) [...] eu já imaginava que o PIBID realmente iria proporcionar essa experiência maravilhosa que eu estou vivendo. Eu acreditava justamente nisso: que eu iria passar então agora a compreender quem era o outro, a entender realmente se eu queria realmente ser professor ou não porque o PIBID iria realmente me empurrar, me mostrar se aquilo era o que eu queria ou não.</i>	
<i>(Isis) E assim, as experiências tudo foi realmente o que eu pensava que o PIBID ele vai proporcionar um crescimento de conhecimento, proporcionar todo esse aprendizado que vai servir para minha vida futura. E realmente proporcionou, principalmente através dos professores que estão com a gente.</i>	
<i>(Isis) Contribuiu muito em relação ao conhecimento como eu falei quando eu entrei ainda não tinha muitas experiências e ainda estou aqui para aprender.</i>	
<i>(Isis) O programa tem sido excelente! Muito bom mesmo porque proporciona aos alunos de</i>	

<p><i>licenciatura, proporcionando a cada um de nós a oportunidade de aprender e de crescer.</i></p>	
<p><i>(Isis) [...] então o PIBID é até melhor do que o estágio porque ele é bem mais tempo e você tem oportunidade de crescer porque você vai estar também produzindo todo tempo, ouvindo os relatos dos outros pibidianos e trazendo também para você aprender, e vai melhorando cada vez mais porque você precisa disso!</i></p>	
<p><i>(Isis) E o programa vem proporcionar isso. O programa vem unir as escolas às universidades, vem unir os alunos com as escolas a ter o contato com os cidadãos das cidades.</i></p>	
<p><i>(Isis) O que eu realmente queria sugerir nesse momento é que o programa não acabasse e permanecesse, pois existem muitos alunos que precisam também ter o contato com esse programa que é de fundamental importância para eles também porque assim como eu tive oportunidade de entrar no programa o meu desejo é que muitos entrem.</i></p>	
<p><i>(Isis) Em relação a aumentar a quantidade de alunos, deveriam aumentar a quantidade de chances e de oportunidade, pegar mais escolas e trabalhar em outras escolas da cidade também.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então eu não vejo defeitos no programa, claro pode melhorar. Pode melhorar, seria muito bom! E como eu falei dá oportunidade a muitos outros para estar nesse programa que até então o programa está bom, mas pode melhorar cada vez mais.</i></p>	
<p><i>(Isis) É em relação ao final do programa como eu já havia falado, e é o que a gente vem discutindo também nas nossas reuniões quando todos nós estamos reunidos, todos os pibidianos, a gente vem discutindo que o programa não deveria realmente chegar ao final e não deveria acabar, deveriam pensar no que ele está proporcionando a cada um de nós, no que ele tem feito na vida de muitos alunos, o que ele está realmente realizando.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então isso é muito importante para vida de cada um de nós, então acabar com o programa é acabar com as nossas experiências, é acabar com nosso conhecimento, é acabar com possibilidades, é acabar com os nossos ideais, é acabar com todas as possibilidades que o programa traz para que possamos crescer.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então eu acredito que não deveriam pensar nessa questão de querer acabar com o</i></p>	

<p><i>programa, mas pelo contrário fazer com que ele cresça mais e abra mais portas para que mais alunos possam também fazer parte do programa e que isso tem contribuído para a nossa vida de forma positiva, eu acredito que não deveria chegar ao fim.</i></p>	
<p><b>Questão de esclarecimento - Isis - Você falou na primeira entrevista que o PIBID foi uma experiência muito boa, mas também complicada porque ainda estava pegando jeito e que cometeu alguns “errinhos”. Quais foram esses “errinhos” do qual você fala?</b></p>	
<p><b>Florabela- Como<sup>17</sup> está sua relação com a escola, professores supervisores, alunos e PIBID?</b></p>	
<p><b>PRÉ-INDICADORES - Isis</b></p>	<p><b>PRÉ-INDICADORES – Florabela</b></p>
<p><i>(Isis) Me inscrevi e pensei que não fosse conseguir entrar, só que deu tudo certo, eu e meu esposo entramos também e começamos a atuar. Então nos primeiros momentos foi uma experiência muito boa, mas também, complicado porque ainda estava pegando o jeito e cometi alguns errinhos (risos) em sala de aula.</i></p>	<p><i>(Florabela) Agora é uma realidade completamente diferente porque é a EJA do Ensino Fundamental, então é completamente diferente à disposição a motivação dos alunos, então eu tenho que ter jogo de cintura maior com eles em questão de cobrança em questão de linguagem mesmo.</i></p>
<p><i>(Isis) Em relação a esses errinhos foi algo bem pessoal porque eu percebi que no primeiro semestre como eu era novata e não sabia bem ainda como atuar em sala de aula então eu com minha colega a gente começou a trabalhar um conteúdo um projeto sobre literatura só que eu não pensei na realidade dos alunos, a maioria dos alunos não tinham boas condições a maioria dos alunos eram ‘atrasados’.</i></p>	<p><i>(Florabela) Na outra escola [...] foi bem diferente porque na outra escola já era uma turma de terceiro ano do Ensino Médio.</i></p>
<p><i>(Isis) Então eu acredito que eu expus muito conteúdo para eles e eles não conseguiram captar bem porque quando partiu para as notas não foram muito boas e a gente teve que trabalhar outros exercícios com eles para que eles pudessem recuperar essas notas. Eu acredito que o meu erro foi esse, não pensar na realidade dos alunos.</i></p>	<p><i>(Florabela) Eu não sei também se é porque estou trabalhando em uma classe de EJA, pois pelo menos aparenta ser uma coisa a parte da escola, é como se não fosse realmente integrado à escola a gente percebe que tem uma questão deixar a turma mais de lado assim nos eventos e nas coisas.</i></p>
<p><b>Isis - Como é a relação e a vivência na escola com os alunos? Como você está realizando o trabalho na escola parceira do PIBID?</b></p> <p><b>Florabela - Como está sua relação como a escola, professores supervisores, alunos e PIBID?</b></p>	
<p><b>PRÉ-INDICADORES - Isis</b></p>	<p><b>PRÉ-INDICADORES – Florabela</b></p>
<p><i>(Isis) Com os alunos está sendo muito bom mesmo. [...] eles estão correspondendo às nossas expectativas. Assim, a gente procura sempre levar uma atividade que chame a</i></p>	<p><i>(Florabela) A minha relação com os alunos nesse semestre foi muito boa, o desenvolvimento das atividades para mim foi muito bom.</i></p>
	<p><i>(Florabela) Com os alunos eu tenho um</i></p>

<sup>17</sup> Algumas perguntas apareceram repetidas no quadro devido ao modo de organização dos pré-indicadores, considerando os critérios de similaridade e complementariedade nas falas.

<p><i>atenção deles, que sai de dentro da sala de aula e explore também a escola no todo, como: a biblioteca e o pátio. Então, isso tem chamado à atenção deles e formado um vínculo entre nós, os pibidianos e eles. Eles sempre nos receberam bem, sempre apoiaram também as atividades, sempre gostaram e participaram bem. Então, estão apresentando alguns resultados. E de acordo com o que a gente quer e o que a gente pensa.</i></p>	<p><i>relacionamento muito bom com os alunos. No primeiro semestre era uma turma, eu acho que era mais de 20 alunos. Não eram todos que iam as aulas né, e não eram todos que se envolviam, mas os que se envolviam a gente se dava bem [...].</i></p>
<p><i>(Isis) [...] a princípio como eu falei sobre a usar tecnologias foi uma ideia nova para eles porque como eles são alunos de EJA às vezes os professores se acomodam muito e passa realmente só aquilo que tá no livro e deixa muita coisa desejar.</i></p>	<p><i>(Florabela) Eu acho que eu consigo desenvolver a atuação, eu consigo ter um bom relacionamento com os alunos, eu consigo ter jogo de cintura na hora de escolher material, na hora de trazer atividades. [...] Então acho que, mais na frente nas outras rotações acredito que as atividades vão ser bem melhor elaboradas (risos), acho que vai ter uma atuação bem melhor minha.</i></p>
<p><i>(Isis) Então o que, que a gente fazia, como a gente trabalhou produção textual com eles então a gente pegou crônica e conto, os gêneros textuais e trabalhava de acordo com as coisas que eles viam no cotidiano. Pegava as músicas que eles gostavam, futebol e temas que eles gostavam para tentar facilitar e fazer com que eles se atrásem mais.</i></p>	
<p><i>(Isis) Levávamos eles para fora da sala de aula porque eles passam um ano na sala e não tem uma aula diferente, então a gente tirava eles da sala levava para o pátio e para a biblioteca.</i></p>	
<p><i>(Isis) [...] fizemos até um trabalho com eles no dia do Halloween no dia das bruxas a gente trabalhou contos de terror com eles. Eles contaram as próprias histórias, os próprios contos que eles já tinham ouvido da família e os contos populares, então foi algo muito interessante e eles gostaram muito. Todo o trabalho que a gente fez com eles sobre produção textual eles sempre produziram bem, colocavam realmente coisas do cotidiano deles, então para facilitar a gente teve essa ideia de trabalhar de acordo com o cotidiano deles com que eles estavam vivendo de acordo com que eles gostavam para que pudesse facilitar.</i></p>	
<p><i>(Isis) Ah, com certeza quando a gente levou eles para o pátio, que a gente fez uma produção de uma história oral e escrita eles amaram ficaram muito felizes. Pediram até para fazer novamente e ficar levando eles de vez enquanto para o pátio para fazer algumas atividades diferentes. Então eles construíram essa história oral e escrita, e podemos perceber até quem tinha uma dicção melhor que falava melhor quem tinha um certo conhecimento que também pode se desprender da sua timidez, então eles se desprenderam da timidez e</i></p>	

<p><i>conseguiram formular a história facilmente. Então foi muito boa à experiência e eles gostaram bastante.</i></p>	
<p><i>(Isis) E como eu falei a gente ia tendo ideias. Pegava contos e crônicas de fácil compreensão e trabalhando sempre em cima da realidade deles.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então o projeto era muito bom, a gente trazia o conteúdo e apresentava para eles um texto para tentar descobrir que tipo de texto era aquele para depois trazer o conceito, trazer as definições para poder atrair mais atenção deles. Eles produziram bastante, produziram crônicas e vão produzir as propagandas.</i></p>	
<p><i>(Isis) Eles desenvolveram muito também desde que a gente entrou, pois eles não tinham o hábito de escrever, eles não gostavam de escrever nada, nem falavam, só que aí eles passaram a escrever, passaram a falar mais, a se comunicar mais com a gente e os textos deles foram melhorando cada vez mais, e cada texto que eles iam fazendo ia melhorando.</i></p>	
<p><i>(Isis) Pronto, como eu falei em relação à escrita, eles melhoraram a escrita. Desde quando a gente entrou em um dos primeiros textos que eles produziram havia muitas repetições, repetições do eu, repetições do aí então a gente foi dando algumas dicas para eles, e eles foram pegando essas dicas e melhorando os textos deles. Eles conseguiam na medida em que foi passando eles foram conseguindo colocar realmente o que eles pensavam.</i></p>	
<p><i>(Isis) Alguns alunos que tinham dificuldade de leitura, estão produzindo melhor os textos, estão se abrindo mais, estão se comunicando mais, conversando mais com a gente em sala de aula, estão dando agora suas opiniões, suas críticas porque no início eles eram muito calados e eles às vezes não respondiam as nossas perguntas.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então eles estão correspondendo as nossas expectativas nesse sentido porque houve entre nós uma relação melhor entre eu e a minha colega uma relação maior. A gente conseguiu a confiança deles e eles passaram a se abrir mais e mostrar também as dificuldades deles.</i></p>	
<p><b>Isis e Florbela - Fale acerca do trabalho que você desenvolve na escola, o planejamento, as atividades e os estudos.</b></p>	
<p><b>PRÉ-INDICADORES – Isis</b></p>	<p><b>PRÉ-INDICADORES – Florbela</b></p>

<p><i>(Isis) Sobre o que a gente está trabalhando com eles foi exatamente o que eu falei que é a produção textual. A gente já está encerrando o semestre e estamos trabalhando com propaganda, mas a gente trabalhou com eles conto, crônica e tudo isso foi planejado com o nosso supervisor, a gente tirava mais ou menos um dia da semana especificamente as quintas-feiras para desenvolver esse trabalho.</i></p>	<p><i>(Florabela) [...] agora a gente está trabalhando muito com o gênero textual e a gente está fazendo muita produção de texto. [...] quando a gente vai estudar alguns gêneros a gente traz um exemplo do gênero trabalha com eles primeiro, leitura, análise do texto, interpretação do texto, depois a gente passa a caracterização e só depois de caracterização é que a gente vai para atividade.</i></p>
	<p><i>(Florabela) [...] a gente tem muito isso é que a gente faz Letras/Literatura, a gente tem muito essa questão de interpretação porque a gente quer é o envolvimento deles [...] de fazer eles pensarem sobre o texto, de fazer eles comentarem é bom tanto para a evolução deles enquanto leitores quanto para a realização das atividades</i></p>
	<p><i>(Florabela) [...] a gente ficou assim na terça-feira a gente dá aula e realiza atividade. Na quinta-feira, a gente a cada 15 dias se reúne para fazer planejamento, nesse planejamento a gente planeja o mês inteiro. [...] Então se reúne toda equipe e vê com o supervisor o que é que a gente vai trazer para os alunos, o que vai trabalhar e se a gente já pensou o que vai desenvolver.</i></p>
	<p><i>(Florabela) Então é uma coisa que já é muito espontânea de certa forma porque a gente vê, por exemplo, a gente estudou contos, no dia mesmo que a gente sentou e falou, pronto vamos trabalhar contos, então nesse mesmo dia a gente já foi pensando que contos trazer, que atividade realizar, como fazer isso com os alunos, como fazer eles produzirem. Então a gente consegue fazer isso num dia só e a partir daí a gente vai só trabalhando e estudando conteúdo, estudando conto, como vai fazer esse aluno produzir dentro da sala de aula.</i></p>
	<p><i>(Florabela) Então a gente vai se ajudando dessa forma e estudando dessa forma, quando tem alguma ideia nova, quando a gente estudou alguma ideia nova a gente conversa e diz, achei isso interessante. O que você acha?</i></p>
	<p><i>(Florabela) [...] as atividades a gente faz dessa mesma forma, a gente estuda no dia que a gente faz o planejamento a gente já tem uma ideia de como fazer esse aluno produzir e aí a gente vai amadurecendo a ideia conforme foi estudando e vai conversando uma com a outra para chegar no dia e realmente fazer o pessoal produzir. É uma luta para fazer eles produzirem, mas eles produzem. A gente consegue fazer isso.</i></p>

<p align="center"><b>Questão de aprofundamento:</b>  <b>Florabela - Fale sobre o trabalho que você vem desenvolvendo na escola.</b>  <b>Você teria alguma sugestão para acrescentar ao programa?</b></p>	
PRÉ-INDICADORES - Isis	PRÉ-INDICADORES – Florbela
	<p><i>(Florabela) Eu acho que a rotação que a gente faz, apesar de eu não gostar muito, pois eu acho que é pouco tempo para você desenvolver alguma coisa significativa, realmente significativa.</i></p> <p><i>(Florabela) [...] o tempo é muito curto então a gente teve pouco tempo para elaborar uma coisa maior então a gente também enfrentou uma greve que foi péssima, cortou totalmente os planos da gente, sabe? [...] Fiquei bem triste inclusive, porque eu queria participar das oficinas porque o tempo é tão curto e especialmente com a greve então cortou aí nosso plano de fazer oficina com eles, mas teria sido bem bacana.</i></p> <p><i>(Florabela) Mas eu já comentei e vou falar de novo que é a questão da rotatividade. Eu acho que o tempo é muito curto para produzir por que é só um semestre e um semestre eu sei que é necessário eu sei que é enriquecedor para o aluno pibidiano, mas eu acho que para produção principalmente a questão de tempo, evento, questão de trabalhar conteúdo em sala de aula.</i></p> <p><i>(Florabela) Não sei, acontece uma mágica que quando você está fora você não percebe que o tempo é tão curto para conseguir produzir com eles, mas quando você está dentro é que você percebe, gente já acabou o ano e agora?</i></p> <p><i>(Florabela) Eu sinto que é pouco tempo eu sei que é necessário. Eu fico entre essas duas questões corriqueiras eu sei que é necessário e enriquecedor porque eu senti como é enriquecedor, mas ao mesmo tempo eu fico pensando que é pouco tempo para trabalhar eu não sei se é porque eu me apego ao aluno pode ser isso, mas o restante está ótimo.</i></p>
<p align="center"><b>Questão de aprofundamento:</b>  <b>Isis - Como você avalia sua vivência no PIBID durante esse período?</b></p>	
PRÉ-INDICADORES - Isis	PRÉ-INDICADORES – Florbela
<p><i>(Isis) Faz um ano exatamente que eu estou no programa e para me avaliar, acredito que ainda preciso melhorar muito, porque como eu falei não é fácil você pegar uma realidade de uma escola e você está ali tentar colocar em prática e trabalhar com aqueles alunos que tem uma história diferenciada porque você precisa saber se adaptar, você precisa saber controlar, você precisa saber o que vai levar para sala de aula porque às vezes você planeja</i></p>	

<p><i>uma coisa chega lá tudo muda você tem que ter um plano B.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então acredito que eu preciso melhorar e também acredito que eu melhorei em relação a quando eu entrei no começo, porque eu comecei a olhar para a realidade dos alunos, comecei a trabalhar em cima do que eles viviam para facilitar e acredito também que preciso melhorar a cada vez mais.</i></p>	
<p><b>Florbela – Você falou anteriormente que trabalhava. O seu trabalho é relacionado à educação? O trabalho não atrapalha as atividades do PIBID?</b></p>	
<p><b>PRÉ-INDICADORES - Isis</b></p>	<p><b>PRÉ-INDICADORES – Florbela</b></p>
	<p><i>(Florbela) E dentro do universo acadêmico eu não sei se é porque a gente ainda está em fase de adaptação, mas eu sinto que, não que esteja atrapalhando, mas rouba um tempo que a gente tem, especialmente quem tem outros afazeres, por exemplo, o trabalho. Eu tenho a universidade, tenho o PIBID, e tenho o trabalho, e ainda tem um projeto de extensão que também é com a professora Maria, de literatura teatral.</i></p> <p><i>(Florbela) Dentro do projeto ele não me influencia tanto em questão de roubar tempo da universidade, nem o projeto e nem o trabalho, pois eu tenho a sorte de ter um chefe (risos) que consegue compreender que eu tenho o PIBID e a universidade.</i></p> <p><i>(Florbela) (Sorriu), Não tem nada a ver com educação meu outro trabalho. Eu trabalho fora isso, eu trabalho com projeção de móveis (risos). Eu projeto móveis planejados. Esse meu outro trabalho é com desenho, com público, planilha, orçamento, todas essas coisas que eu não gosto! (sorriu). Basicamente, é tudo voltado para exatas. É muito desenho! É muita forma geométrica! Muita planilha! Então não tem nada a ver com o trabalho do PIBID.</i></p> <p><i>(Florbela) Não atrapalha! Porque assim que eu comecei a trabalhar eu já deixei uma coisa bem clara! Olha eu estudo! Quando eu entrei para o PIBID eu já fui deixando bem claro também, olha eu estudo agora, mas eu tenho isso aqui também, estou neste programa de bolsa. E aí sempre rola aquele, mas vai atrapalhar.</i></p> <p><i>(Florbela) [...] não abro mão, porque não tem como eu abrir mão por que é o meu futuro, né? Então não posso realmente abrir mão, e de certa forma também não posso abrir mão do trabalho por que é a forma que eu tenho de me sustentar. Tanto o PIBID quanto o trabalho é uma forma que eu tenho de me sustentar e ajudar a minha família e tudo mais. Então não posso abrir mão de nenhuma das duas coisas. Então eu tenho que</i></p>

	<i>ter esse jogo cintura para dar aquela equilibrada, mas o trabalho é bem tranquilo e não afeta em nada.</i>
<b>Questão de esclarecimento:</b>	
<b>Florabela – Na primeira entrevista você falou que com a nova coordenadora vocês começaram realmente a andar porque estão sendo mais cobrados. Quais são essas cobranças da nova coordenadora?</b>	
<b>PRÉ-INDICADORES – Isis</b>	<b>PRÉ-INDICADORES – Florabela</b>
	<i>(Florabela) [...] quando eu entrei a gente tinha uma coordenadora e ela foi embora né? Veio, Maria<sup>18</sup> e agora que a gente está começando a andar realmente, pelo menos ao meu ver agora que a gente tá começando a andar a gente tá tendo mais reunião de formação [...] está sendo cobrado mas.</i>
	<i>(Florabela) [...] o PIBID pela fase de adaptação que a gente está tendo com essa nova coordenadora ele está cobrando mais da gente e como a gente ainda está se adaptando isso acaba fazendo a gente dar umas derrapadas às vezes, mas de resto é tranquilo (risos).</i>
	<i>(Florabela) A coordenadora é uma pessoa incrível. Aqui dentro da universidade é uma das professoras mais querida por mim, mas ela cobra (risos), ela é muito exigente ela quer sempre postagem, ela quer sempre foto, ela pega muito no meu pé porque eu sempre me esqueço de tirar fotos (risos), então à gente tem sempre que está em dias tanto em questão para as postagens das atividades, para documentação que é essa foto que ela pega tanto no meu pé.</i>
	<i>(Florabela) As maiores cobranças delas são essas de saber o que está acontecendo e querer que a gente registre o que está acontecendo que é para ela poder ter uma noção melhor para poder organizar.</i>
<b>Isis e Florabela - Você falou que iria apresentar um trabalho em um evento do PIBID no Campus Central. Como foi essa experiência de apresentar um trabalho fruto de sua vivência no PIBID?</b>	
<b>PRÉ-INDICADORES - Isis</b>	<b>PRÉ-INDICADORES – Florabela</b>
<i>(Isis) Ah! Até então, a gente vai apresentar um trabalho num evento que vai haver em Mossoró. Eu não tinha apresentado nenhum trabalho ainda, mas a gente está fazendo alguns momentos de discussão para discutir as experiências que a gente tem, as dificuldades e vamos começar agora apresentar trabalhos. Estamos montando ainda porque como eu entrei</i>	<i>(Florabela) [...] uma das coisas que me incomodam dentro do PIBID, pois como a gente não é tão próximo da UERN Central a gente acaba recebendo as notícias meio que de última hora então é uma coisa bem corrido a gente tem que se virar nos trinta para poder trazer alguma coisa e participar dos eventos em si.</i>

---

18 Nome fictício.

<p><i>há pouco tempo, ainda estou pegando experiência, né? Sou novata, mas a gente está aí discutindo as dificuldades em grupos, criando resenhas e fazendo alguns relatórios sobre aquilo que a gente tá vivendo em sala de aula como: o caderno reflexivo que a gente tem e lá a gente escreve todas as coisas importantes que a gente convive em sala.</i></p>	<p><i>(Florbela) Evento, a gente só tem agora o terceiro salão do PIBID, pelo menos desde quando eu entrei, a gente só tem esse evento para ir, mas está sendo elaborado artigos e oficinas.</i></p>
<p><i>(Isis) A experiência foi muito boa! Porém também causou muito nervosismo, pois como era o primeiro ainda não havia... é a gente não tinha ainda o conhecimento de como apresentar um trabalho em algum evento, mas assim foi muito bom e eu gostei bastante percebi que não era um bicho de sete cabeça, mas que era algo realmente bom para o nosso crescimento enquanto pibidianos.</i></p>	<p><i>(Florbela) [...] a gente está nesse processo de referência para fazer uma coisa em cima da hora é bem complicado! E aí a gente vai participar agora do terceiro salão está todo mundo se virando nos trinta porque tá todo mundo nesse processo de referência com os alunos e de regência e a galera está se virando (risos).</i></p>
<p><i>(Isis) Contribuíu, no sentido que tivemos a primeira experiência, eu tive a primeira experiência de como apresentar um trabalho. Então contribuiu no sentido de que aumentou ainda mais o desejo de fazer mais trabalhos para poder levar e poder passar também as nossas experiências e poder passar o nosso conhecimento para as outras pessoas e também ouvir um pouco das experiências dos outros que estavam lá.</i></p>	<p><i>(Florbela) [...] foi a primeira vez que apresentei um trabalho relacionado ao PIBID. [...] mas foi uma experiência muito boa! Tive contato com outros projetos. Foi incrível!</i></p>
	<p><i>(Florbela) É muito bom você vê o que está acontecendo com outras turmas porque a gente não tem muita noção, pois fica muito afastado, mas é muito interessante o desenvolvimento das outras turmas. Eu fique encantada com os projetos. Eu fiquei meu Deus quero fazer isso da minha vida (risos). Quero fazer algum projeto parecido, alguma coisa assim sei lá. Foi muito bacana! [...] mas foi muito bom! Teve uma discussão muito interessante na hora da apresentação. Só teve pontos positivos.</i></p>
	<p><i>(Florbela) Com certeza. Nossa! Como eu falei é muito inspirador você vê os outros projetos. Vê que tem muita gente boa dentro do projeto com tanta ideia bacana, aí você fica com vontade de produzir mais, fica com vontade de fazer mais, de trazer alguma coisa relevante para dentro da escola e para dentro da vida do aluno. Eu não sei se os meus colegas tiveram essa mesma percepção, mas, nossa eu fiquei muito inspirada vendo os projetos das outras turmas. Foi bem bacana.</i></p>
<p><b>Florbela - Você falou anteriormente sobre reuniões de formação. Como funcionam essas reuniões?</b></p>	
<p><b>PRÉ-INDICADORES - Isis</b></p>	<p><b>PRÉ-INDICADORES – Florbela</b></p>
	<p><i>(Florbela) Isso! Assim, a gente tem reuniões de formações, eu não sei exatamente de quanto em quanto tempo, mas a gente sempre tem uma reuniãozinha de formação para a gente se juntar, compartilhar vivências que a gente está tendo do programa. [...] essas reuniões de formações que é justamente para a gente estudar métodos e propostas de atividades para dentro do programa. Eu acho maravilhoso é incrível e ajuda de um jeito que a gente não tem noção do que precisa, mas é uma ajuda incrível.</i></p> <p><i>(Florbela) Então, a gente sempre tem essa</i></p>

	<p><i>reunião, onde é entregue um material, e a gente ler e estuda esse material e quando a gente vai para reunião de formação a gente discute esse material e relaciona o material que a gente estudou com as vivências que a gente tem, já trazendo propostas novas. Então é bem bacana!</i></p>
	<p><i>(Florabela) [...] as reuniões de formação é bacana porque você sabe o que os outros grupos estão fazendo, você divide as experiências, você pode pegar referências para sua atuação dentro da sala de aula também. Então é bem interessante!</i></p>
	<p><i>(Florabela) Tem outra questão que é as reuniões de formação também que ela também exige que estejamos presente sempre, que a gente leia o conteúdo, que a gente discuta, tem as resenhas porque ela quer que a gente tenha muita leitura, por que somos alunos de letras então ela quer que a gente tenha muita leitura infanto-juvenil para poder trazer para sala de aula, mas nas reuniões ela sempre pergunta como está indo dentro da sala de aula, ela está sempre questionando se está tendo algum problema, alguma dificuldade.</i></p>
	<p><i>(Florabela) [...] Eu acho que eu já tinha comentado na outra entrevista, é uma assistência muito grande, essa reunião de formação porque é um material que normalmente a gente não tem.</i></p>
	<p><i>(Florabela) É uma coisa inteiramente nova, de certa forma é questão didática, não questão didática que a gente vê de teoria na sala de aula, mas é questão de proposta mesmo, então sempre tem uma proposta interessante que a gente pode aplicar. A gente nessas reuniões como são com todos, a gente fica sabendo o que o outro está fazendo e produzindo e a gente consegue se inspirar também para poder fazer o nosso trabalho em sala de aula.</i></p>
<p><b>Questões de esclarecimentos:</b></p> <p><b>Isis - Você deseja retirar alguma parte ou acrescentar alguma coisa que foi dito na primeira entrevista?</b></p> <p><b>Florabela - Na primeira entrevista você falou que quando chegou à escola percebeu coisas que enquanto aluna não conseguia perceber, e que era um pouco chocante no primeiro momento. Que coisas foram essas que você percebeu quando chegou à escola?</b></p>	
<p><b>PRÉ-INDICADORES - Isis</b></p>	<p><b>PRÉ-INDICADORES – Florabela</b></p>
<p><i>(Isis) Sim, sobre as expectativas [...] as minhas expectativas caiu um pouquinho porque eu tive que passar por um desafio para poder tentar me encaixar e me enquadrar no contexto da escola porque a teoria que eu tinha serviu algumas coisas, mas a maioria das coisas a gente teve que se reinventar, teve que se adaptar, à forma correta seria se adaptar aquele contexto, aquele aluno e que as coisas</i></p>	<p><i>(Florabela) [...] eu entrar numa escola que eu já fui aluna e perceber coisas que enquanto aluna não conseguia perceber. É muito, é um pouco chocante assim no primeiro momento, mas é muita boa experiência.</i></p> <p><i>(Florabela) A entrada no programa me fez abrir muito os olhos para isso, para encarar essa realidade, essa realidade bruta, essa realidade dura, que é o ensino em escola pública. [...]</i></p>

<p><i>não era algo muito fantasioso eu digo no sentido assim, que não é algo fácil, você precisa, você tem uma responsabilidade, você precisa saber trabalhar diante daquela turma, diante daquela sala, diante daquela instituição que tem as suas regras.</i></p>	<p><i>como eu posso dizer, foi o maior clique que te vi, foi essa coisa de, olha não é assim, a realidade não é essa!</i></p> <p><i>(Florbela) Aconteceu comigo tanto na escola de ensino médio quanto na de ensino fundamental [...]. Acho que a primeira coisa que a gente percebe logo de cara é a estrutura da escola mesmo. Na época que eu estudei na escola de ensino fundamental aquela escola era a maior referência aqui dentro da cidade, era maior referência.</i></p> <p><i>(Florbela) Hoje quando eu entrei para o primeiro dia de aula eu já eu percebi que a escola perdeu essa referência, ela não é mais centro de referência e foi uma coisa que me chocou porque é uma escola enorme que tinha na minha época pelo menos uma estrutura muito grande de sala de jogos, sala de TV, sala de biblioteca e leitura.</i></p> <p><i>(Florbela) [...] era sempre uma comoção muito grande dentro da escola para produzir um evento para trazer a comunidade para dentro da escola até mesmo os pais dos alunos, mas hoje em dia eu não vejo um tanto isso lá dentro, tudo bem que eu só vou umas duas vezes por semana no máximo, mas eu não vejo isso lá dentro.</i></p> <p><i>(Florbela) Mas a primeira coisa que me chocou foi isso a estrutura, em compensação a escola que eu fiz o ensino médio quando eu estudava primeiro ano era uma bagunça, a escola não tinha estrutura, no ensino poucos professores eram realmente interessados pelos menos na minha visão de aluna na época.</i></p> <p><i>(Florbela) Hoje em dia eu vejo que a escola assim que eu entrei eu fiquei muito feliz de ver a escola com ar condicionado, com muito mais salas para aula mesmo, então as primeiras coisas que chocam quando você bota o pé na escola e vê a evolução ou não (risos) da estrutura da escola, então a primeira coisa que chocou foi isso. E foi o baque maior.</i></p> <p><i>(Florbela) Aí tem a questão também de preparação de aulas que é uma coisa que enquanto aluna não fazia a menor ideia de como acontecia, do trabalho que dava para você elaborar uma aula.</i></p> <p><i>(Florbela) Mas vê a relação entre professor e perceber essa elaboração de aula, de quando tem algum evento, a questão da burocracia que tem na elaboração de um evento que parece uma coisa simples que enquanto aluna a gente fica a uma besteirinha dessa, mas é diferente e é bom porque a gente percebe o trabalho que dá e a</i></p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p><i>gente dá mais valor quando a gente percebe o trabalho. Então essas são as coisas mais chocantes assim.</i></p>
	<p><i>(Florbela) E estava os professores de língua portuguesa em conjunto com os professores de matemática estava elaborando essas aulas que é extremamente importante. Eu lembro que na minha época também teve, mas eu não fazia ideia do trabalho que dava para produzir essas aulas.</i></p>
<p><b>Fonte:</b> Produção da autora</p>	

Ao concluirmos a organização dos pré-indicadores resultantes das entrevistas com as duas bolsistas de iniciação á docência, seguiu-se para a sistematização dos indicadores que segundo Murta (2008, p. 97) busca “a integração da parte ao todo, de não perder a totalidade, sem perder também a especificidade da parte”, conforme apresentamos no tópico seguinte.

#### 4.2 SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES

Após o levantamento dos pré - indicadores primeira etapa do processo de análise, que nos permite a aproximação da palavra com significado, avançamos para a segunda etapa de sistematização dos indicadores, que “tem como finalidade a *negação* do discurso tal como se apresenta, isto é, a negação do dito”, assim “é preciso explicitar, por meio do processo de análise e síntese, as contraditórias relações existentes entre os pré-indicadores, relações estas que, inclusive, nos levam a articulá-los para compor os indicadores” Aguiar, Soares e Machado (2015, p. 68). Desse modo, buscando apreender os significados e sentidos constituídos pelas bolsistas de iniciação à docência Isis e Florbela acerca de suas vivências no PIBID-UERN, sistematizamos os indicadores<sup>19</sup> considerando os critérios de similaridade e complementariedade das informações contidas nas entrevistas, como orienta. Aguiar e Ozella (2013). Vejamos o quadro II:

---

<sup>19</sup> Sistematizamos 17 Indicadores, resultado dos 152 pré - indicadores das entrevistas com as bolsistas Isis e Florbela.

Quadro 2: Sistematização dos indicadores

SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES	
PRÉ-INDICADORES - ISIS E FLORBELA	INDICADORES
<i>(Isis) Meu nome é Isis. Eu tenho 21 anos. Eu nasci em Olho D'água dos Borges. Daqui do RN mesmo.</i>	Infância, família e escola aspectos constitutivos do sujeito.
<i>(Florbela) Meu nome é Florbela. Eu tenho 24 anos agora (risos) quando eu entrei no PIBID eu tinha 23. Eu estou a 2 semestres no PIBID e estou no quarto período.</i>	
<i>(Isis) [...] minha infância em relação a essas questões da educação ela foi muito boa.</i>	
<i>(Florbela) Eu comecei a estudar, eu não sei se a gente pode falar realmente estudar, mas eu falo estudar quando eu tinha 2 anos porque foi quando eu entrei na creche. Eu fui criada pela minha avó, minha avó trabalhava em casa de família, aí eu precisava ir para creche, pois não tinha ninguém para cuidar de mim, né (risos). E aí eu ia para creche e quando eu saía da creche (silêncio) é eu realmente não lembro.</i>	
<i>(Isis) Em relação à questão da escola eu sempre fui uma boa aluna, segundo os meus pais. Aprendi a ler nova.</i>	
<i>(Florbela) [...] eu sei assim de ouvir falar, quando eu entrei para (pausa) quando eu comecei mesmo assim, a primeira série e tudo mais, eu acho que eu já tinha uns 7 anos.</i>	
<i>(Isis) Eles às vezes me ajudavam muito em casa na questão das atividades e aos exercícios que passavam.</i>	
<i>(Florbela) [...] a minha vivência inteira foi em escola pública (risos) e aqui em Patu, pelo menos até o ensino médio foi aqui, e inteira em escola pública.</i>	
<i>(Isis) É, tive que repetir um ano. Não porque fiquei reprovada, mas foi porque não havia vagas mais na escola, então tive que repetir a segunda série.</i>	
<i>(Isis) [...] quando eu era menor eu sempre gostei muito de ler e de escrever.</i>	
<i>(Florbela) E acho que eu já entrei na primeira série já sabendo ler e já sabendo escrever porque eu sempre fui muito, muito curiosa. Estava sempre tentando escrever. Estava sempre tentando ler alguma coisa e desde sempre tive muita proximidade com a leitura.</i>	
<i>(Isis) [...] quando cheguei ao ensino fundamental e ensino médio fui gostando mais ainda de leitura e de escrita.</i>	
<i>(Florbela) [...] eu fui criada com uma espécie de irmão mais velho. [...] Então eu via ele estudando e tudo mais. Eu queria estudar também, queria ler.</i>	
<i>(Florbela) Eu tinha (risos) eu tenho uma Bíblia daquelas pequenas, Bíblia de criança eu adorava. Eu li aquilo umas cinco vezes ou mais, foi lendo isso que eu comecei a pegar gosto pela leitura em si.</i>	
<i>(Florbela) [...] eu sempre fui muito de ler, sempre fui à típica menina estudiosa.</i>	
<i>(Isis) Eu pensava em me formar em outra coisa.</i>	

<p>(Florbela) <i>Quando eu entrei no ensino médio foi quando eu tive uma proximidade realmente assim, do que eu quero enquanto estudante né, porque quando você chega ao ensino médio é aquela idade rebelde de adolescente e normalmente o adolescente ele fica meio perdido no Ensino Médio a gente não sabe muito bem o que quer.</i></p>	<p>O ensino médio e os embaraços na escolha profissional</p>
<p>(Isis) [...] <i>fui também desvalorizando a profissão de professor que é o que eu vou ser realmente daqui uns anos. Então eu desvalorizada essa profissão, queria ser Veterinária ou Psicóloga; procurava outras áreas.</i></p>	
<p>(Florbela) <i>A partir do segundo ano do ensino médio eu comecei a constituir uma ideia do que eu poderia vir a fazer quando eu chegasse à fase adulta. Foi quando eu comecei a ter é (pausa) comecei a me envolver mais em questão de Português e Literatura, pois eu nunca fui muito da parte de exatas.</i></p>	
<p>(Isis) <i>Só depois eu coloquei em Letras e não sabia que estava na lista de espera, não imaginava que eu estava na lista de espera. E recebi o resultado que tinha passado eu e meu esposo. Então aí eu fiquei feliz porque era a oportunidade que eu tinha, já tinha feito alguns ENEMS e Vestibulares não tinha conseguido entrar. Então eu fui. Era tudo ou nada.</i></p>	
<p>(Isis) [...] <i>eu sempre fui muito próxima dos professores. Eu gosto de ter esse vínculo com os professores desde pequena.</i></p>	
<p>(Florbela) [...] <i>eu tive professores muito bons, apesar de ser em escola pública e apesar das deficiências.</i></p>	
<p>(Isis) <i>Entreí... Pensava será que vou ser realmente professora? Será que eu vou gostar do curso? Então aí comecei a me encontrar no curso.</i></p>	
<p>(Florbela) <i>No ensino médio eu tive um professor maravilhoso que por coincidência agora ele é o meu supervisor, ele não é meu supervisor nesse momento, mas ele já foi meu supervisor dentro do PIBID, que é o professor Gabriel<sup>20</sup>. Você conhece né, o professor Gabriel do ensino médio ele é maravilhoso as aulas dele eram incríveis e eu já era apaixonada por Português.</i></p>	
<p>(Isis) <i>Hoje eu estou no quarto período de Letras de Língua Portuguesa. É, e Trabalho no PIBID.</i></p>	
<p>(Florbela) [...] <i>eu já gostava de português e aí quando eu tive essa proximidade com o Gabriel dentro do ensino médio que foi a partir do segundo ano que foi o momento em que ele começou a trazer muita literatura e começou a trazer muita produção textual já para preparar os alunos para o Enem. . E aí gente eu fiquei maravilhada porque foi quando se abriu, eu já gostava de ler e aí foi quando se abriu aquele leque. Meu Deus! Literatura! É isso, é literatura! E aí foi quando eu pensei, é isso mesmo que eu quero fazer alguma coisa relacionada à Produção Textual, Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, e especialmente Literatura, então foi quando eu tive esse Click de ver é isso que eu quero.</i></p>	
<p>(Isis) <i>Não! Assim como eu havia dito, né? Eu não queria ser professora. (risos). Então algumas pessoas comentavam: -“Olha o curso de Letras é muito bom”; - “você ‘devia’ fazer”; só que eu</i></p>	

20 Nome fictício.

<p><i>coloquei não porque alguém me incentivou, mas porque era a alternativa que tinha.</i></p>	
<p><i>(Florbela) Depois do ensino médio eu comecei um curso técnico. Olha como é engraçado, eu comecei um curso técnico voltado para área de química (risos). Comecei o curso técnico para área de mineração e era muita química, muita química e muita química. Consegui terminar o curso técnico nas últimas. Quando eu terminei aí eu desenvolvi um afeto pelo curso e tudo mais.</i></p>	
<p><i>(Isis) A minha nota de corte só dava para entrar em Letras, então coloquei lá mesmo só para não ficar sem fazer nada porque todos da minha sala haviam conseguido. Eles entraram em um curso. Eu pensava: só eu que não vou entrar. Então vou botar em qualquer coisa. Mas coloquei em Letras e deu certo e não foi o que eu pensei, né? O curso não é chato. O curso não é besta. O curso é maravilhoso! E proporciona realmente experiências muito lindas, belas e que nos formam como ser humano. Como seres pensantes e que pensa também no outro.</i></p>	
<p><i>(Florbela) Tentei trabalhar na área, mas a área de mineração para mulher é terrível, é péssimo mesmo. Eu fiquei sem trabalho e sem estágio porque as empresas não têm a capacidade de receber uma mulher, isso é um absurdo não ter capacidade de receber uma mulher para trabalhar na empresa.</i></p>	
<p><i>(Florbela) E foi o momento que eu fiquei meio estagnada, e agora o que, que eu faço? Não consigo trabalhar nessa área, não vou conseguir nada por aqui.</i></p>	
<p><i>(Florbela) [...] aí eu pensei, vou tentar Letras finalmente, porque foi bem quando veio para cá porque quando eu sai ainda não tinha, aqui era só Pedagogia, Matemática e Ciências Contábeis e eu não queria nada disso. Não identificava com nada, o mais próximo era Pedagogia, mas ainda assim (risos), não queria. (Florbela). Aí foi a chance que eu tive de entrar num curso que eu realmente gostasse, foi o de Letras quando eu comecei aqui.</i></p>	
<p><i>(Isis) [...] O PIBID eu já havia e já tinha ouvido falar sobre ele. Um amigo da gente comentava muito sobre o PIBID. E a gente tinha muita vontade de entrar nesse programa, justamente também para que a gente pudesse se sustentar na faculdade por causa do material, de livro que tinha que comprar, então como a gente havia mudado de cidade a gente morava em Olho D'água dos Borges, e viemos residir aqui em Messias Targino. Então a gente não poderia trabalhar. Eu e meu esposo não poderíamos trabalhar porque o curso é pela manhã. Então não teria como conseguir um emprego pela tarde ou pela noite, até porque esses horários serviam para estudar. Então a nossa única chance era o PIBID. A gente se inscreveu e conseguiu passar, né? E além da bolsa ajudar em relação a essas questões materiais né? Ajudou também com as experiências.</i></p>	<p><b>A entrada no PIBID-UERN e a importância no processo formativo das bolsistas</b></p>
<p><i>(Florbela) Sim, quando eu entrei eu acho, eu acho que eu entrei já no segundo período, eu não ia entrar (RISOS), eu não ia me inscrever.</i></p>	
<p><i>(Isis) Em relação às expectativas porque a princípio quando entrei na universidade muitos pibidianos comentavam sobre o programa e diziam ser algo muito bom que valeria a pena participar. Eu ainda não tinha conhecimento sobre o programa</i></p>	

<p><i>então as minhas expectativas era que eu iria adquirir mais conhecimento e iria poder unir a prática com a teoria e poderia também. É isso mesmo, (risos). E também em relação se o que o programa iria realmente mostrar se eu queria seguir aquela profissão ou não porque até então eu acreditava que as coisas fossem algo muito fantasioso, só que quando eu entrei no programa eu percebi que realmente o programa traria conhecimento e trouxe conhecimento para minha vida e trouxe também o desejo de continuar com o curso e o desejo de me tornar realmente um profissional, um Professor.</i></p>	
<p><i>(Florbela) Ai porque, por N motivos, mas, eu queria participar de alguma coisa porque eu sempre fui muito ativa dentro do universo escolar, desde o ensino fundamental qualquer coisinha que aparecesse eu estava querendo participar. E aí eu queria fazer isso dentro da Universidade também, eu gosto de participar.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então ele atendeu a todas as minhas expectativas nesse sentido, porque eu consegui deixar de ser o que eu era: uma pessoa tímida e consegui entender realmente o que era estar em sala de aula. Entender o que era estar ali em contato com o outro.</i></p>	
<p><i>(Florbela) Eu gosto de saber o que tá acontecendo [...] Eu acho que traz uma experiência pessoal muito enriquecedora você participar do que acontece dentro do ambiente acadêmico. E aí eu queria participar. Eu queria ter essa experiência.</i></p>	
<p><i>(Florbela) Se eu vou atuar como professora então é uma chance que dificilmente eu vou ter, fora de estágio essas coisas. E aí eu me interessei. Foi à primeira coisa assim, que surgiu entre projeto de extensão e programa de bolsa, foi à primeira coisa que apareceu aí eu agarrei (risos).</i></p>	
<p><i>(Florbela) Quando eu entrei foi uma dificuldade para me inscrever porque precisava de um currículo específico e eu não tinha nada tinha nada, não tinha ferramenta nenhuma tinha só o meu ira (risos) e aquela pontuação básica, mas aí eu fiz com que eu tinha porque eu tinha realmente acabado de entrar no curso. Eu estava no segundo período ainda e eu não.</i></p>	
<p><i>(Florbela) Eu tive muito incentivo de Lara<sup>21</sup>, na época ela ensinava a disciplina de Teoria da Literatura. E aí, eu tive muito incentivo dela, eu acho que se ela não tivesse insistido “Não, Florbela se inscreva”, eu não teria me escrito. Eu teria desistido ali na primeira dificuldade.</i></p>	
<p><i>(Isis) [...] só que quando foi para partir da união da teoria com a prática eu percebi que às vezes as Universidades e as licenciaturas não preparam os alunos para atuarem nas escolas.</i></p>	
<p><i>(Florbela) A parte prática é muito diferente, é uma realidade muito diferente daquela teórica, pois a universidade não tem como preparar você para a realidade que você vai enfrentar dentro de uma escola pública que a gente atua escola pública.</i></p>	
<p><i>(Isis) Elas não desprezam a teoria, tem a teoria que é algo muito importante porque sem a teoria não tem como você separar ela da prática, só que muita das vezes aquela teoria quando você pega ela e vai usar em sala de aula é diferente porque cada um tem um</i></p>	<p><b>Lacunas e distanciamentos entre a teoria e a prática nos cursos de licenciaturas</b></p>

21 Nome fictício.

<p><i>contexto diferente.</i></p>	
<p><i>(Isis) [...] eu tive que passar por um desafio para poder tentar me encaixar e me enquadrar no contexto da escola porque a teoria que eu tinha serviu algumas coisas, mas a maioria das coisas a gente teve que se reinventar, teve que se adaptar, à forma correta seria se adaptar aquele contexto, aquele aluno e que as coisas não era algo muito fantasioso eu digo no sentido assim, que não é algo fácil, você precisa, você tem uma responsabilidade, você precisa saber trabalhar diante daquela turma, diante daquela sala, diante daquela instituição que tem as suas regras.</i></p>	
<p><i>(Florabela) [...] a gente sai daqui muito preso em teoria achando que vai ser de um jeito e aí quando chega lá, é que você vê que a realidade não é exatamente essa, você se assusta de início e sabe que o medo tende a deixar você meio parado.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então não é algo fácil, então é para quem realmente quer seguir a profissão porque você pode ter a melhor teoria do mundo, mas quando você parte para a prática é que você vai saber se você vai ser um bom Profissional ou não.</i></p>	
<p><i>(Florabela) Olha, muda. Muda bastante aquela coisa que eu falei primeiro, se eu não tivesse tido esse contato com o programa provavelmente eu ainda estaria naquela coisa presa nas teorias e ainda com aquela velha utopia de que vai ser tudo lindo e de que os alunos serão todos perfeitos! (risos).</i></p>	
<p><i>(Isis) [...] pois, como eu falei não adianta você ter só a teoria, mas você necessita da prática para você entender realmente, porque você sai da Universidade não praticou nada, aí quando você se deparar com a sala de aula com alunos, cada um é diferente e com o temperamento diferente então você precisa estar preparado.</i></p>	
<p><i>(Isis) [...] sem o programa como é que nós vamos poder realmente unir aquela teoria que nós temos na universidade, como é que o aluno vai ter essa oportunidade de praticar e de realmente saber se é aquilo realmente que ele quer para sua vida.</i></p>	
<p><i>(Florabela) [...] eu entrar numa escola que eu já fui aluna e perceber coisas que enquanto aluna não conseguia perceber. É muito, é um pouco chocante assim no primeiro momento, mas é muita boa experiência.</i></p>	
<p><i>(Florabela) A entrada no programa me fez abrir muito os olhos para isso, para encarar essa realidade, essa realidade bruta, essa realidade dura, que é o ensino em escola pública. [...] como eu posso dizer, foi o maior clique que te vi, foi essa coisa de, olha não é assim, a realidade não é essa!</i></p>	<p><b>A dimensão subjetiva do ensino na escola pública</b></p>
<p><i>(Florabela) Aconteceu comigo tanto na escola de ensino médio quanto na de ensino fundamental [...]. Acho que a primeira coisa que a gente percebe logo de cara é a estrutura da escola mesmo. Na época que eu estudei na escola de ensino fundamental aquela escola era a maior referência aqui dentro da cidade, era maior referência.</i></p>	
<p><i>(Florabela) Hoje quando eu entrei para o primeiro dia de aula eu já eu percebi que a escola perdeu essa referência, ela não é mais centro de referencia e foi uma coisa que me chocou porque é uma escola enorme que tinha na minha época pelo menos uma estrutura muito grande de sala de jogos, sala de TV, sala de biblioteca e leitura.</i></p>	

<p><i>(Florbela) [...] era sempre uma comoção muito grande dentro da escola para produzir um evento para trazer a comunidade para dentro da escola até mesmo os pais dos alunos, mas hoje em dia eu não vejo um tanto isso lá dentro, tudo bem que eu só vou umas duas vezes por semana no máximo, mas eu não vejo isso lá dentro.</i></p>	
<p><i>(Florbela) Mas a primeira coisa que me chocou foi isso a estrutura, em compensação a escola que eu fiz o ensino médio quando eu estudava primeiro ano era uma bagunça, a escola não tinha estrutura, no ensino poucos professores eram realmente interessados pelos menos na minha visão de aluna na época.</i></p>	
<p><i>(Florbela) Hoje em dia eu vejo que a escola assim que eu entrei eu fiquei muito feliz de ver a escola com ar condicionado, com muito mais salas para aula mesmo, então as primeiras coisas que chocam quando você bota o pé na escola e vê a evolução ou não (risos) da estrutura da escola, então a primeira coisa que chocou foi isso. E foi o baque maior.</i></p>	
<p><i>(Florbela) Aí tem a questão também de preparação de aulas que é uma coisa que enquanto aluna não fazia a menor ideia de como acontecia, do trabalho que dava para você elaborar uma aula.</i></p>	
<p><i>(Florbela) Mas vê a relação entre professor e perceber essa elaboração de aula, de quando tem algum evento, a questão da burocracia que tem na elaboração de um evento que parece uma coisa simples que enquanto aluna a gente fica a uma besteirinha dessa, mas é diferente e é bom porque a gente percebe o trabalho que dá e a gente dá mais valor quando a gente percebe o trabalho. Então essas são as coisas mais chocantes assim.</i></p>	
<p><i>(Florbela) E estava os professores de língua portuguesa em conjunto com os professores de matemática estava elaborando essas aulas que é extremamente importante. Eu lembro que na minha época também teve, mas eu não fazia ideia do trabalho que dava para produzir essas aulas.</i></p>	
<p><i>(Isis) Me inscrevi e pensei que não fosse conseguir entrar, só que deu tudo certo, eu e meu esposo entramos também e começamos a atuar. Então nos primeiros momentos foi uma experiência muito boa, mas também, complicado porque ainda estava pegando o jeito e cometi alguns errinhos (risos) em sala de aula.</i></p>	
<p><i>(Florbela) Agora é uma realidade completamente diferente porque é a EJA do Ensino Fundamental, então é completamente diferente à disposição a motivação dos alunos, então eu tenho que ter jogo de cintura maior com eles em questão de cobrança em questão de linguagem mesmo.</i></p>	<p><b>As dificuldades nas primeiras atividades realizadas em sala de aula</b></p>
<p><i>(Isis) Em relação a esses errinhos foi algo bem pessoal porque eu percebi que no primeiro semestre como eu era novata e não sabia bem ainda como atuar em sala de aula então eu com minha colega a gente começou a trabalhar um conteúdo um projeto sobre literatura só que eu não pensei na realidade dos alunos, a maioria dos alunos não tinham boas condições a maioria dos alunos eram 'atrasados'.</i></p>	
<p><i>(Florbela) Na outra escola [...] foi bem diferente porque na outra escola já era uma turma de terceiro ano do Ensino Médio.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então eu acredito que eu expus muito conteúdo para eles e</i></p>	

<p><i>eles não conseguiram captar bem porque quando partiu para as notas não foram muito boas e a gente teve que trabalhar outros exercícios com eles para que eles pudessem recuperar essas notas. Eu acredito que o meu erro foi esse, não pensar na realidade dos alunos.</i></p>	
<p><i>(Florabela) Eu não sei também se é porque estou trabalhando em uma classe de EJA, pois pelo menos aparenta ser uma coisa a parte da escola, é como se não fosse realmente integrado à escola a gente percebe que tem uma questão deixar a turma mais de lado assim nos eventos e nas coisas.</i></p>	
<p><i>(Florabela) - Então a gente está acabando agora. Hoje vai ser o último dia na turma de EJA, eu já estou saudosa (risos) de verdade. É cansativo, mas a gente se apegava ao aluno é uma coisa impressionante eu não achei que eu fosse me apegar tanto aos alunos.</i></p>	
<p><i>(Isis) [...] no segundo semestre já comecei a melhorar justamente também pela ajuda dos nossos supervisores que foram nos orientando para que a gente pudesse melhorar.</i></p>	
<p><i>(Isis) E assim, as experiências tudo foi realmente o que eu pensava que o PIBID ele vai proporcionar um crescimento de conhecimento, proporcionar todo esse aprendizado que vai servir para minha vida futura. E realmente proporcionou, principalmente através dos professores que estão com a gente.</i></p>	<p><b>A orientação dos professores supervisores para melhoria das atividades realizadas com os alunos</b></p>
<p><i>(Florabela) E aí é muito diferente, é muito enriquecedor o contato que você tem com os alunos, o contato que você tem com os supervisores quando você chega à escola.</i></p>	
<p><i>(Isis) [...] A gente troca muitas experiências também, debate muito sobre o que acontece em sala de aula porque ele já conhece a realidade da sala, então ele passa para nós as melhores formas de trabalhar. E a gente vai dando algumas ideias novas e eles vão sempre concordando e auxiliando também com essas ideias que a gente vem trazendo de renovação para a sala. E a relação é boa porque justamente ele compreende o que a gente quer e a gente compreende o que eles querem é para melhorar a educação desses alunos.</i></p>	
<p><i>(Florabela) [...] como eu estou no segundo semestre eu só tive proximidade com dois professores supervisores, um era Gabriel, maravilhoso! (risos). Foi incrível ter esse contato com ele depois de tanto tempo e ele continua sendo professor incrível. Admiro muito o trabalho dele.</i></p>	
<p><i>(Florabela) Agora eu estou tendo com Josué<sup>22</sup>. Nossa! É outra realidade! [...] mas é maravilhoso para você ver como as realidades são diferentes.</i></p>	
<p><i>(Florabela) [...] Só que os professores tem um jeito diferente de trabalhar, cada um tem seu modo.</i></p>	
<p><i>(Florabela) [...] o meu relacionamento com os supervisores até agora está muito bom (risos). [...] Eles nos dão uma assistência muito boa. Eles têm uma coisa muito de chamar você para a realidade [...] Então, eles trazem a gente de volta assim para a realidade, olha é assim a gente tem que trabalhar dessa forma. E é</i></p>	

22 Nome fictício.

<p><b><i> muito bom ter esse suporte.</i></b></p> <p><i>(Florabela) (Risos) foi inesperado na verdade! Eu não sabia que o professor do ensino médio estava dentro do projeto, pois não sabíamos quem eram os supervisores e quando eu entrei que vi que ele estava na sala falei, meu Deus o professor Gabriel está aqui. E aí veio à surpresa dele ser meu supervisor, o primeiro supervisor.</i></p> <p><i>(Florabela) [...] então tanto como professor como supervisor ele cobra muito da gente está participando e vendo, mesmo que a gente não dê a aula ele quer que a gente esteja em sala de aula percebendo que o colega está fazendo.</i></p>	
<p><i>(Isis) Com os alunos está sendo muito bom mesmo. [...] eles estão correspondendo às nossas expectativas. Assim, a gente procura sempre levar uma atividade que chame a atenção deles, que sai de dentro da sala de aula e explore também a escola no todo, como: a biblioteca e o pátio. Então, isso tem chamado à atenção deles e formado um vínculo entre nós, os pibidianos e eles. Eles sempre nos receberam bem, sempre apoiaram também as atividades, sempre gostaram e participaram bem. Então, estão apresentando alguns resultados. E de acordo com o que a gente quer e o que a gente pensa.</i></p> <p><i>(Florabela) A minha relação com os alunos nesse semestre foi muito boa, o desenvolvimento das atividades para mim foi muito bom.</i></p> <p><i>(Isis) [...] a princípio como eu falei sobre a usar tecnologias foi uma ideia nova para eles porque como eles são alunos de EJA às vezes os professores se acomodam muito e passa realmente só aquilo que tá no livro e deixa muita coisa desejar.</i></p> <p><i>(Florabela) Com os alunos eu tenho um relacionamento muito bom com os alunos. No primeiro semestre era uma turma, eu acho que era mais de 20 alunos. Não eram todos que iam as aulas né, e não eram todos que se envolviam, mas os que se envolviam a gente se dava bem [...].</i></p> <p><i>(Florabela) Eu acho que eu consigo desenvolver a atuação, eu consigo ter um bom relacionamento com os alunos, eu consigo ter jogo de cintura na hora de escolher material, na hora de trazer atividades. [...] Então acho que, mais na frente nas outras rotações acredito que as atividades vão ser bem melhor elaboradas (risos), acho que vai ter uma atuação bem melhor minha.</i></p> <p><i>(Isis) Levávamos eles para fora da sala de aula porque eles passam um ano na sala e não tem uma aula diferente, então a gente tirava eles da sala levava para o pátio e para a biblioteca.</i></p> <p><i>(Isis) [...] fizemos até um trabalho com eles no dia do Halloween no dia das bruxas a gente trabalhou contos de terror com eles. Eles contaram as próprias histórias, os próprios contos que eles já tinham ouvido da família e os contos populares, então foi algo muito interessante e eles gostaram muito. Todo o trabalho que a gente fez com eles sobre produção textual eles sempre produziram bem, colocavam realmente coisas do cotidiano deles, então para facilitar a gente teve essa ideia de trabalhar de acordo com o cotidiano deles com que eles estavam vivendo de acordo com que eles gostavam para que pudesse facilitar.</i></p> <p><i>(Isis) Ah, com certeza quando a gente levou eles para o pátio, que</i></p>	<p><b>O bom relacionamento e as expectativas geradas nas atividades a serem desenvolvidas pelos alunos.</b></p>

<p><i>a gente fez uma produção de uma história oral e escrita eles amaram ficaram muito felizes. Pediram até para fazer novamente e ficar levando eles de vez enquanto para o pátio para fazer algumas atividades diferentes. Então eles construíram essa história oral e escrita, e podemos perceber até quem tinha uma dicção melhor que falava melhor quem tinha um certo conhecimento que também pode se desprender da sua timidez, então eles se desprenderam da timidez e conseguiram formular a história facilmente. Então foi muito boa à experiência e eles gostaram bastante.</i></p>	
<p><i>(Isis) E como eu falei a gente ia tendo ideias. Pegava contos e crônicas de fácil compreensão e trabalhando sempre em cima da realidade deles.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então o projeto era muito bom, a gente trazia o conteúdo e apresentava para eles um texto para tentar descobrir que tipo de texto era aquele para depois trazer o conceito, trazer as definições para poder atrair mais atenção deles. Eles produziram bastante, produziram crônicas e vão produzir as propagandas.</i></p>	
<p><i>(Isis) Eles desenvolveram muito também desde que a gente entrou, pois eles não tinham o hábito de escrever, eles não gostavam de escrever nada, nem falavam, só que aí eles passaram a escrever, passaram a falar mais, a se comunicar mais com a gente e os textos deles foram melhorando cada vez mais, e cada texto que eles iam fazendo ia melhorando.</i></p>	
<p><i>(Isis) Pronto, como eu falei em relação à escrita, eles melhoraram a escrita. Desde quando a gente entrou em um dos primeiros textos que eles produziram havia muitas repetições, repetições do eu, repetições do aí então a gente foi dando algumas dicas para eles, e eles foram pegando essas dicas e melhorando os textos deles. Eles conseguiam na medida em que foi passando eles foram conseguindo colocar realmente o que eles pensavam.</i></p>	
<p><i>(Isis) Alguns alunos que tinham dificuldade de leitura, estão produzindo melhor os textos, estão se abrindo mais, estão se comunicando mais, conversando mais com a gente em sala de aula, estão dando agora suas opiniões, suas críticas porque no início eles eram muito calados e eles às vezes não respondiam as nossas perguntas.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então eles estão correspondendo as nossas expectativas nesse sentido porque houve entre nós uma relação melhor entre eu e a minha colega uma relação maior. A gente conseguiu a confiança deles e eles passaram a se abrir mais e mostrar também as dificuldades deles.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então o que, que a gente fazia, como a gente trabalhou produção textual com eles então a gente pegou crônica e conto, os gêneros textuais e trabalhava de acordo com as coisas que eles viam no cotidiano. Pegava as músicas que eles gostavam, futebol e temas que eles gostavam para tentar facilitar e fazer com que eles se atraíssem mais.</i></p>	
<p><i>(Isis) Sobre o que a gente está trabalhando com eles foi exatamente o que eu falei que é a produção textual. A gente já está encerrando o semestre e estamos trabalhando com propaganda, mas a gente trabalhou com eles conto, crônica e tudo isso foi planejado com o nosso supervisor, a gente tirava mais ou</i></p>	<p>O planejamento das atividades e a preocupação com a produção dos alunos</p>

<p>menos um dia da semana especificamente as quintas-feiras para desenvolver esse trabalho.</p>	
<p>(Florabela) [...] <b>agora a gente está trabalhando muito com o gênero textual</b> e a gente está fazendo <b>muita produção de texto</b>. [...] quando a gente vai estudar alguns gêneros a gente traz um exemplo do gênero trabalha com eles primeiro, leitura, análise do texto, interpretação do texto, depois a gente passa a caracterização e só depois de caracterização é que a gente vai para atividade.</p>	
<p>(Florabela) [...] <b>a gente tem muito isso é que a gente faz Letras/Literatura</b>, a gente tem muito essa <b>questão de interpretação porque a gente quer é o envolvimento deles</b> [...] de fazer eles <b>pensarem sobre o texto, de fazer eles comentarem</b> é bom tanto para a evolução deles enquanto leitores quanto para a realização das atividades.</p>	
<p>(Florabela) [...] a gente ficou assim <b>na terça-feira a gente dá aula e realiza atividade. Na quinta-feira, a gente a cada 15 dias se reúne para fazer planejamento, nesse planejamento à gente planeja o mês inteiro</b>. [...] Então se reúne toda equipe e vê com o supervisor o que é que a gente vai trazer para os alunos, o que vai trabalhar e se a gente já pensou o que vai desenvolver.</p>	
<p>(Florabela) <b>Então é uma coisa que já é muito espontânea de certa forma</b> porque a gente vê, por exemplo, a gente estudou contos, no dia mesmo que a gente sentou e falou, pronto vamos trabalhar contos, então nesse mesmo dia a gente já foi pensando que contos trazer, que atividade realizar, como fazer isso com os alunos, como fazer eles produzirem. Então a gente consegue fazer isso num dia só e a partir daí a gente vai só trabalhando e estudando conteúdo, estudando conto, como vai fazer esse aluno produzir dentro da sala de aula.</p>	
<p>(Florabela) Então a gente vai se ajudando dessa forma e estudando dessa forma, quando tem alguma ideia nova, <b>quando a gente estudou alguma ideia nova a gente conversa e diz, achei isso interessante. O que você acha?</b></p>	
<p>(Florabela) [...] <b>as atividades a gente faz dessa mesma forma, a gente estuda no dia que a gente faz o planejamento</b> a gente já tem uma ideia de como fazer esse aluno produzir e aí <b>a gente vai amadurecendo a ideia conforme foi estudando</b> e vai conversando uma com a outra para chegar no dia e realmente fazer o pessoal produzir. <b>É uma luta para fazer eles produzirem, mas eles produzem. A gente consegue fazer isso.</b></p>	
<p>(Isis) <b>Estou atuando no PIBID desde 2016. Já está com dois semestres e o PIBID também foi uma experiência maravilhosa porque ele permitiu que a gente tivesse o contato com a sala de aula. E não tivesse apenas aquela teoria porque a teoria ela é boa, mas, às vezes, ela não traz muita mudança em relação à prática, né? Ela não faz muito efeito.</b></p>	
<p>(Florabela) <b>Gosto! É uma experiência que sinceramente fora de estágio é muito difícil você ter.</b></p>	<p><b>PIBID laboratório vivo de experiências, ensino-aprendizagens e crescimento na formação inicial</b></p>
<p>(Isis) [...] <b>o PIBID veio trazer essa oportunidade para mim ter realmente o contato com os alunos.</b></p>	
<p>(Florabela) Então, em relação à <b>contribuição dentro da universidade tem em questão de didática</b> [...] a gente consegue relacionar muito bem o que a gente vê em sala de aula dentro da</p>	

<p><b>educação com a experiência que a gente tem dentro do PIBID.</b></p>	
<p><i>(Isis) [...] tem sido uma experiência incrível porque foi a partir desse contato com a sala de aula que eu passei também a socializar mais, porque era uma pessoa mais fechada, era uma pessoa tímida. Então o PIBID me proporcionou essa oportunidade de socializar mais com as outras pessoas, de realmente conviver com o outro, entender o que o outro pensa, entender o que o outro passa. Então o PIBID foi uma experiência maravilhosa.</i></p>	
<p><i>(Isis) [...] eu já imaginava que o PIBID realmente iria proporcionar essa experiência maravilhosa que eu estou vivendo. Eu acreditava justamente nisso: que eu iria passar então agora a compreender quem era o outro, a entender realmente se eu queria realmente ser professor ou não porque o PIBID iria realmente me empurrar, me mostrar se aquilo era o que eu queria ou não.</i></p>	
<p><i>(Isis) Contribuiu muito em relação ao conhecimento como eu falei quando eu entrei ainda não tinha muitas experiências e ainda estou aqui para aprender.</i></p>	
<p><i>(Isis) O programa tem sido excelente! Muito bom mesmo porque proporciona aos alunos de licenciatura, proporcionando a cada um de nós a oportunidade de aprender e de crescer.</i></p>	
<p><i>(Isis) [...] então o PIBID é até melhor do que o estágio porque ele é bem mais tempo e você tem oportunidade de crescer porque você vai estar também produzindo todo tempo, ouvindo os relatos dos outros pibidianos e trazendo também para você aprender, e vai melhorando cada vez mais porque você precisa disso!</i></p>	
<p><i>(Isis) E o programa vem proporcionar isso. O programa vem unir as escolas às universidades, vem unir os alunos com as escolas a ter o contato com os cidadãos das cidades.</i></p>	
<p><i>(Florabela) [...] Gente, eu ainda estou sem querer pensar porque se acabar vai ser difícil colocar outra coisa aqui que substitua o PIBID nessa questão de aprendizagem em sala de aula da forma como a gente trabalha eu acho muito difícil. Eu acho que não tem como colocar outra coisa que substitua e que seja tão enriquecedor quanto. [...] Eu espero realmente que isso não aconteça. Espero que continue por bastante tempo.</i></p>	
<p><i>(Isis) O que eu realmente queria sugerir nesse momento é que o programa não acabasse e permanecesse, pois existem muitos alunos que precisam também ter o contato com esse programa que é de fundamental importância para eles também porque assim como eu tive oportunidade de entrar no programa o meu desejo é que muitos entrem.</i></p>	
<p><i>(Isis) Em relação a aumentar a quantidade de alunos, deveriam aumentar a quantidade de chances e de oportunidade, pegar mais escolas e trabalhar em outras escolas da cidade também.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então eu não vejo defeitos no programa, claro pode melhorar. Pode melhorar, seria muito bom! E como eu falei dá oportunidade a muitos outros para estar nesse programa que até então o programa está bom, mas pode melhorar cada vez mais.</i></p>	
<p><i>(Isis) É em relação ao final do programa como eu já havia falado, e é o que a gente vem discutindo também nas nossas reuniões quando todos nós estamos reunidos, todos os pibidianos, a gente vem discutindo que o programa não deveria realmente chegar ao</i></p>	

<p><i>final e não deveria acabar, deveriam pensar no que ele está proporcionando a cada um de nós, no que ele tem feito na vida de muitos alunos, o que ele está realmente realizando.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então isso é muito importante para vida de cada um de nós, então acabar com o programa é acabar com as nossas experiências, é acabar com nosso conhecimento, é acabar com possibilidades, é acabar com os nossos ideais, é acabar com todas as possibilidades que o programa traz para que possamos crescer.</i></p>	
<p><i>(Isis) Então eu acredito que não deveriam pensar nessa questão de querer acabar com o programa, mas pelo contrário fazer com que ele cresça mais e abra mais portas para que mais alunos possam também fazer parte do programa e que isso tem contribuído para a nossa vida de forma positiva, eu acredito que não deveria chegar ao fim.</i></p>	
<p><i>(Isis) Ah! Até então, a gente vai apresentar um trabalho num evento que vai haver em Mossoró. Eu não tinha apresentado nenhum trabalho ainda, mas a gente está fazendo alguns momentos de discussão para discutir as experiências que a gente tem, as dificuldades e vamos começar agora apresentar trabalhos. Estamos montando ainda porque como eu entrei há pouco tempo, ainda estou pegando experiência, né? Sou novata, mas a gente está aí discutindo as dificuldades em grupos, criando resenhas e fazendo alguns relatórios sobre aquilo que a gente tá vivendo em sala de aula como: o caderno reflexivo que a gente tem e lá a gente escreve todas as coisas importantes que a gente convive em sala.</i></p>	<p><b>O PIBID como motivador para o estudo e pesquisa</b></p>
<p><i>(Florabela) [...] uma das coisas que me incomodam dentro do PIBID, pois como a gente não é tão próximo da UERN Central a gente acaba recebendo as notícias meio que de última hora então é uma coisa bem corrido a gente tem que se virar nos trinta para poder trazer alguma coisa e participar dos eventos em si.</i></p>	
<p><i>(Isis) A experiência foi muito boa! Porém também causou muito nervosismo, pois como era o primeiro ainda não havia... é a gente não tinha ainda o conhecimento de como apresentar um trabalho em algum evento, mas assim foi muito bom e eu gostei bastante percebi que não era um bicho de sete cabeça, mas que era algo realmente bom para o nosso crescimento enquanto pibidianos.</i></p>	
<p><i>(Florabela) Evento, a gente só tem agora o terceiro salão do PIBID, pelo menos desde quando eu entrei, a gente só tem esse evento para ir, mas está sendo elaborado artigos e oficinas.</i></p>	
<p><i>(Isis) Contribuíu, no sentido que tivemos a primeira experiência, eu tive a primeira experiência de como apresentar um trabalho. Então contribuiu no sentido de que aumentou ainda mais o desejo de fazer mais trabalhos para poder levar e poder passar também as nossas experiências e poder passar o nosso conhecimento para as outras pessoas e também ouvir um pouco das experiências dos outros que estavam lá.</i></p>	
<p><i>(Florabela) [...] a gente está nesse processo de referência para fazer uma coisa em cima da hora é bem complicado! E aí a gente vai participar agora do terceiro salão está todo mundo se virando nos trinta porque tá todo mundo nesse processo de referência com os alunos e de regência e a galera está se virando (risos).</i></p>	
<p><i>(Florabela) [...] foi a primeira vez que apresentei um trabalho</i></p>	

<p><b>relacionado ao PIBID. [...] mas foi uma experiência muito boa! Tive contato com outros projetos. Foi incrível!</b></p>	
<p><b>(Florbela) É muito bom você vê o que está acontecendo com outras turmas porque a gente não tem muita noção, pois fica muito afastado, mas é muito interessante o desenvolvimento das outras turmas. Eu fiquei encantada com os projetos. Eu fiquei meu Deus quero fazer isso da minha vida (risos). Quero fazer algum projeto parecido, alguma coisa assim sei lá. Foi muito bacana! [...] mas foi muito bom! Teve uma discussão muito interessante na hora da apresentação. Só teve pontos positivos.</b></p>	
<p><b>(Florbela) Com certeza. Nossa! Como eu falei é muito inspirador você vê os outros projetos. Vê que tem muita gente boa dentro do projeto com tanta ideia bacana, aí você fica com vontade de produzir mais, fica com vontade de fazer mais, de trazer alguma coisa relevante para dentro da escola e para dentro da vida do aluno. Eu não sei se os meus colegas tiveram essa mesma percepção, mas, nossa eu fiquei muito inspirada vendo os projetos das outras turmas. Foi bem bacana.</b></p>	
<p><b>(Florbela) Isso! Assim, a gente tem reuniões de formações, eu não sei eu não sei exatamente de quanto em quanto tempo, mas a gente sempre tem uma reuniãozinha de formação para a gente se juntar, compartilhar vivências que a gente está tendo do programa. [...] essas reuniões de formações que é justamente para a gente estudar métodos e propostas de atividades para dentro do programa. Eu acho maravilhoso é incrível e ajuda de um jeito que a gente não tem noção do que precisa, mas é uma ajuda incrível.</b></p>	<p><b>Compartilhamento das vivências e estudos nas reuniões de formação</b></p>
<p><b>(Florbela) Então, a gente sempre tem essa reunião, onde é entregue um material, e a gente ler e estuda esse material e quando a gente vai para reunião de formação a gente discute esse material e relaciona o material que a gente estudou com as vivências que a gente tem, já trazendo propostas novas. Então é bem bacana!</b></p>	
<p><b>(Florbela) [...] as reuniões de formação é bacana porque você sabe o que os outros grupos estão fazendo, você divide as experiências, você pode pegar referências para sua atuação dentro da sala de aula também. Então é bem interessante!</b></p>	
<p><b>(Florbela) Tem outra questão que é as reuniões de formação também que ela também exige que estejamos presente sempre, que a gente leia o conteúdo, que a gente discuta, tem as resenhas porque ela quer que a gente tenha muita leitura, por que somos alunos de letras então ela quer que a gente tenha muita leitura infanto-juvenil para poder trazer para sala de aula, mas nas reuniões ela sempre pergunta como está indo dentro da sala de aula, ela está sempre questionando se está tendo algum problema, alguma dificuldade.</b></p>	
<p><b>(Florbela) [...] Eu acho que eu já tinha comentado na outra entrevista, é uma assistência muito grande, essa reunião de formação porque é um material que normalmente a gente não tem.</b></p>	
<p><b>(Florbela) É uma coisa inteiramente nova, de certa forma é questão didática, não questão didática que a gente vê de teoria na sala de aula, mas é questão de proposta mesmo, então sempre tem uma proposta interessante que a gente pode aplicar. A gente nessas reuniões como são com todos, a gente fica sabendo o que o</b></p>	

<p><i>outro está fazendo e produzindo e a gente consegue se inspirar também para poder fazer o nosso trabalho em sala de aula.</i></p>	
<p><i>(Florabela) [...] quando eu entrei a gente tinha uma coordenadora e ela foi embora né? Veio, Maria<sup>23</sup> e agora que a gente está começando a andar realmente, pelo menos a meu ver, agora que a gente tá começando a andar a gente tá tendo mais reunião de formação [...] está sendo cobrado mas.</i></p>	<p><b>A nova coordenadora do PIBID/LETRAS/CAP-UERN e o acompanhamento das atividades</b></p>
<p><i>(Florabela) [...] o PIBID pela fase de adaptação que a gente está tendo com essa nova coordenadora ele está cobrando mais da gente e como a gente ainda está se adaptando isso acaba fazendo a gente dar umas derrapadas às vezes, mas de resto é tranquilo (risos).</i></p>	
<p><i>(Florabela) A coordenadora é uma pessoa incrível. Aqui dentro da universidade é uma das professoras mais querida por mim, mas ela cobra (risos), ela é muito exigente ela quer sempre postagem, ela quer sempre foto, ela pega muito no meu pé porque eu sempre me esqueço de tirar fotos (risos), então à gente tem sempre que está em dias tanto em questão para as postagens das atividades, para documentação que é essa foto que ela pega tanto no meu pé.</i></p>	
<p><i>(Florabela) As maiores cobranças delas são essas de saber o que está acontecendo e querer que a gente registre o que está acontecendo que é para ela poder ter uma noção melhor para poder organizar.</i></p>	
<p><i>(Isis) Faz um ano exatamente que eu estou no programa e para me avaliar, acredito que ainda preciso melhorar muito, porque como eu falei não é fácil você pegar uma realidade de uma escola e você está ali tentar colocar em prática e trabalhar com aqueles alunos que tem uma história diferenciada porque você precisa saber se adaptar, você precisa saber controlar, você precisa saber o que vai levar para sala de aula porque às vezes você planeja uma coisa chega lá tudo muda você tem que ter um plano B.</i></p>	<p><b>O movimento de reflexão e o desejo de transformação</b></p>
<p><i>(Isis) Então acredito que eu preciso melhorar e também acredito que eu melhorei em relação a quando eu entrei no começo, porque eu comecei a olhar para a realidade dos alunos, comecei a trabalhar em cima do que eles viviam para facilitar e acredito também que preciso melhorar a cada vez mais.</i></p>	
<p><i>(Florabela) Eu acho que a rotação que a gente faz, apesar de eu não gostar muito, pois eu acho que é pouco tempo para você desenvolver alguma coisa significativa, realmente significativa.</i></p>	<p><b>A questão da rotatividade semestral e o curto tempo para o desenvolvimento das atividades planejadas</b></p>
<p><i>(Florabela) [...] o tempo é muito curto então a gente teve pouco tempo para elaborar uma coisa maior então a gente também enfrentou uma greve que foi péssima, cortou totalmente os planos da gente, sabe? [...] Fiquei bem triste inclusive, porque eu queria participar das oficinas porque o tempo é tão curto e especialmente com a greve então cortou aí nosso plano de fazer oficina com eles, mas teria sido bem bacana.</i></p>	
<p><i>(Florabela) Mas eu já comentei e vou falar de novo que é a questão da rotatividade. Eu acho que o tempo é muito curto para produzir por que é só um semestre e um semestre eu sei que é necessário eu sei que é enriquecedor para o aluno pibidiano, mas eu acho que</i></p>	

23 Nome fictício.

<p><i>para produção principalmente a questão de tempo, evento, questão de trabalhar conteúdo em sala de aula.</i></p>	
<p><i>(Florbela) Não sei, acontece uma mágica que quando você está fora você não percebe que o tempo é tão curto para conseguir produzir com eles, mas quando você está dentro é que você percebe, gente já acabou o ano e agora?</i></p>	
<p><i>(Florbela) Eu sinto que é pouco tempo eu sei que é necessário. Eu fico entre essas duas questões corriqueiras eu sei que é necessário e enriquecedor porque eu senti como é enriquecedor, mas ao mesmo tempo eu fico pensando que é pouco tempo para trabalhar eu não sei se é porque eu me apego ao aluno pode ser isso, mas o restante está ótimo.</i></p>	
<p><i>(Florbela) E dentro do universo acadêmico eu não sei se é porque a gente ainda está em fase de adaptação, mas eu sinto que, não que esteja atrapalhando, mas rouba um tempo que a gente tem, especialmente quem tem outros afazeres, por exemplo, o trabalho. Eu tenho a universidade, tenho o PIBID, e tenho o trabalho, e ainda tem um projeto de extensão que também é com a professora Maria, de literatura teatral.</i></p>	<p><b>O jogo de cintura entre o estudo, PIBID e o trabalho.</b></p>
<p><i>(Florbela) Dentro do projeto ele não me influencia tanto em questão de roubar tempo da universidade, nem o projeto e nem o trabalho, pois eu tenho a sorte de ter um chefe (risos) que consegue compreender que eu tenho o PIBID e a universidade.</i></p>	
<p><i>(Florbela) (Sorriu), Não tem nada a ver com educação meu outro trabalho. Eu trabalho fora isso, eu trabalho com projeção de móveis (risos). Eu projeto móveis planejados. Esse meu outro trabalho é com desenho, com público, planilha, orçamento, todas essas coisas que eu não gosto! (sorriu). Basicamente, é tudo voltado para exatas. É muito desenho! É muita forma geométrica! Muita planilha! Então não tem nada a ver com o trabalho do PIBID.</i></p>	
<p><i>(Florbela) Não atrapalha! Porque assim que eu comecei a trabalhar eu já deixei uma coisa bem clara! Olha eu estudo! Quando eu entrei para o PIBID eu já fui deixando bem claro também, olha eu estudo agora, mas eu tenho isso aqui também, estou neste programa de bolsa. E aí sempre rola aquele, mas vai atrapalhar.</i></p>	
<p><i>(Florbela) [...] não abro mão, porque não tem como eu abrir mão por que é o meu futuro, né? Então não posso realmente abrir mão, e de certa forma também não posso abrir mão do trabalho por que é a forma que eu tenho de me sustentar. Tanto o PIBID quanto o trabalho é uma forma que eu tenho de me sustentar e ajudar a minha família e tudo mais. Então não posso abrir mão de nenhuma das duas coisas. Então eu tenho que ter esse jogo cintura para dar aquela equilibrada, mas o trabalho é bem tranquilo e não afeta em nada.</i></p>	
<p><b>Fonte:</b> Produção da autora</p>	

Após a sistematização dos indicadores, iniciou-se o processo de construção e nomeação dos núcleos de significação, fruto da articulação de temas/conteúdos que se

aproximaram por semelhanças e complementariedade, como apresentaremos na sequência deste capítulo.

### 4.3 CONSTRUÇÃO E NOMEAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

Seguindo com o processo de análise, chegamos à terceira etapa denominada construção e nomeação dos núcleos de significação que constitui o momento da síntese que visa superar o discurso aparente, descolado da realidade social e histórica. Assim, é nesse momento que buscamos a “articulação dialética dos indicadores, a realidade concreta, ou seja, os sentidos que, histórica e dialeticamente, articulam a fala e o pensamento do sujeito” (AGUIAR, SOARES e MACHADO, 2015, p. 70). Desse modo, construímos a partir da sistematização dos indicadores resultantes da análise das falas com significado (pré-indicadores) das bolsistas de iniciação à docência Isis e Florbela três núcleos de significação, que revelaram o movimento da historicidade, singularidade, atividade, pensamento, linguagem, mediação social e histórica e significações que constituíram as bolsistas nas suas vivências no PIBID-UERN. Vejamos o quadro III:

**Quadro 3:** Construção dos núcleos de significação

<b>NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO</b>	
<b>INDICADORES</b>	<b>NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO</b>
<b>Infância, família e escola aspectos constitutivos do sujeito.</b>	<b>Mediações Sociais e Históricas: elementos que constituem o sujeito</b>
<b>A proximidade e o gosto pela leitura na constituição do sujeito.</b>	
<b>O ensino médio e os embaraços na escolha profissional</b>	
<b>As dificuldades nas primeiras atividades realizadas em sala de aula.</b>	<b>Mediações e aprendizagens constituídas na relação PIBID e escola</b>
<b>A orientação dos professores supervisores para melhoria das atividades realizadas com os alunos</b>	
<b>O bom relacionamento e as expectativas geradas nas atividades a serem desenvolvidas pelos alunos.</b>	
<b>O planejamento das atividades e a preocupação com a produção dos alunos.</b>	
<b>A nova coordenadora do PIBID/LETRAS/CAP-UERN e o acompanhamento das atividades.</b>	
<b>O movimento de reflexão e o desejo de transformação</b>	
<b>A questão da rotatividade semestral e o curto tempo para o desenvolvimento das atividades planejadas.</b>	
<b>O jogo de cintura entre o estudo, PIBID e o trabalho.</b>	

<b>A entrada no PIBID-UERN e a importância no processo formativo das bolsistas.</b>	<b>Significações produzidas a partir da vivência no PIBID-UERN</b>
<b>Lacunas e distanciamentos entre a teoria e a prática nos cursos de licenciaturas.</b>	
<b>A dimensão subjetiva do ensino na escola pública.</b>	
<b>PIBID-UERN laboratório vivo de experiências, ensino-aprendizagem e crescimento na formação inicial.</b>	
<b>O PIBID como motivador para o estudo e pesquisa.</b>	
<b>Compartilhamento das vivências e estudos nas reuniões de formação</b>	
<b>Fonte:</b> Produção da autora	

Portanto, apresentado o processo de construção e nomeação dos núcleos de significação, seguiremos para o próximo capítulo que abordará a interpretação dos significados e sentidos constituídos pelas bolsistas de iniciação à docência Isis e Florbela acerca de suas vivências no PIBID-UERN.

## 5 O MOVIMENTO INTERPRETATIVO DAS INFORMAÇÕES: APROXIMAÇÃO DOS SIGNIFICADOS E SENTIDOS ACERCA DA VIVÊNCIA NO PIBID/UERN

A fala do sujeito histórico expressa muito mais do que uma resposta ao estímulo apresentado, ou, de outra forma, ela revela uma construção do sujeito, uma construção que é histórica (AGUIAR, 2001).

Neste capítulo, tecemos nossas interpretações acerca dos significados e sentidos constituídos pelas bolsistas de iniciação à docência Isis e Florbela acerca de suas vivências no PIBID-UERN. Assim, para que pudéssemos nos aproximar das significações das nossas sujeitas, sistematizamos três (3) núcleos de significação, a saber, **Núcleo de Significação: “Mediações Sociais e Históricas: elementos que constitui o sujeito”** apresenta a discussão acerca dos aspectos constitutivos das bolsistas, considerando as mediações sociais e históricas em seu processo de desenvolvimento e constituição; **Núcleo de Significação: “Mediações e Aprendizagens constituídas na relação PIBID e Escola”**, discute as significações constituídas acerca das atividades desenvolvidas por Isis e Florbela como bolsistas de iniciação à docência na escola pública na cidade de Patu/RN, dificuldades, orientações, relacionamentos, planejamentos, coordenação, rotatividade, reflexão e equilíbrio entre o estudo, PIBID e o trabalho; **Núcleo de Significação: “Significações produzidas a partir da Vivência no PIBID-UERN”**, trata das significações produzidas por Isis e Florbela acerca de sua vivência no PIBID-UERN, as lacunas e distanciamento entre o que se estuda na universidade e as atividades de ensino na escola pública, as experiências e aprendizagens construídas por meio do programa, a motivação para o estudo e para a pesquisa, o compartilhamento das vivências com os colegas e professores da escola pública. Para tanto, segue-se a análise-interpretativa dos referidos núcleos.

### 5.1 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO: MEDIAÇÕES SOCIAIS E HISTÓRICAS: ELEMENTOS QUE CONSTITUI O SUJEITO

O referido núcleo de significação é fruto da sistematização de três indicadores que nos possibilitaram apreensão das mediações sociais e históricas que constituíram as duas bolsistas de iniciação à docência, a saber, **Indicador - Infância, família e escola aspectos constitutivos do sujeito** - trata da mediação familiar, escolar, social e histórica na constituição de Isis e Florbela; **Indicador - A proximidade e o gosto pela leitura na constituição do sujeito** - discute acerca do despertar, o gosto e o prazer pela leitura desde

criança; **Indicador- O ensino médio e os embaraços na escolha profissional-** apresenta a chegada ao ensino médio e os embaraços da escolha profissional. Após, destacarmos sucintamente os indicadores que compõe este núcleo de significação, seguiremos com a discussão do primeiro indicador.

O primeiro indicador intitulado - **Infância, família e escola aspectos constitutivos do sujeito**, é produto do levantamento de pré-índices, que nos revelam as mediações familiares, escolares, sociais e históricas e a sua importância na constituição do processo educativo de Isis e Florbela, como podemos confirmar nas seguintes falas:

*(Isis) [...] minha infância em relação a essas questões da educação ela foi muito boa.*

*(Isis) Em relação à questão da escola eu sempre fui uma boa aluna, segundo os meus pais. Aprendi a ler nova.*

*(Isis) Eles às vezes me ajudavam muito em casa na questão das atividades e aos exercícios que passavam.*

Constatamos na fala da bolsista Isis que sua infância foi muito boa em relação às questões educacionais, logo se apropriou da leitura e que seus pais a ajudava na resolução das atividades escolares. Esses trechos nos revelam a importância do social na constituição do sujeito, pois mediado nas e pelas relações sociais que estabelece com o meio, com os outros e com a cultura, o homem se constitui dialeticamente, uma vez que, seu “desenvolvimento se dá no contato com a cultura e com os outros homens” (BOCK, 1999, p. 30).

Quanto a segunda bolsista, Florbela não lembra ao certo quando iniciou seus estudos no ensino fundamental, mas discorre que foi por volta dos sete anos de idade e que sua vivência escolar até o ensino médio foi em escolas públicas na cidade de Patu, como destaca nas falas seguintes:

*(Florbela) [...] eu sei assim de ouvir falar, quando eu entrei para (pausa) quando eu comecei mesmo assim, a primeira série e tudo mais, eu acho que eu já tinha uns 07 anos.*

*(Florbela) [...] a minha vivência inteira foi em escola pública (risos) e aqui em Patu, pelo menos até o ensino médio foi aqui, e inteira em escola pública.*

Essas falas nos mostram a singularidade de cada sujeito, que mediados pelas relações sociais e históricas criam, desenvolvem e transformam sua própria história. Assim, embora o sujeito seja único, singular e histórico, o mesmo é “constituído numa relação dialética com o social e com a história” (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 301), ou seja, o sujeito se constitui na relação com outro e com o meio social em que vive.

Outro ponto que se destaca em nossa análise interpretativa se apresenta quando a bolsista Isis enfatiza que: [...] *tive que repetir um ano. Não porque fiquei reprovada, mas foi porque não havia vagas mais na escola, então tive que repetir a segunda série.*

Esse relato nos revela problemas e lacunas recorrentes em nosso sistema educacional público brasileiro, onde o que afeta a educação nas escolas públicas não é apenas falta de professores, salas lotadas, condições de ensino e trabalho desfavoráveis, mas também a garantia de acesso ao ensino formal como direito público subjetivo do cidadão. Isto caminha em desencontro ao que afirma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, quando define os princípios, condições e acesso ao ensino. Vejamos os seguintes artigos da LDB:

**Art. 3º.** O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

**I** - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola

**Art. 4º.** O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

**I** - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

**Art. 5º.** O acesso ao ensino fundamental é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída, e, ainda, o Ministério Público, acionar o Poder Público para exigi-lo.

Analisando os artigos da LDB 9.394/96 com o exposto pela nossa entrevistada, percebemos o distanciamento entre o que é implantado por lei e a realidade educacional brasileira da maioria das escolas públicas, por não haver igualdade de condições, acesso e permanência na escola, visto que o nosso sistema educacional não disponibiliza de vagas para acesso de todas as crianças ao ensino formal e, assim, o direito público subjetivo do sujeito à educação é violado, uma vez que o “ensino primário tornado um direito imprescindível do cidadão é um dever do Estado impor a gratuidade como modo de torná-lo acessível a todos” (CURY, 2002, p. 248).

O segundo indicador deste núcleo - **A proximidade e o gosto pela leitura na constituição do sujeito** é constituído de pré-indicadores, que nos mostram o despertar, o interesse, a proximidade e o gosto pela leitura de cada sujeito mediado pelas relações sociais.

Nos relatos das bolsistas Isis e Florbela, é perceptível a curiosidade, a proximidade e o gosto pela leitura e escrita desde criança:

(Isis) [...] *quando eu era menor eu sempre gostei muito de ler e de escrever.*

*(Isis) [...] quando cheguei ao ensino fundamental e ensino médio fui gostando mais ainda de leitura e de escrita.*

*(Florbela) E acho que eu já entrei na primeira série já sabendo ler e já sabendo escrever porque eu sempre fui muito, muito curiosa. Estava sempre tentando escrever. Estava sempre tentando ler alguma coisa e desde sempre tive muita proximidade com a leitura.*

*(Florbela) Eu tinha (risos) eu tenho uma Bíblia daquelas pequenas, Bíblia de criança eu adorava. Eu li aquilo umas cinco vezes ou mais, foi lendo isso que eu comecei a pegar gosto pela leitura em si.*

*(Florbela) [...] eu sempre fui muito de ler, sempre fui à típica menina estudiosa.*

Compreendemos, a partir das falas evocadas pelas bolsistas, que desde cedo o gosto e a proximidade com a leitura estiveram presentes em sua constituição. Assim, a leitura se constitui como sendo um dos fatores importantes para aprendizagem e desenvolvimento dos sujeitos nas suas diversas atividades sociais, visto que é através da mesma que o indivíduo tem acesso aos diversos tipos de informações, amplia seu vocabulário e, principalmente, passa a “compreender seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vinculam linguagem e realidade” (FREIRE, 1993, p.11).

Um ponto de destaque na fala de Florbela, diz respeito à importância do irmão mais velho em sua constituição e no despertar para o estudo e para a leitura: *[...] eu fui criada com uma espécie de irmão mais velho. [...] Então eu via ele estudando e tudo mais. Eu queria estudar também, queria ler.* A afirmação de Florbela se relaciona ao que observa Solé (1998) quanto à importância das experiências de leitura da criança no ambiente familiar:

*[...] as experiências de leitura da criança no seio da família desempenham uma função importantíssima. Para além da existência de um ambiente em que se promova o uso dos livros e da disposição dos pais a adquiri-los e a ler, o fato de lerem para seus filhos relatos e histórias e a conversa posterior em torno dos mesmos parecem ter uma influência decisiva no desenvolvimento posterior destes com a leitura (SOLÉ, 1998, p. 54).*

Nesse sentido, a família ocupa um lugar de destaque na apropriação da leitura pela criança, uma vez que, ao despertar na criança a motivação e o gosto para a leitura, o sujeito está constituindo a aprendizagem desta atividade com significações e não como obrigação, mas formando leitores proficientes que compreendem e fazem uso da leitura com sentido na sua vivência diária.

Na sequência da nossa investigação, apresentamos o terceiro indicador: **O ensino médio e os embaraços na escolha profissional-** composto por pré- indicadores que retratam a entrada no ensino médio e os embaraços no momento de escolha profissional, como podemos constatar nos relatos seguintes.

Ao iniciar o ensino médio Florbela começou a constituir a ideia sobre qual profissão seguiria futuramente:

*(Florbela) Quando eu entrei no ensino médio foi quando eu tive uma proximidade realmente assim, do que eu quero enquanto estudante né, porque quando você chega ao ensino médio é aquela idade rebelde de adolescente e normalmente o adolescente fica meio perdido no Ensino Médio a gente não sabe muito bem o que quer.*

*(Florbela) A partir do segundo ano do ensino médio eu comecei a constituir uma ideia do que eu poderia vir a fazer quando eu chegasse à fase adulta. Foi quando eu comecei a ter é (pausa) comecei a me envolver mais em questão de Português e Literatura, pois eu nunca fui muito da parte de exatas.*

A chegada ao ensino médio vem acompanhada de dúvidas, incertezas e angústias que se caracteriza como um momento complexo, pois a escolha profissional representa o ponto de partida para novos caminhos que serão trilhados futuramente. De acordo com Sílvio Bock (2002), essa escolha não está relacionada apenas às características pessoais ou subjetivas, mas principalmente ao contexto sócio histórico em que os jovens estão vivenciando. Nesse sentido, o processo de escolha profissional é resultado de vários fatores subjetivos e objetivos, uma vez que envolve aspectos de natureza extrínseca e intrínseca de suas vivências.

Outro ponto importante ressaltado por Florbela foi à escolha pelo curso técnico, a estagnação por não conseguir trabalhar na área em que se especializou e a chance de entrar em curso que realmente gostasse:

*(Florbela) Depois do ensino médio eu comecei um curso técnico. Olha como é engraçado, eu comecei um curso técnico voltado para área de química (risos).[...] de mineração [...].*

*(Florbela) Tentei trabalhar na área, mas a área de mineração para mulher é terrível, é péssimo mesmo. Eu fiquei sem trabalho e sem estágio porque as empresas não têm a capacidade de receber uma mulher, isso é um absurdo não ter capacidade de receber uma mulher para trabalhar na empresa.*

*(Florbela) [...] aí eu pensei, vou tentar Letras finalmente, porque foi bem quando veio para cá porque quando eu sai ainda não tinha, aqui era só Pedagogia, Matemática e Ciências Contábeis e eu não queria nada disso. Não identificava com nada, o mais próximo era Pedagogia, mas ainda assim (risos), não queria.*

*(Florbela). Aí foi a chance que eu tive de entrar num curso que eu realmente gostasse, foi o de Letras quando eu comecei aqui.*

Muitos jovens ao terminarem o ensino médio, buscam ingressarem no mercado de trabalho e acabam optando pela realização do curso técnico visando obter resultados em um curto espaço de tempo. Para Florbela não foi diferente, a escolha pelo curso técnico veio logo ao término da última etapa da educação básica, porém, a dificuldade em ingressar no mercado de trabalho após a conclusão do curso constituiu na mesma o interesse em tentar o ingresso na

licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, pois possuía o desejo de ingressar na área de língua portuguesa, literatura e produção textual desde o ensino médio, como ela ressalta: [...] *eu já gostava de português. [...] gostava de ler [...] eu quero fazer alguma coisa relacionada à produção textual, ensino de língua portuguesa e literatura.*

Para Isis, a escolha pela futura profissão veio como a alternativa disponível para o momento, não foi uma escolha, ela não queria cursar uma licenciatura, desvalorizava a profissão de professor e procurava sua realização profissional em outras áreas, porém, mediante as condições objetivas e subjetivas de não conseguir entrar no curso almejado optou por cursar Letras/Língua Portuguesa para não ficar sem um curso superior:

*(Isis) Eu pensava em me formar em outra coisa.*

*(Isis) Eu não queria ser professora. (risos). Então algumas pessoas comentavam: -“Olha o curso de Letras é muito bom”; - “você ‘devia’ fazer”; só que eu coloquei não porque alguém me incentivou, mas porque era a alternativa que tinha.*

*(Isis) [...] fui também desvalorizando a profissão de professor que é o que eu vou ser realmente daqui uns anos. Então eu desvalorizada essa profissão, queria ser Veterinária ou Psicóloga, procurava outras áreas.*

*(Isis) Só depois eu coloquei em Letras e não sabia que estava na lista de espera, não imaginava que eu estava na lista de espera. E recebi o resultado que tinha passado eu e meu esposo. Então aí eu fiquei feliz porque era a oportunidade que eu tinha, já tinha feito alguns ENEMS<sup>24</sup> e vestibulares não tinha conseguido entrar. Então eu fui. Era tudo ou nada.*

É perceptível na fala de Isis que a entrada no curso de licenciatura em Letras foi uma alternativa, pois diante a frustração de ter passado por alguns processos seletivos e ENEMS e não conseguir aprovação para o curso desejado, ela busca a licenciatura como a alternativa disponível. Para Almeida et al (2010, p. 2), “a diminuição da procura, por parte dos jovens, da profissão de professor tem se tornado objeto de preocupação nos últimos anos”, talvez isto se deva ao contexto atual brasileiro de desvalorização, salários defasados, más condições de trabalho docente, reconhecimento social, e dentre outros fatores que desmotivam os jovens a seguir a carreira docente.

Mais uma vez Isis externou sentimentos de desmotivação ao utilizar sua nota do ENEM para ingressar em um curso de licenciatura:

*(Isis) A minha nota de corte só dava para entrar em Letras, então coloquei lá mesmo só para não ficar sem fazer nada porque todos da minha sala haviam conseguido. Eles entraram em um curso. Eu pensava: só eu que não vou entrar. Então vou botar em qualquer coisa. Mas coloquei em Letras e deu certo e não foi o que eu pensei, né? O curso não é chato. O curso não é besta. O curso é maravilhoso! E proporciona realmente*

---

24 Exame Nacional do Ensino Médio.

*experiências muito lindas, belas e que nos formam como ser humano. Como seres pensantes e que pensa também no outro.*  
*(Isis) Entrei... Pensava será que vou ser realmente professora? Será que eu vou gostar do curso? Então aí comecei a me encontrar no curso.*

Nessa perspectiva, percebemos no discurso de Isis, angústias vivenciadas por não ter ingressado em um curso superior, já que todos os seus colegas de ensino médio haviam conseguido o ingresso nesse nível de ensino. Isis resolveu utilizar sua nota do ENEM para ingressar no curso de Letras, mesmo não sendo o tão almejado curso. Porém, apesar de sua entrada na licenciatura ter sido uma alternativa, ela só começou a se encontrar no curso e constituir significações das experiências vivenciadas e mediadas por suas relações sociais com colegas e professores, contribuindo, assim, para sua formação como ser humano que pensa no outro.

Ao interpretarmos as falas da Isis e Florbela, ressaltamos que “como ser concreto, histórico, que vive processos de transformações, o homem é sempre um ser incompleto; mas, na relação com o mundo, constitui-se a cada instante” (SOARES e BARBOSA, 2010, p. 42). Nesta acepção, compreendemos que as bolsistas são seres em constante transformação, constituição e que não podemos compreendê-las como um fenômeno disperso da realidade social e histórica na qual estão inseridas.

Assim, este núcleo de significação nos revelou as mediações familiares, escolares, sociais e históricas que constituíram as duas bolsistas de iniciação à docência no decorrer de seu processo de desenvolvimento. Apresentaremos no tópico seguinte as nossas interpretações referentes ao segundo núcleo de significação.

## 5.2 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO: MEDIAÇÕES E APRENDIZAGENS CONSTITUÍDAS NA RELAÇÃO PIBID E ESCOLA

Este núcleo de significação é constituído por indicadores que abordam as significações constituídas acerca das atividades desenvolvidas por Isis e Florbela como bolsistas de iniciação à docência em uma escola pública na cidade de Patu/RN, dificuldades, orientações, relacionamentos, planejamentos, coordenação, rotatividade, reflexão e equilíbrio entre o estudo, PIBID e o trabalho.

O primeiro indicador deste núcleo - **As dificuldades nas primeiras atividades realizadas em sala de aula** - é fonte do levantamento de pré-indicadores, que evidenciam as primeiras dificuldades no desenvolvimento das atividades na turma de Educação de Jovens e Adultos/EJA.

Isis ressalta que inicialmente apresentou bastante dificuldade para trabalhar mediante a realidade da turma, pois como era iniciante no desenvolvimento de atividades em sala de aula não sabia ao certo o que fazer:

*(Isis) [...] no primeiro semestre como eu era novata e não sabia bem ainda como atuar em sala de aula então eu com minha colega a gente começou a trabalhar um conteúdo um projeto sobre literatura só que eu não pensei na realidade dos alunos, a maioria dos alunos não tinham boas condições a maioria dos alunos eram 'atrasados'.*

*(Isis) Então eu acredito que eu expus muito conteúdo para eles e eles não conseguiram captar bem porque quando partiu para as notas não foram muito boas e a gente teve que trabalhar outros exercícios com eles para que eles pudessem recuperar essas notas. Eu acredito que o meu erro foi esse, não pensar na realidade dos alunos.*

Podemos perceber nessa fala a preocupação da bolsista por ser iniciante na atuação em sala de aula e não saber como desenvolver as atividades que dialogassem com a realidade dos alunos, que em sua maioria apresentavam dificuldades em compreender os conteúdos disciplinares. Porém, ressaltamos a afirmação de Longarezi e Franco (2015, p. 110) que “para que a atividade do professor constitua-se em atividades para os alunos, é necessário que ela parta da identificação das necessidades preliminares dos mesmos, tendo em vista a construção coletiva, primeira condição de toda e qualquer atividade”. É perceptível que Isis não partiu das necessidades preliminares de seus alunos, somente depois de alguns conteúdos ministrados, ela passou a perceber que as atividades desenvolvidas em sala não estavam construindo as aprendizagens esperadas, entretanto, como o ser humano possui a capacidade da criatividade, Isis percebeu a necessidade de reinventar suas aulas trabalhando atividades que correspondessem à realidade de seus alunos.

Para Florbela, o trabalho com a turma de EJA correspondia a uma realidade completamente diferente de sua primeira experiência como bolsista do PIBID-UERN, já que a motivação dos alunos não era a mesma dos alunos do ensino médio. Vejamos o que enfatizou a bolsista:

*(Florbela) Na outra escola [...] foi bem diferente porque na outra escola já era uma turma de terceiro ano do Ensino Médio.*

*(Florbela) Agora é uma realidade completamente diferente porque é a EJA do Ensino Fundamental, então é completamente diferente à disposição a motivação dos alunos, então eu tenho que ter jogo de cintura maior com eles em questão de cobrança em questão de linguagem mesmo.*

Esta afirmação de Florbela se explica nas palavras de Aguiar e Bock (2016, p.54) quando enfatizam que “a natureza individual, histórica e social dos sentidos, constituídos num

processo [...] vai depender tanto do momento específico do sujeito, como das condições objetivas geradoras de mobilização”. Assim, compreendemos que nenhum sujeito é igual ao outro, podemos até ser igual na fisionomia, cor, cabelo etc, mas nos diferenciamos uns dos outros por nossa subjetividade, pelas significações que atribuímos aos fenômenos de forma única.

De acordo com o exposto neste indicador, é perceptível que tanto Isis como Florbela apresentaram algumas dificuldades em trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos, seja por questões de conteúdo, metodologia, disposição ou motivação dos alunos, ou até mesmo por não saberem no momento dialogar com o contexto da sala de aula com alunos fora de faixa, repetentes e com dificuldades de compreensão dos conteúdos trabalhados em suas aulas. Porém, percebemos a capacidade de reinventarem suas atividades para melhor desenvolvimento e aprendizagem dos discentes.

O indicador intitulado **A orientação dos professores supervisores para a melhoria das atividades realizadas com os alunos** é constituído por pré-indicadores que nos revelam a importância das relações sociais e trocas de experiências para a constituição das bolsistas.

Nas falas do indicador anterior, uma das bolsistas relatou que inicialmente apresentou dificuldades ao iniciar suas atividades em sala de aula com a turma de EJA, porém, no relato seguinte é perceptível em sua fala a melhora no desenvolvimento das atividades pela orientação dos professores supervisores: *(Isis) [...] no segundo semestre já comecei a melhorar justamente também pela ajuda dos nossos supervisores que foram nos orientando para que a gente pudesse melhorar.*

Compreendemos, a partir desta fala que a mediação do outro é primordial para a constituição do sujeito, uma vez que “todas as apropriações se realizam de forma mediatizada pelas relações com outros indivíduos” (DUARTE, 1993, p. 46), assim, o homem se constitui pela mediação da história, da cultura e pelas relações com os outros no social.

No intuito de avançarmos na interpretação, destacamos as falas das bolsistas quando discorrem acerca da importância das relações, experiências, assistências e suporte que os professores supervisores e o PIBID lhes oferecem:

*(Florbela) E aí é muito diferente, é muito enriquecedor o contato que você tem com os alunos, o contato que você tem com os supervisores quando você chega à escola.*

*(Isis) [...] A gente troca muitas experiências também, debate muito sobre o que acontece em sala de aula porque ele já conhece a realidade da sala, então ele passa para nós as melhores formas de trabalhar. E a gente vai dando algumas ideias novas e eles vão sempre concordando e auxiliando também com essas ideias que a gente vem trazendo de renovação*

*para a sala. E a relação é boa porque justamente ele compreende o que a gente quer e a gente compreende o que eles querem é para melhorar a educação desses alunos. (Florabela) [...] o meu relacionamento com os supervisores até agora está muito bom (risos). [...] Eles nos dão uma assistência muito boa. Eles têm uma coisa muito de chamar você para a realidade [...] Então, eles trazem a gente de volta assim para a realidade, olha é assim a gente tem que trabalhar dessa forma. E é muito bom ter esse suporte. (Isis) E assim, as experiências tudo foi realmente o que eu pensava que o PIBID ele vai proporcionar um crescimento de conhecimento, proporcionar todo esse aprendizado que vai servir para minha vida futura. E realmente proporcionou, principalmente através dos professores que estão com a gente.*

Nas relações e experiências com outros sujeitos nos constituímos, já ressaltava Vigotski (1989, p. 56) “nós nos tornamos nós mesmos através dos outros”, neste sentido, é nítido o movimento de constituição e trocas presentes nas relações sociais e históricas entre as bolsistas de iniciação à docência e professores supervisores, pois o movimento de um ajudar ao outro indicando as melhores formas de realizar as atividades em sala de aula tem se constituído como um momento rico de experiências e vivências que enriquece a aprendizagem de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Na sequência de nossa investigação, apresentaremos analiticamente o terceiro indicador deste núcleo - **O bom relacionamento e as expectativas geradas nas atividades a serem desenvolvidas pelos alunos** - é produto de pré-indicadores que discorrem acerca das significações constituídas sobre o relacionamento com os alunos, atividades desenvolvidas e expectativas geradas em sala de aula, como veremos a seguir:

*(Isis) Com os alunos está sendo muito bom mesmo. [...] eles estão correspondendo às nossas expectativas. Assim, a gente procura sempre levar uma atividade que chame a atenção deles, que sai de dentro da sala de aula e explore também a escola no todo, como: a biblioteca e o pátio. Então, isso tem chamado à atenção deles e formado um vínculo entre nós, os pibidianos e eles [...].*

*(Florabela) Com os alunos eu tenho um relacionamento muito bom com os alunos. No primeiro semestre era uma turma, eu acho que era mais de 20 alunos. Não eram todos que iam as aulas né, e não eram todos que se envolviam, mas os que se envolviam a gente se dava bem [...].*

*(Florabela) Eu acho que eu consigo desenvolver a atuação, eu consigo ter um bom relacionamento com os alunos, eu consigo ter jogo de cintura na hora de escolher material, na hora de trazer atividades. [...] Então acho que, mais na frente nas outras rotações acredito que as atividades vão ser bem melhor elaboradas (risos), acho que vai ter uma atuação bem melhor minha.*

Percebemos que o sentido do bom relacionamento na sala de aula para Isis e Florabela corresponde à dimensão de expectativas, formação de vínculos e atuação pedagógica nas aulas. Nesta perspectiva, compreendemos que o relacionamento entre os alunos e as bolsistas envolve um processo de trocas, mediação, estratégias, que se constrói por meio de relações

interpessoais estabelecidas no decorrer das atividades desenvolvidas em sala de aula. Para Oliveira (1997, p. 38) “é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico”, assim, as relações interpessoais constituídas no meio social, cultural e educativo favorecem a apropriação e a construção de novos conhecimentos, como também o desenvolvimento das potencialidades dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Sobre o desenvolvimento dos alunos e as expectativas geradas na realização de atividades, Isis ressalta que, desde que iniciou suas atividades em sala de aula, os alunos estão produzindo melhor os textos, a comunicação e a aprendizagem tem melhorado bastante e isso tem produzido boas expectativas no relacionamento, na aprendizagem e no enfrentamento das dificuldades em sala de aula:

*(Isis) Eles desenvolveram muito também desde que a gente entrou, pois eles não tinham o hábito de escrever, eles não gostavam de escrever nada, nem falavam, só que aí eles passaram a escrever, passaram a falar mais, a se comunicar mais com a gente e os textos deles foram melhorando cada vez mais, e cada texto que eles iam fazendo ia melhorando.*

*(Isis) Então eles estão correspondendo as nossas expectativas nesse sentido porque houve entre nós uma relação melhor entre eu e a minha colega uma relação maior. A gente conseguiu a confiança deles e eles passaram a se abrir mais e mostrar também as dificuldades deles.*

Percebemos que o processo ensino-aprendizagem dos alunos, segundo o exposto por Isis, tem melhorado significativamente após a entrada das bolsistas na turma, isso nos revela a relevância do PIBID, tanto em contribuição aos alunos, à escola e como também para a vivência das bolsistas e suas constituições como futuras professoras, visto que as atividades desenvolvidas pelas bolsistas têm caminhado para a “superação das dificuldades de aprendizagem dos alunos da escola e nas formas de tornar o conhecimento mais interessante para os alunos” (GATTI, 2014, p.48). Desse modo, acreditamos que a aprendizagem aconteça na/pela mediação, interação, relação e trocas entre os envolvidos nesse processo, em que o par menos experiente aprenda com o mais experiente em cooperação e vise versa.

No encadeamento de nossa interpretação trazemos o próximo indicador - **O planejamento das atividades e a preocupação com a produção dos alunos** que traz o delineamento de como tem sido feito o planejamento e a produção dos alunos nas atividades realizadas em sala de aula.

O planejamento das atividades realizadas por Isis e Florbela na instituição escolar parceira do PIBID-UERN na cidade de Patu/RN, é realizado a cada quinze dias em

colaboração com o professor supervisor do subprojeto que norteia e viabiliza as atividades das bolsistas de iniciação à docência na escola. Nesse processo de planejar são decididas quais atividades, conteúdos e ações devem ser trabalhadas durante o mês, como enfatiza as bolsistas:

*(Florabela) [...] a gente ficou assim na terça-feira a gente dá aula e realiza atividade. Na quinta-feira, a gente a cada 15 dias se reúne para fazer planejamento, nesse planejamento a gente planeja o mês inteiro. [...] Então se reúne toda equipe e vê com o supervisor o que é que a gente vai trazer para os alunos, o que vai trabalhar e se a gente já pensou o que vai desenvolver.*

*(Florabela) Então a gente vai se ajudando dessa forma e estudando dessa forma, quando tem alguma ideia nova, quando a gente estudou alguma ideia nova a gente conversa e diz, achei isso interessante. O que você acha?*

*(Isis) Sobre o que a gente está trabalhando com eles foi exatamente o que eu falei que é a produção textual. A gente já está encerrando o semestre e estamos trabalhando com propaganda, mas a gente trabalhou com eles conto, crônica e tudo.*

O momento do planejamento na escola se constitui como sendo de muita importância, pois é a ocasião que se estabelece o diálogo, a ajuda, o estudo da realidade e a reflexão, em que toda a equipe pibidiana analisa e decide quais atividades, ações, objetivos devem ser alcançados, e quais as reais condições de ensino, que materiais a escola e o professor disponibilizam para a realizações das atividades em sala de aula. Dessa maneira, o planejamento das atividades a serem desenvolvidas em sala de aula é uma necessidade constante dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem como ressalta Vasconcelos (1995, p. 43), o planejamento se constitui como “processo de reflexão, de tomada de decisão [...] enquanto processo, ele é permanente”.

Algumas das principais preocupações destacadas por Florbela e Isis estão relacionadas ao envolvimento, atração e a produção dos alunos nas aulas de língua portuguesa:

*(Florabela) [...] a gente tem muito isso é que a gente faz Letras/Literatura, a gente tem muito essa questão de interpretação porque a gente quer é o envolvimento deles [...] de fazer eles pensarem sobre o texto, de fazer eles comentarem é bom tanto para a evolução deles enquanto leitores quanto para a realização das atividades.*

*(Florabela) Então é uma coisa que já é muito espontânea de certa forma porque a gente vê, por exemplo, a gente estudou contos, no dia mesmo que a gente sentou e falou, pronto vamos trabalhar contos, então nesse mesmo dia a gente já foi pensando que contos trazer, que atividade realizar, como fazer isso com os alunos, como fazer eles produzirem. Então a gente consegue fazer isso num dia só e a partir daí a gente vai só trabalhando e estudando conteúdo, estudando conto, como vai fazer esse aluno produzir dentro da sala de aula.*

*(Florabela) [...] as atividades a gente faz dessa mesma forma, a gente estuda no dia que a gente faz o planejamento a gente já tem uma ideia de como fazer esse aluno produzir e aí a gente vai amadurecendo a ideia conforme foi estudando e vai conversando uma com a outra*

*para chegar no dia e realmente fazer o pessoal produzir. É uma luta para fazer eles produzirem, mas eles produzem. A gente consegue fazer isso.*

*(Isis) Então o que, que a gente fazia, como a gente trabalhou produção textual com eles então a gente pegou crônica e conto, os gêneros textuais e trabalhava de acordo com as coisas que eles viam no cotidiano. Pegava as músicas que eles gostavam, futebol e temas que eles gostavam para tentar facilitar e fazer com que eles se atraíssem mais.*

Estas falas nos revelam as inquietações das bolsistas em como fazer os alunos produzirem, interpretarem e se envolverem nas atividades realizadas em sala de aula. E um dos caminhos apontados pelas bolsistas é trabalhar com os assuntos do cotidiano dos discentes para que eles possam apropriar-se e se sentirem atraídos pelas aulas. Assim, compreendemos que o educador como um dos mediadores dos conhecimentos sociais e culturais deve descobrir as melhores formas de desenvolver aprendizagem de seus alunos, selecionando conteúdos e realizando atividades que de fato contribuam e tragam sentido para as vivências e constituição dos discentes.

O indicador<sup>25</sup> - **A nova coordenadora do PIBID/LETRAS/CAP-UERN e o acompanhamento das atividades** traz uma breve discussão acerca da chegada da nova coordenadora de área e a cobrança quanto a realizações, acompanhamento e registros das atividades desenvolvidas dentro do programa, como veremos na sequência:

*(Florbela) [...] o PIBID pela fase de adaptação que a gente está tendo com essa nova coordenadora ele está cobrando mais da gente e como a gente ainda está se adaptando isso acaba fazendo a gente dar umas derrapadas às vezes, mas de resto é tranquilo (risos).*

*(Florbela) A coordenadora é uma pessoa incrível. Aqui dentro da universidade é uma das professoras mais querida por mim, mas ela cobra (risos), ela é muito exigente ela quer sempre postagem, ela quer sempre foto, ela pega muito no meu pé porque eu sempre me esqueço de tirar fotos (risos), então à gente tem sempre que está em dias tanto em questão para as postagens das atividades, para documentação que é essa foto que ela pega tanto no meu pé.*

*(Florbela) As maiores cobranças delas são essas de saber o que está acontecendo e querer que a gente registre o que está acontecendo que é para ela poder ter uma noção melhor para poder organizar.*

Percebemos mediante a fala de Florbela todo um cuidado da coordenadora de área quanto ao andamento das atividades dentro do subprojeto de Letras/Língua Portuguesa. Isso mostra a importância da organização do programa, a responsabilidade e o zelo com as atividades realizadas pelos bolsistas nas escolas. Vale salientar que o acompanhamento das atividades nos subprojetos é uma das funções de coordenadores de área, como também

---

25 As discussões deste indicador é fruto dos relatos da bolsista Florbela. Essa discussão não foi abordada por Isis, porém, compreendemos ser relevante trazê-la na pesquisa, uma vez que nos encaminhou para compreendermos a importância do acompanhamento das atividades pela coordenadora de área do PIBID.

estabelecer o diálogo com as escolas públicas parceiras do programa e apresentar relatórios periódicos à coordenação institucional que é a responsável por prestar conta a Capes (BRASIL, 2014). Nesse sentido, notamos o empenho da coordenadora de área do PIBID/Letras/Língua Portuguesa do *Campus Avançando de Patu/CAP-UERN*.

O próximo indicador<sup>26</sup> - **O movimento de reflexão e o desejo de transformação** é fruto dos relatos da bolsista Isis, que faz uma avaliação acerca de sua atuação em sala de aula como bolsista do PIBID-UERN.

Iniciamos a interpretação das falas deste indicador ressaltando que “as capacidades humanas devem ser vistas como algo que surge após uma série de transformações qualitativas. Cada transformação cria condições para novas transformações, em um processo histórico, e não natural” (BOCK, 2007, p.22).

Para Isis, fazer uma avaliação de si é perceber que ainda precisa melhorar muito no desenvolver de suas atividades em sala de aula, pois não é simples mediar os conhecimentos para sujeitos heterogêneos que possuem histórias distintas. A bolsista aponta ser necessário olhar para a realidade dos alunos:

*(Isis) Faz um ano exatamente que eu estou no programa e para me avaliar, acredito que ainda preciso melhorar muito, porque como eu falei não é fácil você pegar uma realidade de uma escola e você está ali tentar colocar em prática e trabalhar com aqueles alunos que tem uma história diferenciada porque você precisa saber se adaptar, você precisa saber controlar, você precisa saber o que vai levar para sala de aula porque às vezes você planeja uma coisa chega lá tudo muda você tem que ter um plano B.*

*(Isis) Então acredito que eu preciso melhorar e também acredito que eu melhorei em relação a quando eu entrei no começo, porque eu comecei a olhar para a realidade dos alunos, comecei a trabalhar em cima do que eles viviam para facilitar e acredito também que preciso melhorar cada vez mais.*

Essas falas nos remete a pensar a instituição escolar como um espaço plural, constituído por múltiplos sujeitos de concepção e valores diferentes, e o professor é um desses sujeitos que vai fazer a mediação dos conteúdos e conhecimentos curriculares para os alunos, considerando a diversidade presente na sala de aula. A fala de Isis nos encaminha também em direção à concepção de homem adotada pela Psicologia Sócio Histórica, em que o homem é considerado um sujeito ativo que “constrói/modifica o mundo e este, por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem” (BOCK, 2007, p.22), ou seja, o homem

---

26 Esta questão foi relatada apenas pela bolsista Isis, porém, entendemos ser relevante trazê-la na pesquisa, uma vez que trata do desejo de transformação e avaliação das atividades realizadas no programa.

mediado por instrumentos, signos e pelo social se constitui, transforma e é transformado ao mesmo tempo.

O indicador intitulado - **A<sup>27</sup> questão da rotatividade semestral e o curto tempo para o desenvolvimento das atividades planejadas** é composto de pré-indicadores que sinalizam a preocupação da bolsista Florbela com o pouco tempo de um semestre para desenvolver as atividades planejadas, como veremos a seguir.

Florbela explica que a rotatividade semestral é importante para que os bolsistas do PIBID possam conhecer e estarem em contato com realidades diferentes, porém, o curto espaço de tempo de um semestre não é suficiente para elaborar e desenvolver um trabalho significativo com os alunos. Nesse seguimento ela discorre:

*(Florbela) [...] o tempo é muito curto então a gente teve pouco tempo para elaborar uma coisa maior então a gente também enfrentou uma greve que foi péssima, cortou totalmente os planos da gente, sabe? [...] Fiquei bem triste inclusive, porque eu queria participar das oficinas porque o tempo é tão curto e especialmente com a greve então cortou aí nosso plano de fazer oficina com eles, mas teria sido bem bacana.*

*(Florbela) Mas eu já comentei e vou falar de novo que é a questão da rotatividade. Eu acho que o tempo é muito curto para produzir por que é só um semestre e um semestre eu sei que é necessário eu sei que é enriquecedor para o aluno pibidiano, mas eu acho que para produção principalmente a questão de tempo, evento, questão de trabalhar conteúdo em sala de aula.*

*(Florbela) Não sei, acontece uma mágica que quando você está fora você não percebe que o tempo é tão curto para conseguir produzir com eles, mas quando você está dentro é que você percebe, gente já acabou o ano e agora?*

*(Florbela) Eu sinto que é pouco tempo eu sei que é necessário. Eu fico entre essas duas questões corriqueiras eu sei que é necessário e enriquecedor porque eu senti como é enriquecedor, mas ao mesmo tempo eu fico pensando que é pouco tempo para trabalhar eu não sei se é porque eu me apego ao aluno pode ser isso, mas o restante está ótimo.*

A rotatividade semestral é uma das experiências que os bolsistas do PIBID/LETRAS/CAP-UERN vivenciam, em que a cada seis meses mudam de professor supervisor e de escola, e em um ano os pibidianos têm contato com realidades escolares diferentes. Para a Florbela a experiência de rodízio é muito enriquecedora, porém, considera um ponto crítico por ser pouco tempo para produzir com os alunos principalmente eventos e oficinas que demandam um tempo maior para sua produção e preparação dos alunos. Entendemos que a interação e a relações sociais dos bolsistas com instituições diferenciadas enriquecem as experiências e vivências dos bolsistas do PIBID, uma vez que “o sujeito vivencia, experimenta, age e, nesse sentido, tem uma sua subjetividade” (GONÇALVES,

---

<sup>27</sup> A questão da rotatividade semestral e o curto tempo para o desenvolvimento das atividades planejadas foi enfatizado apenas pela bolsista Florbela.

2007, p.73), além de promover uma troca significativa de conhecimentos, amplia o seu universo, individual, educacional, social, cultural e histórico por meio das múltiplas relações sociais estabelecidas com outros sujeitos.

O último indicador deste núcleo de significação - **O<sup>28</sup> jogo de cintura entre o estudo, PIBID e o trabalho** é fruto do levantamento de pré-indicadores que discutem acerca de conciliar as atividades diárias do universo acadêmico, o PIBID e o trabalho como meio de garantir o sustento e de ajudar a família nas despesas de casa.

Florbela ao falar sobre o seu trabalho explica que este não está relacionado à área de sua futura formação:

*(Florbela) (Sorriu), Não tem nada a ver com educação meu outro trabalho. [...] eu trabalho com projeção de móveis (risos). Eu projeto móveis. Esse meu outro trabalho é com desenho, com público, planilha, orçamento, todas essas coisas que eu não gosto! (sorriu). Basicamente, é tudo voltado para exatas. É muito desenho! É muita forma geométrica! Muita planilha! Então não tem nada a ver com o trabalho do PIBID.*

A fala da bolsista nos faz lembrar a realidade de muitos jovens universitários que enfrentam a rotina diária de conciliar o estudo e o trabalho para suprir sua renda familiar ou até mesmo para custear os gastos cotidianos com o curso superior. Tosta (2017, p. 902) destaca que “o jovem que entra para a universidade destaca-se pela perspectiva de construção de sua autonomia e isso implica também em buscar sua própria renda, em especial para aqueles cuja família não possui condições de arcar com suas despesas”. É perceptível no relato de Florbela que seu trabalho diverge do seu campo de formação e que não gosta da área onde está situado, mas necessita dele para suprir suas necessidades como veremos nas próximas falas.

Quando questionada se o trabalho não atrapalhava as atividades como bolsista do PIBID, Florbela foi enfática ao nos responder:

*(Florbela) E dentro do universo acadêmico eu não sei se é porque a gente ainda está em fase de adaptação, mas eu sinto que, não que esteja atrapalhando, mas rouba um tempo que a gente tem, especialmente quem tem outros afazeres, por exemplo, o trabalho. Eu tenho a universidade, tenho o PIBID, e tenho o trabalho, e ainda tem um projeto de extensão que também é com a professora Maria, de literatura teatral.  
(Florbela) Não atrapalha! Porque assim que eu comecei a trabalhar eu já deixei uma coisa bem clara! Olha eu estudo! Quando eu entrei para o PIBID eu já fui deixando bem claro*

---

28 Esta discussão foi enfatizada apenas por Florbela, ressaltamos ser importante abordá-la na pesquisa, por dialogar com a realidade de muitos universitários que conciliam o trabalho e o estudo.

*também, olha eu estudo agora, mas eu tenho isso aqui também, estou neste programa de bolsa. E aí sempre rola aquele, mas vai atrapalhar.*

*(Florabela) [...] não abro mão, porque não tem como eu abrir mão por que é o meu futuro, né? Então não posso realmente abrir mão, e de certa forma também não posso abrir mão do trabalho por que é a forma que eu tenho de me sustentar. Tanto o PIBID quanto o trabalho é uma forma que eu tenho de me sustentar e ajudar a minha família e tudo mais. Então não posso abrir mão de nenhuma das duas coisas. Então eu tenho que ter esse jogo cintura para dar aquela equilibrada, mas o trabalho é bem tranquilo e não afeta em nada.*

Essa afirmação nos encaminha para a compreensão de que as atividades realizadas no trabalho se originam como maneira de suprir suas necessidades materiais e não como maneira de satisfação, e nos faz lembrar das palavras de Leontiev (*apud* LONGAREZI e FRANCO, 2015, p. 101) quando enfatizam que “a primeira condição de toda atividade é uma necessidade. Todavia em si, a necessidade não pode determinar a orientação concreta de uma atividade, pois é apenas no objetivo da atividade que encontra sua determinação”, ou seja, para que o sujeito realize uma atividade, primeiramente ele precisará partir de uma necessidade, que estará orientada por um objetivo que indicará o conteúdo de sua atividade. Para Florbela, o estudo e o PIBID vêm se constituindo como o seu futuro profissional, como também a maneira de adquirir melhores condições de vida, já que as atividades realizadas no trabalho é o meio de conseguir o seu sustento e de ajudar sua família.

Este núcleo de significação nos encaminhou para a aproximação das significações de Isis e Florbela acerca das atividades desenvolvidas como bolsistas de iniciação à docência em uma escola pública na cidade de Patu/RN, suas dificuldades, orientações, relacionamentos, planejamentos, coordenação, rotatividade, reflexão e equilíbrio entre o estudo, PIBID e o trabalho. Discorreremos no tópico seguinte acerca de nossas interpretações referentes ao terceiro núcleo de significação.

### 5.3 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO: SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID/UERN

O terceiro núcleo de significação é resultado da sistematização de seis indicadores que nos encaminha para a aproximação das significações produzidas por Isis e Florbela acerca de sua vivência no PIBID-UERN, como também para seu processo de formação, as lacunas e distanciamento entre o que se estuda na universidade e as atividades de ensino na escola pública, as experiências e aprendizagens construídas por meio do programa, a motivação para o estudo e para a pesquisa e o compartilhamento das vivências com os colegas e professores da escola pública.

O indicador intitulado - **A entrada no PIBID-UERN e a importância no processo formativo das bolsistas** é fruto da constituição de pré-indicadores que nos revelam as dificuldades e expectativas ao entrar no programa.

Inicialmente para a bolsista Isis, a entrada no programa lhe ajudaria muito em questão de compra de material e livros para as atividades acadêmicas de estudo, pois como o curso de graduação em Letras- Língua Portuguesa era no turno matutino, ela e o esposo não teriam como trabalhar nesse horário para manter as despesas de casa, então a única chance seria a entrada no PIBID-UERN.

*(Isis) [...] O PIBID eu já havia e já tinha ouvido falar sobre ele. Um amigo da gente comentava muito sobre o PIBID. E a gente tinha muita vontade de entrar nesse programa, justamente também para que a gente pudesse se sustentar na faculdade por causa do material, de livro que tinha que comprar [...]. Eu e meu esposo não poderíamos trabalhar porque o curso é pela manhã. Então não teria como conseguir um emprego pela tarde ou pela noite, até porque esses horários serviriam para estudar. Então a nossa única chance era o PIBID. A gente se inscreveu e conseguiu passar, né? E além da bolsa ajudar em relação a essas questões materiais né? Ajudou também com as experiências.*

Ao observamos as falas acima, percebemos que as significações constituídas acerca da entrada no PIBID-UERN não é apenas a aproximação da teoria com as atividades do graduando em sala de aula e das experiências adquiridas, mas essas significações atravessam também a objetividade material de manter-se na faculdade por meio da bolsa que custeia a compra de livros para estudo no curso de licenciatura.

Florbela, por sua vez, relata que queria participar do Programa, pois sempre foi muito ativa dentro do ambiente acadêmico e que lhe traria uma experiência muito enriquecedora, porém, encontrou dificuldades para se inscrever no programa, uma vez que se encontrava no início do curso de graduação e não possuía produções acadêmicas e um currículo específico que a ajudasse no processo de seletivo. Entretanto, fez a inscrição com apenas a nota do índice de rendimento acadêmico e conseguiu ser selecionada. Ratificamos o exposto supracitado com os trechos das falas da entrevistada:

*(Florbela) Quando eu entrei foi uma dificuldade para me inscrever porque precisava de um currículo específico e eu não tinha nada porque eu tinha realmente acabado de entrar no curso. Eu estava no segundo período ainda e eu não tinha nada, não tinha ferramenta nenhuma tinha só o meu ira (risos) e aquela pontuação básica, mas aí eu fiz com que eu tinha.*

*(Florbela) Ai porque, por N motivos, eu queria participar de alguma coisa porque eu sempre fui muito ativa dentro do universo escolar, desde o ensino fundamental qualquer coisinha que aparecesse eu estava querendo participar. E aí eu queria fazer isso dentro da Universidade também, eu gosto de participar.*

*(Florbela) Eu gosto de saber o que tá acontecendo [...] Eu acho que **traz uma experiência pessoal muito enriquecedora** você participar do que acontece dentro do ambiente acadêmico. E aí eu queria participar. Eu queria ter essa experiência.*

*(Florbela) Se eu vou atuar como professora então é uma chance que dificilmente eu vou ter, fora de estágio essas coisas. E aí eu me interessei. Foi à primeira coisa assim, que surgiu entre projeto de extensão e programa de bolsa, foi à primeira coisa que apareceu aí eu agarrei (risos).*

Os relatos da bolsista Florbela mostram o seu interesse em querer participar do programa, uma vez que lhe traria uma experiência pessoal muito enriquecedora que dificilmente teria em seu processo formativo, como também lhe oportunizaria participar ativamente da dinâmica do espaço acadêmico. Entendemos que um sujeito ativo seja “transformador do mundo; e um ser posicionado que intervém em seu meio social” (BOCK, 2007, p.31), ou seja, é aquele que transforma e se transforma dialeticamente, modificando o que está posto pela sociedade e não se contenta com o aparente, mas atua ativamente na realidade.

Para Isis, o PIBID-UERN atendeu a todas as suas expectativas de unir teoria à prática, de mostrar realmente se seguiria os caminhos para ser professora. Vejamos o que diz a bolsista:

*(Isis) Então ele atendeu a todas as minhas expectativas nesse sentido, porque eu consegui deixar de ser o que eu era: uma pessoa tímida e consegui entender realmente o que era estar em sala de aula. Entender o que era estar ali em contato com o outro.*

*(Isis) Em relação às expectativas porque a princípio quando entrei na universidade muitos pibidianos comentavam sobre o programa e diziam ser algo muito bom que valeria a pena participar. Eu ainda não tinha conhecimento sobre o programa então as minhas expectativas era que eu iria adquirir mais conhecimento e iria poder unir a prática com a teoria e poderia também. É isso mesmo, (risos). E também em relação se o que o programa iria realmente mostrar se eu queria seguir aquela profissão ou não porque até então eu acreditava que as coisas fossem algo muito fantasioso, só que quando eu entrei no programa eu percebi que realmente o programa traria conhecimento e trouxe conhecimento para minha vida e trouxe também o desejo de continuar com o curso e o desejo de me tornar realmente um profissional, um Professor.*

Essas falas nos mostram as significações das expectativas geradas ao entrar para o PIBID-UERN e a importância desse programa para o processo de formação da bolsista, visto que na relação com outros sujeitos Isis passou a compreender o que significava estar em sala de aula, aproximando o campo teórico ao prático. O programa também contribuiu para firmar o desejo de continuar no curso de Licenciatura em Letras e futuramente ser professora de língua portuguesa.

O segundo indicador - **Lacunas e distanciamentos entre a teoria e a prática nos cursos de licenciaturas** discute acerca da distância entre o que se estuda na universidade, os conhecimentos teóricos e a realidade do ensino na escola pública.

As falas seguintes nos indicam aspectos importantes no processo de formação inicial nos cursos de licenciatura, o preparo insuficiente dos futuros professores para atuarem nas escolas, ocasionados pela dicotomia entre a teoria e as atividades de ensino:

*(Isis) [...] só que quando foi para partir da união da teoria com a prática eu percebi que às vezes as Universidades e as licenciaturas não preparam os alunos para atuarem nas escolas.*

*(Isis) Elas não desprezam a teoria, tem a teoria que é algo muito importante porque sem a teoria não tem como você separar ela da prática, só que muita das vezes aquela teoria quando você pega ela e vai usar em sala de aula é diferente porque cada um tem um contexto diferente.*

*(Florbela) A parte prática é muito diferente, é uma realidade muito diferente daquela teórica, pois a universidade não tem como preparar você para a realidade que você vai enfrentar dentro de uma escola pública que a gente atua escola pública.*

*(Isis) [...] pois, como eu falei não adianta você ter só a teoria, mas você necessita da prática para você entender realmente, porque você sai da Universidade não praticou nada, aí quando você se deparar com a sala de aula com alunos, cada um é diferente e com o temperamento diferente então você precisa estar preparado.*

*(Florbela) [...] a gente sai daqui muito preso em teoria achando que vai ser de um jeito e aí quando chega lá, é que você vê que a realidade não é exatamente essa, você se assusta de início e sabe que o medo tende a deixar você meio parado.*

*(Isis) [...] eu tive que passar por um desafio para poder tentar me encaixar e me enquadrar no contexto da escola porque a teoria que eu tinha serviu algumas coisas, mas a maioria das coisas a gente teve que se reinventar, teve que se adaptar, à forma correta seria se adaptar aquele contexto, aquele aluno e que as coisas não era algo muito fantasioso eu digo no sentido assim, que não é algo fácil, você precisa, você tem uma responsabilidade, você precisa saber trabalhar diante daquela turma, diante daquela sala, diante daquela instituição que tem as suas regras.*

*(Isis) Então não é algo fácil, então é para quem realmente quer seguir a profissão porque você pode ter a melhor teoria do mundo, mas quando você parte para a prática é que você vai saber se você vai ser um bom Profissional ou não.*

Essas afirmações nos faz refletir que a formação de professores deve caminhar em direção ao campo das atividades de ensino articulada com os estudos teóricos vistos na universidade, pois uma formação que articula teoria e prática potencializa a apropriação dos conhecimentos pelos futuros professores. Desse modo, é perceptível nas falas das bolsistas que a realidade do ensino nos cursos de licenciatura não tem aproximado efetivamente o campo teórico ao prático, e isto pode ser resultado do “extremo desequilíbrio, nos cursos de formação docente, entre as abundantes aulas expositivas e a absoluta escassez de aulas práticas” (GATTI e BARRETO, 2009, p. 175). Assim, a união da teoria com as atividades de ensino nem sempre tem sido fácil, principalmente para aqueles que estão vivenciando suas primeiras experiências como professores. Muitas são as queixas acerca das dificuldades de

relacionar o que se estuda na universidade com a realidade encontrada em sala de aula, destacamos que para Isis e Florbela não foi diferente.

Nos próximos relatos observamos que para as bolsistas a entrada no PIBID-UERN se constituiu como um avanço da visão utópica e romantizada de que na escola e na sala de aula tudo é perfeito, e que sem a mediação do programa não teriam a oportunidade de relacionar os aspectos teóricos estudados na universidade às atividades de ensino em sala de aula:

*(Florbela) Olha, muda. Muda bastante aquela coisa que eu falei primeiro, se eu não tivesse tido esse contato com o programa provavelmente eu ainda estaria naquela coisa presa nas teorias e ainda com aquela velha utopia de que vai ser tudo lindo e de que os alunos serão todos perfeitos! (risos).*

*(Isis) [...] sem o programa como é que nós vamos poder realmente unir aquela teoria que nós temos na universidade, como é que o aluno vai ter essa oportunidade de praticar e de realmente saber se é aquilo realmente que ele quer para sua vida.*

Destacamos pelo exposto por Isis e Florbela que o PIBID-UERN tem de fato cumprido com o objetivo de contribuir “para a integração entre teoria e prática, para a aproximação entre universidades e escolas e para a melhoria de qualidade da educação brasileira” (BRASIL, 2013, p. 27), uma vez que tem aproximado o futuro professor à realidade da escola, seu cotidiano, seus alunos, permitido aos bolsistas vivenciar o espaço escolar em sua totalidade.

Nomeamos o terceiro indicador deste núcleo - **A<sup>29</sup> dimensão subjetiva do ensino na escola pública**, uma vez que nos encaminha para a discussão das significações da bolsista Florbela acerca da realidade do ensino na escola pública e a experiência de preparação das aulas.

A dimensão subjetiva do ensino na escola pública para aqueles que estão entrando pela primeira vez em sala de aula muitas vezes pode parecer chocante ou contraditória, pois são salas de aula lotadas, más condições de estrutura, falta de materiais, professores preocupados com os alunos que não estão conseguindo aprender os conteúdos estabelecidos pela grade curricular, enfim, são diversas situações que podem deixar o professor que está iniciando seu contato com o ambiente escolar preocupado. De acordo com Gonçalves e Bock (2009, p. 143) “A dimensão subjetiva da realidade estabelece a síntese entre as condições materiais e a

---

29 Esta questão foi relatada apenas por Florbela, porém, compreendemos ser relevante trazê-la na nossa pesquisa, pois trata das significações da bolsista acerca da realidade do ensino na escola pública e a experiência da preparação das aulas.

interpretação subjetiva dada a ela. Ou seja, representa a expressão de experiências subjetivas em um determinado campo material”. Neste sentido, observamos na fala seguinte que para a bolsista a entrada no PIBID-UERN a fez perceber a realidade da escola e do ensino público como ainda não havia percebido enquanto aluna:

*(Florbela) [...] eu entrar numa escola que eu já fui aluna e perceber coisas que enquanto aluna não conseguia perceber. É muito, é um pouco chocante assim no primeiro momento, mas é muita boa experiência.*

*(Florbela) Aconteceu comigo tanto na escola de ensino médio quanto na de ensino fundamental [...]. Acho que a primeira coisa que a gente percebe logo de cara é a estrutura da escola mesmo. Na época que eu estudei na escola de ensino fundamental aquela escola era a maior referência aqui dentro da cidade, era maior referência.*

*(Florbela) Hoje quando eu entrei para o primeiro dia de aula eu já eu percebi que a escola perdeu essa referência, ela não é mais centro de referência e foi uma coisa que me chocou porque é uma escola enorme que tinha na minha época pelo menos uma estrutura muito grande de sala de jogos, sala de TV, sala de biblioteca e leitura.*

*(Florbela) [...] era sempre uma comoção muito grande dentro da escola para produzir um evento para trazer a comunidade para dentro da escola até mesmo os pais dos alunos, mas hoje em dia eu não vejo um tanto isso lá dentro, tudo bem que eu só vou umas duas vezes por semana no máximo, mas eu não vejo isso lá dentro.*

*(Florbela) A entrada no programa me fez abrir muito os olhos para isso, para encarar essa realidade, essa realidade bruta, essa realidade dura, que é o ensino em escola pública. [...] como eu posso dizer, foi o maior clique que te vi, foi essa coisa de, olha não é assim, a realidade não é essa!*

Destacamos na fala de Florbela o caráter de importância do PIBID-UERN para sua constituição enquanto futura professora e que a partir de sua entrada no programa, ela passou a perceber o que de fato é a dimensão do ensino em uma escola pública, sua realidade e contradições. Segundo os relatos da bolsista, chegar à escola pública da qual foi aluna e perceber a realidade da estrutura física da instituição foi impactante, uma vez que a escola era referência em sua cidade. Essa fala nos encaminha para observar como a falta de manutenção na estrutura física das escolas públicas do nosso estado é visível e preocupante. Conforme Libâneo (2008), espera-se que as construções, os mobiliários e o material didático sejam adequados, satisfatórios e suficientes para garantir o desenvolvimento da atividade pedagógica e favorecer a aprendizagem dos alunos. Essa afirmação do autor não caminha em direção à fala da bolsista.

Florabela continua sua fala destacando a questão da preparação das aulas, visto que, enquanto aluna, não fazia a menor ideia de como acontecia:

*(Florbela) Aí tem a questão também de preparação de aulas que é uma coisa que enquanto aluna não fazia a menor ideia de como acontecia, do trabalho que dava para você elaborar uma aula.*

*(Florbela) Mas vê a relação entre professor e perceber essa elaboração de aula, de quando tem algum evento, a questão da burocracia que tem na elaboração de um evento que parece uma coisa simples que enquanto aluna a gente fica a uma besteirinha dessa, mas é diferente e é bom porque a gente percebe o trabalho que dá e a gente dá mais valor quando a gente percebe o trabalho. Então essas são as coisas mais chocantes assim.*

A relação entre Florbela e o professor supervisor no momento de elaboração das aulas e dos eventos a fez perceber questões que enquanto aluna da escola pública não imaginava o quanto o professor se dedicava para elaborar as atividades cotidianas da sala de aula. Recorremos às palavras de Bock (2007, p. 24) para dizer que “é na relação com o mundo material e social que se desenvolvem as possibilidades humanas”, assim, a relação constituída entre a bolsista e o professor tem favorecido o processo de apropriação de conhecimentos e oportunizado novas experiências para Florbela.

Mediante as falas destacadas neste indicador, ressaltamos a relevância que tem o PIBID-UERN para a constituição do futuro professor ao aproximá-lo da realidade de funcionamento da escola e do ensino público, realidade essa, às vezes contraditória ao que afirma os documentos oficiais que regem a educação de nosso país. Porém, reconhecemos que “a dimensão subjetiva do processo educacional traz para a reflexão a dimensão do sujeito, agente do processo educacional” (AGUIAR e BOCK, 2016, p. 56), uma vez que o sujeito é ativo, histórico e social e se constitui na relação com os outros.

O indicador – **PIBID-UERN laboratório vivo de experiências, ensino-aprendizagens e crescimento na formação inicial** discute as significações das bolsistas acerca das contribuições, experiências e aprendizagens oportunizadas pelo programa ao seu processo de constituição como futuras professoras de língua portuguesa.

A bolsista Isis começou sua atuação no PIBID-UERN no ano de 2016 e tem sido uma excelente experiência, uma vez que tem aproximado o campo teórico às atividades de ensino em sala aula e estabelecido o contato e o diálogo com os alunos da escola pública:

*(Isis) Estou atuando no PIBID desde 2016. Já está com dois semestres e o PIBID também é uma experiência maravilhosa porque ele permitiu que a gente tivesse o contato com a sala de aula. E não tivesse apenas aquela teoria porque a teoria ela é boa, mas, às vezes, ela não traz muita mudança em relação à prática, né? Ela não faz muito efeito.*

*(Isis) [...] o PIBID veio trazer essa oportunidade para mim ter realmente o contato com os alunos.*

*(Isis) E o programa vem proporcionar isso. O programa vem unir as escolas às universidades, vem unir os alunos com as escolas a ter o contato com os cidadãos das cidades.*

De acordo com o exposto por Isis, observamos que de fato o PIBID-UERN tem contribuído com a formação inicial de professores, promovendo a relação entre a educação superior e educação básica, articulando os aspectos teóricos às atividades de ensino, uma vez que os bolsistas estão em constante contato com as escolas da rede pública de educação que vem “proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar” (BRASIL 2013, p. 6).

As entrevistadas nos relatos seguintes destacam as contribuições do programa em relação à didática, socialização, aprendizagem e experiências vivenciadas em sala de aula com os outros sujeitos:

*(Florabela) Então, em relação à contribuição dentro da universidade tem em questão de didática [...] a gente consegue relacionar muito bem o que a gente vê em sala de aula dentro da educação com a experiência que a gente tem dentro do PIBID.*

*(Isis) [...] tem sido uma experiência incrível porque foi a partir desse contato com a sala de aula que eu passei também a socializar mais, porque era uma pessoa mais fechada, era uma pessoa tímida. Então o PIBID me proporcionou essa oportunidade de socializar mais com as outras pessoas, de realmente conviver com o outro, entender o que o outro pensa, entender o que o outro passa. Então o PIBID foi uma experiência maravilhosa.*

*(Isis) [...] eu já imaginava que o PIBID realmente iria proporcionar essa experiência maravilhosa que eu estou vivendo. Eu acreditava justamente nisso: que eu iria passar então agora a compreender quem era o outro, a entender realmente se eu queria realmente ser professor ou não porque o PIBID iria realmente me empurrar, me mostrar se aquilo era o que eu queria ou não.*

*(Isis) Contribuiu muito em relação ao conhecimento como eu falei quando eu entrei ainda não tinha muitas experiências e ainda estou aqui para aprender.*

*(Isis) O programa tem sido excelente! Muito bom mesmo porque proporciona aos alunos de licenciatura, proporcionando a cada um de nós a oportunidade de aprender e de crescer.*

É perceptível nas falas das bolsistas que o referido programa tem sido uma experiência significativa que tem contribuído expressivamente em questão didática, com os conhecimentos teóricos e práticos da sala de aula, com a socialização, convivência e experiências vivenciadas nas relações com outros sujeitos no espaço escolar. Entendemos, assim, que “a ação dos sujeitos implicados em um espaço social compartilha elementos de sentidos e significados gerados dentro desses espaços” (GONZÁLEZ REY 2003, p. 207), ou seja, as relações constituídas na dinâmica com outros sujeitos nos diversos espaços sociais são carregadas de significações subjetivas que atravessam o individual e social do sujeito.

Relacionando PIBID e estágio supervisionado, as bolsistas ressaltam que o programa tem sido um salto qualitativo por durar mais tempo que o estágio nos cursos de licenciatura e por estarem em constante movimento de produção:

*(Florbela) [...] É uma experiência que sinceramente fora de estágio é muito difícil você ter. (Isis) [...] então o PIBID é até melhor do que o estágio porque ele é bem mais tempo e você tem oportunidade de crescer porque você vai estar também produzindo todo tempo, ouvindo os relatos dos outros pibidianos e trazendo também para você aprender, e vai melhorando cada vez mais porque você precisa disso!*

Observamos nas falas de Isis e Florbela que o referido programa tem superado o estágio supervisionado, pois proporciona uma relação mais duradoura com os outros sujeitos na escola, e isto têm potencializado o desenvolvimento e crescimento das bolsistas dentro do contexto de sua formação inicial. Estas falas estabelecem relação ao que ressalta a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes (BRASIL, 2013, p. 28) acerca do programa, pois, “o Pibid se diferencia do estágio supervisionado por ser uma proposta extracurricular, com carga horária maior que a estabelecida pelo Conselho Nacional de Educação - CNE para o estágio e por acolher bolsistas desde o primeiro semestre letivo”. Assim, o PIBID-UERN tem fortalecido a formação nos cursos de licenciatura, uma vez que vem construindo e socializando experiências que tem redimensionado as estratégias de ensino-aprendizagem.

Quando questionamos acerca das discussões sobre o final do programa, as bolsistas ressaltaram que o PIBID tem contribuído para sua formação de maneira positiva e que se realmente chegasse a ser finalizado seria difícil substituí-lo em questão de aprendizagem em sala de aula:

*Quando (Florbela) [...] Gente, eu ainda estou sem querer pensar porque se acabar vai ser difícil colocar outra coisa aqui que substitua o PIBID nessa questão de aprendizagem em sala de aula da forma como a gente trabalha eu acho muito difícil. Eu acho que não tem como colocar outra coisa que substitua e que seja tão enriquecedor quanto. [...] Eu espero realmente que isso não aconteça. Espero que continue por bastante tempo.*

*(Isis) Então isso é muito importante para vida de cada um de nós, então acabar com o programa é acabar com as nossas experiências, é acabar com nosso conhecimento, é acabar com possibilidades, é acabar com os nossos ideais, é acabar com todas as possibilidades que o programa traz para que possamos crescer.*

*(Isis) Então eu acredito que não deveriam pensar nessa questão de querer acabar com o programa, mas pelo contrário fazer com que ele cresça mais e abra mais portas para que mais alunos possam também fazer parte do programa e que isso tem contribuído para a nossa vida de forma positiva, eu acredito que não deveria chegar ao fim.*

As falas apresentadas nos revelam as significações das bolsistas acerca da importância do PIBID-UERN para sua aprendizagem e apropriação dos conhecimentos produzidos em sala de aula. Nesse sentido, a finalização do programa cortaria as possibilidades de crescimento e desenvolvimento das futuras professoras, visto que o PIBID tem permitido aos bolsistas de iniciação à docência ampla convivência com professores em exercício, a

apropriação da dinâmica do ambiente escolar, das condições de trabalho e dos conhecimentos das atividades de ensino em sala de aula.

Portanto, mediante as falas apresentadas neste indicador, observamos o caráter de relevância que o PIBID-UERN tem constituído para a formação inicial das bolsistas, pois tem sido um laboratório vivo de experiências, ensino-aprendizagens e crescimento na formação das futuras professoras de língua portuguesa, uma vez que tem alargado “o diálogo e a interação entre licenciandos, coordenadores e supervisores, gerando um movimento dinâmico e virtuoso de formação recíproca e crescimento contínuo” (BRASIL, 2013, p.27). Por se tratar de um programa de bolsas que poderá ser finalizado, dependendo das políticas implementadas pelos governantes, caso sua finalização aconteça, muitos alunos das licenciaturas não chegarão a ter este contato ativo, vivo e transformador dentro do universo escolar.

O penúltimo indicador deste núcleo - **O PIBID como motivador para o estudo e pesquisa** é fruto do levantamento de pré-indicadores que discutem acerca da experiência de apresentação de artigo no terceiro salão do PIBID-UERN e o contato com os outros subprojetos no âmbito da UERN.

Isis e Florbela vivenciaram a primeira experiência de apresentação de trabalho juntas no terceiro salão do PIBID-UERN, que aconteceu em outubro de 2017 no *Campus Central-UERN* em Mossoró/RN:

*(Isis) Ah! Até então, a gente vai apresentar um trabalho num evento que vai haver em Mossoró. Eu não apresentei nenhum trabalho ainda, mas a gente está fazendo alguns momentos de discussão para discutir as experiências que a gente tem, as dificuldades e vamos começar agora apresentar trabalhos.[...] a gente está aí discutindo as dificuldades em grupos, criando resenhas e fazendo alguns relatórios sobre aquilo que a gente tá vivendo em sala de aula como: o caderno reflexivo que a gente tem e lá a gente escreve todas as coisas importantes que a gente convive em sala.*

*(Florbela) [...] foi à primeira vez que apresentei um trabalho relacionado ao PIBID. [...] mas foi uma experiência muito boa! Tive contato com outros projetos. Foi incrível!*

*(Isis) A experiência foi muito boa! Porém também causou muito nervosismo, pois como era o primeiro ainda não havia apresentado, é a gente não tinha ainda o conhecimento de como apresentar um trabalho em algum evento, mas assim foi muito bom e eu gostei bastante percebi que não era um bicho de sete cabeças, mas que era algo realmente bom para o nosso crescimento enquanto pibidianos.*

Para Isis e Florbela, a experiência de vivenciar a primeira apresentação de trabalho foi um momento de muito nervosismo, porém de muita significação e crescimento para sua constituição enquanto pibidianas, uma vez que, a partir desta experiência, tiveram contato com as atividades realizadas nos outros subprojetos do PIBID-UERN. Estas falas nos encaminham ao entendimento de que “as experiências concretas, de atividade dos homens,

implicam necessariamente a produção de ideias e representações sobre elas, as quais refletem sua vida real: ações e relações” (GONÇALVES, 2007, p.38). Assim, por meio da apresentação de artigos as bolsistas puderam participar, discutir, compartilhar e conhecer um pouco das experiências realizadas por outros sujeitos constituintes do programa.

De acordo com as falas das bolsistas, as experiências com outros sujeitos no evento do terceiro salão do PIBID-UERN trouxeram muitos pontos positivos, contribuições, experiências e aumentou o desejo de produção:

*(Isis) Contribuíu, no sentido que tivemos a primeira experiência, eu tive a primeira experiência de como apresentar um trabalho. Então contribuíu no sentido de que aumentou ainda mais o desejo de fazer mais trabalhos para poder levar e poder passar também as nossas experiências e poder passar o nosso conhecimento para as outras pessoas e também ouvir um pouco das experiências dos outros que estavam lá.*

*(Florabela) É muito bom você vê o que está acontecendo com outras turmas porque a gente não tem muita noção, pois fica muito afastado, mas é muito interessante o desenvolvimento das outras turmas. Eu fiquei encantada com os projetos. Eu fiquei meu Deus quero fazer isso da minha vida (risos). Quero fazer algum projeto parecido, alguma coisa assim se, lá. Foi muito bacana! [...] mas foi muito bom! Teve uma discussão muito interessante na hora da apresentação. Só teve pontos positivos*

*(Florabela) [...] é muito inspirador você vê os outros projetos. Vê que tem muita gente boa dentro do projeto com tanta ideia bacana, aí você fica com vontade de produzir mais, fica com vontade de fazer mais, de trazer alguma coisa relevante para dentro da escola e para dentro da vida do aluno. Eu não sei se os meus colegas tiveram essa mesma percepção, mas, nossa eu fiquei muito inspirada vendo os projetos das outras turmas. Foi bem bacana.*

Observamos nas falas das bolsistas que o PIBID-UERN tem se constituído como um elemento motivador para o estudo, pesquisa, discussão, socialização, compartilhamento das experiências e atividades desenvolvidas nos diferentes subprojetos pertencentes ao programa, uma vez que seus encontros têm potencializado e enriquecido o desejo de continuar produzindo.

Ao finalizar este indicador, percebemos que o PIBID no âmbito da UERN tem apresentado perspectiva exitosa à formação inicial das bolsistas, visto que vem lhes possibilitando estreitarem suas relações por meio do compartilhamento das experiências vivenciadas nos subprojetos, além de ser um instrumento motivador para o desenvolvimento de atividades de estudos e pesquisas na instituição de ensino da qual são bolsistas.

O último indicador deste núcleo - **Compartilhamento<sup>30</sup> das vivências e estudos nas reuniões de formação** é constituído por pré-indicadores que discutem sucintamente acerca da

---

30 Esta questão foi enfatizada apenas por Florabela, porém, consideramos relevante abordá-la, uma vez que trata do diálogo e relações com os outros bolsistas do subprojeto PIBID/LETRAS/CAP-UERN.

importância das reuniões do PIBID/LETRAS/CAP-UERN para o compartilhamento das vivências e experiências entre os bolsistas.

As reuniões de formação, nomeada por Florbela aos encontros do grupo PIBID/LETRAS/CAP-UERN, são realizadas pela coordenadora de área com todos os bolsistas do subprojeto. Esse momento é destinado para compartilhar as vivências e experiências dentro do programa e estudar propostas de atividades e materiais para serem utilizados em sala de aula, o que, segundo a bolsista, ajuda significativamente na realização das atividades:

*(Florbela) Isso! Assim, a gente tem reuniões de formações, eu não sei eu não sei exatamente de quanto em quanto tempo, mas a gente sempre tem uma reuniãozinha de formação para a gente se juntar, compartilhar vivências que a gente está tendo do programa. [...] essas reuniões de formações que é justamente para a gente estudar métodos e propostas de atividades para dentro do programa. Eu acho maravilhoso é incrível e ajuda de um jeito que a gente não tem noção do que precisa, mas é uma ajuda incrível.*

*(Florbela) [...] as reuniões de formação é bacana porque você sabe o que os outros grupos estão fazendo, você divide as experiências, você pode pegar referências para sua atuação dentro da sala de aula também. Então é bem interessante!*

*(Florbela) [...] Eu acho que eu já tinha comentado na outra entrevista, é uma assistência muito grande, essa reunião de formação porque é um material que normalmente a gente não tem.*

Compreendemos a partir das falas de Florbela que as relações sociais são primordiais à constituição do homem, uma vez que “ele só se constitui como homem por meio das relações que estabelece com os outros homens” (SAVIANI, 2004, p. 46). Assim, as reuniões de formação têm se constituído como um momento importante de relações entre os bolsistas do PIBID e a coordenação de área, visto que estudam, discutem, compartilham e dividem as experiências das atividades realizadas na escola e em sala de aula. Desse modo, é nas/pelas relações com os outros e com a cultura que o homem se constitui, modifica e significa a realidade objetiva.

As próximas falas no conduzem a compreender que a fala é “construída na relação com a história e a cultura e expressa pelo sujeito, corresponde à maneira como este é capaz de expressar/codificar, neste momento específico, as vivências que se processam em sua subjetividade” (AGUIAR, 2007, p.131). Dessa forma, para as bolsistas, as reuniões de formação constituem o momento exclusivo de estudo, discussões e questionamentos sobre a realidade vivenciada:

*(Florbela) Então, a gente sempre tem essa reunião, onde é entregue um material, e a gente ler e estuda esse material e quando a gente vai para reunião de formação a gente discuti*

*esse material e relaciona o material que a gente estudou com as vivências que a gente tem, já trazendo propostas novas. Então é bem bacana!*  
(Florabela) *Tem outra questão nas reuniões de formação também que ela também exige que estejamos presente sempre, que a gente leia o conteúdo, que a gente discuta, tem as resenhas porque ela quer que a gente tenha muita leitura, por que somos alunos de letras então ela quer que a gente tenha muita leitura infanto-juvenil para poder trazer para sala de aula, mas nas reuniões ela sempre pergunta como está indo dentro da sala de aula, ela está sempre questionando se está tendo algum problema, alguma dificuldade.*

As falas apresentadas nos encaminham ao entendimento de que a relação entre o estudo do material disponibilizado por Maria<sup>31</sup> nas reuniões de formações com o que está se vivenciando nas atividades cotidianas de sala de aula é primordial para o movimento de mudança e aprimoramento das atividades realizadas pelas bolsistas na escola, pois, essa articulação permite às futuras professoras o contato mais ativo no ambiente escolar e a apropriação dos conhecimentos produzidos pelos diversos sujeitos que fazem parte da instituição.

As análises dos indicadores que compuseram este último núcleo de significação nos aproximaram dos significados e sentidos das bolsistas de iniciação à docência acerca de suas vivências no PIBID-UERN, seu processo de formação, as lacunas e distanciamento entre o campo teórico e as atividades de ensino nas escolas, as experiências e aprendizagens construídas por meio da relação PIBID e escola, a motivação para o estudo e para a pesquisa, o compartilhamento das vivências com os colegas, professores supervisores e coordenação de área. Assim, os depoimentos de Isis e Florbela são falas com significado que apontaram a dialética da objetividade e subjetividade presentes em suas constituições enquanto humanas e concretas, constituídas por um circuito de relações sociais, culturais e históricas da qual fazem parte.

---

31 Nome fictício, dado a coordenadora de área do PIBID/LETRAS/CAP-UERN.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, na verdade não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes (FREIRE, 2000).

Como afirma a epígrafe acima, como sujeitos constituintes e constitutivos do social, devemos usar as possibilidades de mudanças para contribuir com a transformação da realidade da qual fazemos parte, pois não estamos inseridos no social apenas para nos adaptarmos ao que está posto pela sociedade, visto que somos sujeitos ativos, críticos e criativos com a capacidade humana de modificar a realidade de acordo com nossas necessidades.

Assim, no constante movimento de ir e vir, dos encontros e desencontros, chegamos ao momento de delinear as nossas considerações finais acerca da pesquisa na qual objetivamos **apreender os significados e sentidos constituídos por bolsistas de iniciação à docência acerca de sua vivência no PIBID-UERN.**

Salientamos que o apoio dos estudos teórico-metodológico da Psicologia Sócio-Histórica de Vigotski e colaboradores, que tem como base o Materialismo Histórico-Dialético e as categorias de análise, historicidade, mediação, atividade, pensamento e linguagem, significados e sentidos, nos ajudou a superar a visão dicotômica de homem descolado do social, nos encaminhando para a compreensão de que os sujeitos não são apenas constituídos biologicamente, mas também socialmente e que apresentam uma subjetividade constituída na apropriação das produções sociais, históricas e culturais do seu gênero. Assim, não podemos pensar a realidade social, econômica e cultural como algo externo ao homem, visto que o mundo social e o psicológico se constituem na dialética e no movimento e transformação.

Para tanto, no processo de análise e interpretação das informações os três princípios propostos por Vigotski (2007) e a proposta dos núcleos de significação de Aguiar e Ozella (2013) e Aguiar, Soares e Machado (2015), se mostraram eficientes para nos aproximarmos das significações das duas bolsistas de iniciação à docência.

Desse modo, ao discutir o primeiro núcleo de significação “Mediações Sociais e Históricas: elementos que constitui o sujeito” podemos refletir acerca da importância da família, do contexto social e educacional no qual as bolsistas de iniciação à docência estão inseridas. As falas nos revelaram a historicidade e singularidade de cada bolsista e suas

significações acerca de seu processo de constituição humana e profissional que mediadas nas e pelas relações sociais que estabelece com o meio, com os outros e com a cultura se constituem dialeticamente. Este núcleo também nos possibilitou compreender que Isis e Florbela são seres em constante movimento de mudanças, constituição e que não podemos compreendê-las como um fenômeno disperso da realidade social e histórica na qual estão inseridas em seu processo de desenvolvimento.

No segundo núcleo de significação “Mediações e aprendizagens constituídas na relação PIBID e escola”, caminhamos em direção à compreensão das significações de Isis e Florbela acerca das atividades desenvolvidas como bolsistas de iniciação à docência na escola pública na cidade de Patu/RN, suas dificuldades e preocupações ao realizar suas primeiras atividades em sala de aula e em não saberem dialogar com a realidade dos alunos, as orientações dos professores supervisores para a melhoria das atividades realizadas com os discentes, os relacionamentos e as expectativas geradas nas atividades a serem desenvolvidas, o planejamento junto aos professores supervisores e a preocupação com a produção dos alunos, a coordenação do PIBID/LETRAS/CAP-UERN o acompanhamento, o registro das atividades desenvolvidas dentro do programa, a responsabilidade e o zelo com as atividades realizadas pelas bolsistas nas escolas, a rotatividade semestral e o curto tempo para o desenvolvimento das atividades planejadas, o movimento de reflexão e o desejo de mudança, o equilíbrio entre o estudo, PIBID e o trabalho realidade de muitos jovens universitários que enfrentam a rotina diária de conciliar o estudo e o trabalho para suprir a renda familiar e custear os gastos cotidianos com o curso superior.

A partir das falas das bolsistas observamos que o processo de ensino-aprendizagem dos alunos melhorou significativamente após a entrada das bolsistas na turma, isso nos revela a relevância do PIBID tanto em contribuição aos alunos, à escola e como também para a vivência das bolsistas e suas constituições como futuras professoras. As categorias atividade, mediação, pensamento e linguagem, significados e sentidos estiveram presentes em todo o processo de interpretação, uma vez que as bolsistas estavam em contínuo movimento de constituição e mudanças nas atividades realizadas em sala de aula, como também em constantes relações com outros sujeitos na escola.

No terceiro e último núcleo de significação “Significações produzidas a partir da vivência no PIBID-UERN” a discussão se aproxima fortemente de nosso objetivo de **apreender os significados e sentidos constituídos por bolsistas de iniciação à docência acerca de sua vivência no PIBID-UERN**, visto que, por meio deste núcleo observamos a importância do programa para o processo de formação inicial de Isis e Florbela, as lacunas e

distanciamento entre o campo teórico e as atividades de ensino na escola pública, as experiências e aprendizagens construídas nas relações sociais, à motivação para o estudo e para a pesquisa, o compartilhamento das vivências com os colegas e professores da instituição escolar.

Destacamos neste núcleo alguns pontos relevantes nas falas dos sujeitos. O primeiro ponto é que as significações produzidas por Isis e Florbela acerca de suas vivências no PIBID-UERN não é apenas a aproximação da teoria com as atividades vivenciadas em sala de aula e das experiências adquiridas, mas essas significações atravessam também a objetividade material de manter-se na faculdade por meio da bolsa que custeia a compra de livros para estudo pelas bolsistas de iniciação à docência. O segundo ponto é que a realidade do ensino nos cursos de licenciatura não tem aproximado efetivamente o campo teórico ao prático. O terceiro ponto, observado nas falas de Isis e Florbela é que o referido programa tem superado o estágio supervisionado, pois proporciona uma relação mais duradoura com todos os sujeitos na escola pública, isto tem potencializado o desenvolvimento e crescimento das bolsistas dentro do contexto de sua formação inicial.

Mediante os pontos apresentados acima, é necessário compreendemos que pensar a formação inicial de professores no Brasil é perceber que longos caminhos temos a percorrer, inúmeras dificuldades e desafios a vencer para que possamos de fato ter uma formação dialogada com as necessidades formativas dos discentes, ou seja, uma formação crítica e comprometida com o humano e suas necessidades objetivas e subjetivas. Nessa perspectiva, ressaltamos o caráter de relevância que o PIBID-UERN tem constituído para a formação inicial das bolsistas, uma vez que tem sido um laboratório vivo de experiências, ensino-aprendizagens, estudos, pesquisas e crescimento na formação das futuras professoras de língua portuguesa. Assim, as falas de Isis e Florbela, são falas com significados e sentidos que apontam a dialética de suas constituições humanas num circuito de relações sociais, culturais e históricas.

Dessa maneira, acreditamos que o PIBID, no âmbito da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, tem se constituído como uma política educacional exitosa e comprometida com a formação de professores, visto que tem introduzido acadêmicos dos cursos de licenciatura nas escolas de educação básica, oportunizando experiências e vivências aos futuros professores, através de propostas motivadoras e diferenciadas para o ensino, buscado superar as dificuldades impostas pelo ensino público.

Evidenciamos o caráter de importância dos estudos e discussões no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Subjetividade – GEPES/ UERN para a concretização desta

pesquisa de mestrado, como também das disciplinas cursadas durante esses dois anos, disciplinas essas ministradas por professores (as) efetivos (as) do Programa de Pós-Graduação em Educação- POSEDUC vinculados ao GEPES.

Ressaltamos que esta pesquisa faz parte dos resultados de uma rede de cooperação acadêmica no âmbito do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica - PROCAD, cujo tema é **Tecendo redes de colaboração no ensino e na pesquisa em educação: um estudo sobre a dimensão subjetiva da realidade escolar**, realizados pelas universidades: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; Universidade Federal de Alagoas – UFAL e Universidade Federal do Piauí – UFPI. Sublinhamos a relevância dos encontros (Missões) e discussões realizados pelo PROCAD para a construção deste trabalho dissertativo e para a constituição humana da pesquisadora.

Tendo em vista as discussões apresentadas no decorrer deste trabalho dissertativo, acreditamos que esta pesquisa venha somar e contribuir significativamente para as discussões acerca da formação inicial docente e PIBID, uma vez que estes temas se constituem como relevantes ao atual contexto de formação dos futuros professores, não somente da licenciatura em língua portuguesa, mas também de outros cursos de licenciaturas.

Portanto, entendemos que não há esgotamento do trabalho investigativo ao término desta pesquisa de mestrado, o que significa dizermos que, embora tenhamos encontrado algumas respostas para o que pesquisamos, a saber - os significados e sentidos constituídos por bolsistas de iniciação à docência acerca de sua vivência no PIBID-UERN, não chegamos ao final da discussão, mas ao início de novas possibilidades de investigação para nós e para aqueles que tenham interesse em estudar a temática investigada.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria J. A Pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: contribuições para o debate metodológico. *In*: BOCK, Ana Mercês B., GONÇALVES, Maria da Graça M. e FURTADO, Odair (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001a.

AGUIAR, Wanda Maria J. Consciência e Atividade: categorias fundamentais da Psicologia sócio-histórica. *In*: BOCK, Ana Mercês B., GONÇALVES, Maria da Graça M. e FURTADO, Odair (Orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001b.

AGUIAR, Wanda Maria J. A Pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: contribuições para o debate metodológico. *In*: BOCK, Ana Mercês B., GONÇALVES, Maria da Graça M. e FURTADO, Odair (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

AGUIAR, Wanda M. Junqueira. *et al.* Reflexões sobre sentido e significado. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça M. **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009.

AGUIAR, Wanda Maria J; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan/abr 2013.

AGUIAR, Wanda M. Junqueira. SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de Significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 155, p. 56-75, jan./jun. 2015.

AGUIAR, Wanda Maria J. BOCK, Ana Mercês B. A dimensão subjetiva: um recurso teórico para a Psicologia da Educação. *In*: AGUIAR, Wanda Maria J e BOCK, Ana Mercês B. **A Dimensão Subjetiva do Processo Educacional**. São Paulo: Cortez, 2016.

ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri; NUNES. Marina M. R; TARTUCE, Gisela Lobo B. P. Almeida. Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 445-477, maio/ago. 2010.

BARBOSA, Silvia Maria Costa. **Atividade do Professor em Sala de Aula: uma Análise das estratégias de ensino a partir da Psicologia Sócio-Histórica**. 2011. 225 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo, 2011.

BARBOSA, Silvia Maria Costa; GOIS, Francisca Lacerda de; MARQUES, Antônia Batista. Teoria Sócio-Histórica: a contribuição de Vigotski para a educação. *In*: SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; SIMÃO Martins (orgs.). **Ensino Médio: políticas educacionais diversidades, contextos locais**. Fortaleza, CE. Eduece, Imprece, 2017.

BATISTA, Maria do Socorro. et al. O Espaço Escolar e o PIBID: experiências que se articulam na formação docente. *In*: CARVALHO, Ana Maria de. et al. **Concepções e Práticas de Formação de Professores: a experiência do PIBID UERN**. Mossoró: Edições UERN, 2014. p. 25-37.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI)**, 2000. Disponível em: <[www.portaldatransparencia.gov.br/aprendaMais/documentos/curso\\_PETI](http://www.portaldatransparencia.gov.br/aprendaMais/documentos/curso_PETI)>.. Acesso em: 19 set. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Mais Educação**, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>>. Acesso em: 19 set. 2016.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. **Portaria nº 096**, de 18 de julho de 2013.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: **Diário Oficial da União**, seção 1, 23 dez. 1996, p. 27833.

BOCK, Ana Mercês B. **Aventuras do Barão de Munchausen na Psicologia**. São Paulo: Educ, Cortez, 1999.

BOCK, Ana Mercês B. A Psicologia sócio histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. *In*: BOCK, Ana Mercês B.; GONÇALVES, Maria da Graça M.; FURTADO, Odair. (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 21-46.

BOCK, Sílvio Duarte. **Orientação profissional**. A abordagem sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2002.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Direito à Educação: Direito à Igualdade, Direito à Diferença. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 245-262, jul. 2002.

DUARTE, Newton. **A individualidade para si**: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas, SP: Autores Associados, 1993.

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

ESTEVE, José M. Mudanças Sociais e Função Docente. *In*: NÓVOA, Antônio (org.). **Profissão Professor**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 1999, p. 95-124.

FURTADO, Odair. O psiquismo e a subjetividade social. *In*: BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES, M. Graça M.; FURTADO, Odair. (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 75-93.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *In* Revista **Educação & Sociedade**, v. 31, n. 113, Campinas, out./dez. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302010000400016&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302010000400016&lang=pt)>. Acesso em: 15 nov.-2016.

GATTI, Bernadete Angelina. et al. **Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid).** São Paulo: FCC/SEP, 2014. Disponível em <[http://www.fcc.org.br/biblioteca/publicacoes/textos\\_fcc/arquivos/41/arquivoAnexado.pdf](http://www.fcc.org.br/biblioteca/publicacoes/textos_fcc/arquivos/41/arquivoAnexado.pdf)> Acesso em: 23 jan. 2017.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil:** impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009. 294 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf>> Acesso em: dez. 2014.

GEHRING, Fernanda Maria Muller. **Formação inicial de professores de Língua Portuguesa:** retratos e reflexos do PIBID. 2016. 227 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE, Cascavel, 2016.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. *In:* BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES; M Graça M. FURTADO, Odair (orgs.). **Psicologia Socio-Histórica:** uma perspectiva crítica em psicologia. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; BOCK, Ana M. Bahia. A dimensão subjetiva dos fenômenos sociais. *In:* BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES; M Graça M. (orgs.). A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2009.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. **Psicologia, subjetividade e políticas públicas.** São Paulo: Cortez, 2010.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. Fundamentos Metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica. *In* BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES; M Graça M. FURTADO, Odair (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica:** Uma perspectiva crítica em Psicologia. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Sujeito e subjetividade:** uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. . **A atividade, consciência y personalidade**. Buenos Aires: Ciências del Hombre, 1978a.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. Sobre o desenvolvimento histórico da consciência. *In*: \_\_\_\_\_. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, p. 89-142, 1978b.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Nova Horizonte, 1987.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. Uma contribuição para o desenvolvimento da psique infantil. *In*: VIGOTSKI, Lev S.; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2006.

LIBANEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério. Série Formação do Professor).

LIBÂNIO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & Sociedade**, ano XX, n. 68, dez. 1999, p. 239-277. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a13v2068.pdf>> Acesso em: nov. 2016.

LONGAREZI, Andréa Maturano; FRANCO, Patrícia Lopes Jorge. A.N. Leontieva: vida e obra do psicólogo da atividade. *In*: LONGARERI, Andréa Maturano; PUENTES, Roberto Valdés. **Vida, pensamento e obra dos principais representantes russos**. Ensino desenvolvimental: 2. ed. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.

LUKÁCS, György. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARTINS, Josefa Christiane Mendes; PEREIRA, Crígina Cibelle. Formação docente no PIBID/UERN: contribuições para o ensino da língua portuguesa. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 04, n. 02, p. 132–144, jul/dez 2015. Disponível em:  
<<http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/search/results>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MORAIS, Erivania Melo de. **Representação social e docência**: um estudo sobre a formação de licenciandos da UFRN (Campus Central) a partir do programa institucional de bolsa de iniciação a docência (PIBID). 2017. 221 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN Natal.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2004.

MURTA, Agnes Maria Gomes. **Da atividade prescrita ao real da atividade: análise da atividade docente em uma escola regular, sob a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica e da Clínica da Atividade**. 2008. 233 f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – PUC, São Paulo, 2008.

NÓVOA, Antônio (org.). **Profissão Professor**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 1999.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. Aspectos lógico-epistemológicos da relação indivíduo-sociedade-genericidade no trabalho educativo. **Educação**. Maceió, ano 10, p. 11-31, dez. 2002.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. Fundamentos filosóficos marxistas da obra vigotskiana: a questão da categoria de atividade e algumas implicações para o trabalho educativo. *In*: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; MILLER, Stela. (orgs.). **Vigotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas**. 2. ed. revisada. Araraquara, SP. Junqueira & Marin; Marília, SP: Cultura Acadêmica, 2010.

OLIVEIRA, Maximiliano Colper Soares de. **Sentidos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID na formação de professores: um estudo com egressos da Universidade Federal de São João Del-Rei**. São João Del-Rei-MG, 2012. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São João Del-Rei.

PIMENTA, Selma Garrido. **Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SAVIANI, Dermeval. Perspectiva Marxiana do Problema Subjetividade-Intersubjetividade. *In*: DUARTE, Newton (org.). **Crítica ao Fetichismo da Individualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério 2º grau. Série formação geral).

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho D'água, 2005.

SOARES, Júlio Ribeiro. **Atividade Docente e Subjetividade: sentidos e significados constituídos pelos professores acerca da participação dos alunos em atividades de sala de aula**. 2011. 326 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo, 2011.

SOARES, Júlio Ribeiro Soares; BARBOSA, Sílvia Maria Costa. O movimento do sujeito na pesquisa qualitativa de autoconfrontação simples e cruzada. *In* ALVES–Mazzotti; FUMES, Neiza de Lourdes F.; AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de (org.). **Estudos sobre a atividade docente: aspectos teóricos e metodológicos em questão**. São Paulo: EDUC; EDUFAL, 2010.

SOLÉ, Izabel. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SZYMANSKI, Heloísa. **Entrevista reflexiva**: um olhar psicológico para a entrevista em educação. Mimeo, 2011.

TOSTA, Tania Ludmila Dias. A participação de estudantes universitários no trabalho produtivo e reprodutivo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 165, p. 896-910, jul./set. 2017.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN. **A História do Campus Avançado de Patu**. Disponível em: <<http://patu.uern.br/default.asp?item=patu-apresentacao>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertad, 1995.

VYGOTSKY, Lev S. **Concrete Human Psychology**. Soviet Psychology, 1989, XXII, vol. 2, p. 53-77.

VIGOTSKI, Lev S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev S. **O desenvolvimento Psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido



Governo do Estado do Rio Grande do Norte  
 UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE / DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEUDUC  
 Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva.  
 CEP: 59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN Tel: (84) 3314-3452 – FAX: (84)  
 3314-3452

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, Bolsista de Iniciação à Docência, de Língua Portuguesa, do Campus Avançado de Patu/RN, afirmo que:

- 1) Fui convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada de “Vivência no PIBID-UERN: significações constituídas por bolsistas de iniciação a docência”, realizado por Francisca Verônica Pereira Moreira, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvia Maria Costa Barbosa no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN, cujo objetivo geral consiste em Apreender os significados e sentidos constituídos por bolsistas de iniciação a docência acerca de sua vivência no PIBID-UERN;
- 2) O projeto de pesquisa foi apresentado a mim bolsista de iniciação á docência e, além do objetivo geral, seus procedimentos metodológicos foram devidamente esclarecidos;
- 3) Foi garantido a mim o livre acesso a todos os dados produzidos por meio dos procedimentos metodológicos utilizados na realização do citado trabalho de pesquisa, assim como terei direito ao esclarecimento acerca das informações das quais eu possa ter dúvidas com relação ao meu envolvimento nesse processo;
- 4) Além de estar ciente de todo o processo metodológico da pesquisa e de sua publicação, sei também que serão resguardados todos os dados referentes à minha privacidade, de modo que jamais o pesquisador criará meios que possibilitem a minha identificação nesse trabalho. Tudo aquilo o que diz respeito à minha identidade sei que será mantido sob sigilo;
- 5) Caso decida por não mais participar dessa pesquisa, poderei retirar-me dela a qualquer momento sem que isso signifique nenhum tipo de prejuízo para mim. Não há, inclusive, necessidade de justificar tal desistência.

Ciente de que o referido projeto não apresenta nenhuma perspectiva de desconforto ou risco à minha participação no seu desenvolvimento, **ACEITO, DE FORMA LIVRE E ESCLARECIDA**, participar dessa pesquisa com o intuito de contribuir com a sua realização naquilo o que me couber como bolsista de iniciação a docência.

Patu / RN, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Sujeito Participante da Pesquisa

## APÊNDICE B

### TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REFLEXIVA- Isis

**1ª entrevista**

DATA: 11 de outubro de 2017

HORÁRIO: 18h54min às 19h07min

LOCAL: Residência da Pibidiana Isis.

**PESQUISADORA:** Boa noite, Isis, meu nome é Verônica sou aluna do Mestrado em Educação, da linha de Pesquisa Formação Humana e Desenvolvimento Profissional. O título da minha pesquisa é Vivência no PIBID-UERN: Significações constituídas por bolsistas de iniciação à docência. O meu objetivo de pesquisa é apreender os significados e sentidos constituídos por um bolsista de iniciação à docência acerca de sua vivência no PIBID-UERN, tenho como instrumento de pesquisa para a produção das informações a entrevista reflexiva, que é uma entrevista que permite ao pesquisador o movimento de ida e volta para esclarecer e aprofundar questões, e alguns pontos que não foram esclarecidos e aprofundados no primeiro encontro, e diante desse instrumento de pesquisa eu estabeleci alguns critérios para a escolha do sujeito participante da pesquisa, que deve ser bolsista do PIBID, já está atuando há pelo menos um semestre como Pibidiano; demonstrar interesse em participar da pesquisa, e se disponibilizar a participar da pesquisa.

**PESQUISADORA:** Gostaria de saber seu nome, sua idade, naturalidade e nacionalidade também.

**ENTREVISTADA:** Meu nome é Isis. Eu tenho 21 anos. Eu nasci em Olho D'água dos Borges. Daqui do RN mesmo. (risos)

**PESQUISADORA:** Está cursando Letras?

**ENTREVISTADA:** Isso! Desde 2016.

**PESQUISADORA:** Gostaria de esclarecer que todas as informações dadas aqui nesta gravação serão de acesso exclusivo meu e de minha orientadora, e seu, claro! Caso você queira. Será utilizado um nome fictício para você com a finalidade de preservar sua identidade. Ao final da entrevista eu irei encaminhar uma cópia do áudio bem como a sua transcrição e você terá acesso a todas as informações.

**PESQUISADORA:** Fale um pouco sobre os seus dados pessoais e vida estudantil

**ENTREVISTADA:** Parou um pouco e pensou, precisa dizer idade também novamente?

**ENTREVISTADORA:** Não, você já disse.

**ENTREVISTADA:** (sorrindo), está bem. É para dizer desde a questão da educação?

**ENTREVISTADORA:** Sim.

**ENTREVISTADA:** Sim, minha infância em relação a essas questões da educação ela foi muito boa. É assim, eu sempre morei com meus pais, morei em Mossoró um tempo. Estudei em Mossoró e estudei em Olho D'água dos Borges quando eu voltei a morar em Olho D'Água dos Borges. Em relação à questão da escola eu sempre fui uma boa aluna, segundo os meus pais. Aprendi a ler nova. Eles às vezes me ajudavam muito em casa na questão das atividades e aos exercícios que passavam. É, tive que repetir um ano. Não porque fiquei reprovada, mas foi porque não havia vagas mais na escola, então tive que repetir a segunda série. Então assim, quando eu era menor eu sempre gostei muito de ler e de escrever, né? Eu pensava em me formar em outra coisa, só que aí quando eu comecei a estudar mais, quando cheguei ao ensino fundamental e ensino médio fui gostando mais

ainda de leitura e de escrita e fui também é, desvalorizando a profissão de professor que é o que eu vou ser realmente daqui uns anos. Então eu desvalorizada essa profissão, queria ser Veterinária ou Psicóloga; procurava outras áreas. Só que aí quando eu fui fazendo alguns ENEMs e alguns Vestibulares eu não passei para o que eu queria. Só depois eu coloquei em Letras e não sabia que estava na lista de espera, não imaginava que eu estava na lista de espera. E recebi o resultado que tinha passado eu e meu esposo. Então aí eu fiquei feliz porque era eu era a oportunidade que tinha, já tinha feito alguns ENEMs e Vestibulares não tinha conseguido entrar. Então eu fui. Era tudo ou nada. Entrei... Pensava será que vou ser realmente professora? Será que eu vou gostar do curso? Então aí comecei a me encontrar no curso. No primeiro período já, quando eu vi literatura, me apaixonei logo, porque já ia de acordo com que eu pensava, como o que eu gostava que era de escrever e ler, né? E a partir da literatura foi como eu comecei a amar mais ainda o curso. Hoje eu estou no quarto período de Letras de Língua Portuguesa. É, e Trabalho no PIBID. Estou atuando no PIBID desde 2016. Já está com dois semestres e o PIBID também foi uma experiência maravilhosa porque ele permitiu que a gente tivesse o contato com a sala de aula. E não tivesse apenas aquela teoria porque a teoria ela é boa, mas, às vezes, ela não, não traz muita mudança em relação à prática, né? Ela não faz muito efeito. Só que aí, o PIBID veio trazer essa oportunidade para mim para ter realmente o contato com os alunos. Me inscrevi e pensei que não fosse conseguir entrar, só que deu tudo certo, eu e meu esposo entramos também e começamos a atuar. Então nos primeiros momentos foi uma experiência muito boa, mas também, complicado porque ainda estava pegando o jeito e cometi alguns errinhos (risos) em sala de aula, mas, aí agora no segundo semestre Já comecei a melhorar justamente também pela ajuda dos nossos supervisores que foram nos orientando para que a gente pudesse melhorar e tem sido uma experiência incrível porque foi a partir desse contato com a sala de aula que eu passei também a socializar mais, porque era uma pessoa mais fechada, era a pessoa tímida. Então o PIBID me proporcionou essa oportunidade de socializar mais com as outras pessoas, de realmente conviver com o outro, entender o que o outro pensa, entender o que o outro passa. Então o PIBID foi uma experiência maravilhosa.

**PESQUISADORA:** Quais as expectativas antes de você entrar para o PIBID e atualmente?

**ENTREVISTADA:** As expectativas?

**PESQUISADORA:** Sim, se você tinha alguma expectativa sobre o funcionamento do programa? Se essas expectativas foram correspondidas realmente?

**ENTREVISTADA:** Sim, eu já imaginava que o PIBID realmente iria proporcionar essa experiência maravilhosa que eu estou vivendo. Eu acreditava justamente nisso: que eu iria passar então agora a compreender quem era o outro, a entender realmente se eu queria realmente ser professor ou não porque o PIBID iria realmente me empurrar, me mostrar se aquilo era o que eu queria ou não. Então ele atendeu a todas as minhas expectativas nesse sentido, porque eu consegui deixar de ser o que eu era: uma pessoa tímida e consegui entender realmente o que era estar em sala de aula. Entender o que era estar ali em contato com o outro. E assim, as experiências tudo foi realmente o que eu pensava que o PIBID ele vai proporcionar um crescimento de conhecimento para proporcionar todo esse aprendizado que vai servir para minha vida futura. E realmente proporcionou, principalmente através dos professores que estão com a gente.

**PESQUISADORA:** A vivência no programa tem contribuído para sua formação e para os estudos?

**ENTREVISTADA:** Ah! Até então, a gente vai apresentar um trabalho num evento que vai haver em Mossoró. Eu não tinha apresentado nenhum trabalho ainda, mas a gente está fazendo alguns momentos de discussão para discutir as experiências que a gente tem, as dificuldades e vamos começar agora apresentar trabalhos. Estamos montando ainda porque como eu entrei há pouco tempo ainda estou pegando experiência, né? Sou novata, mas a gente está aí discutindo as dificuldades em grupos, criando resenhas e fazendo alguns relatórios sobre aquilo que a gente tá vivendo em sala de aula como: o caderno reflexivo que a gente tem e lá a gente escreve todas as coisas importantes que a gente convive em sala.

**PESQUISADORA:** Como tem se constituído a sua relação com o professor supervisor?

**ENTREVISTADA:** Tem sido boa, né? A gente troca muitas experiências também, debate muito sobre o que acontece em sala de aula porque ele já conhece a realidade da sala, então ele passa para nós as melhores formas de trabalhar. E a gente vai dando algumas ideias novas e eles vão sempre concordando e auxiliando também essas ideias que a gente vem trazendo de renovação para a sala. E a relação é boa porque justamente ele compreende o que a gente quer e a gente compreende o que eles querem é para melhorar a educação desses alunos.

**PESQUISADORA:** Como é a relação e a vivência na escola com os alunos? Como você está realizando o trabalho na escola parceira do PIBID?

**ENTREVISTADA:** Pronto! Com os alunos está sendo muito bom mesmo. A gente está... eles estão correspondendo às nossas expectativas. Assim, a gente procura sempre levar uma atividade que chame a atenção deles, que sai de dentro da sala de aula e explore também a escola no todo como: a biblioteca e o pátio. Então, isso tem chamado a atenção deles e formado um vínculo entre nós, os pibidianos e eles. Eles sempre nos receberam bem, sempre apoiaram também as atividades, sempre gostaram e participaram bem. Então, estão apresentando alguns resultados. E de acordo com que a gente quer e o que a gente pensa.

**PESQUISADORA:** Quando você escolheu entrar no curso de letras, teve algum professor que te motivou? Foi motivada por alguém?

**ENTREVISTADA:** Não! Assim como eu havia dito, né? Eu não queria ser professora. (risos) Então algumas pessoas comentavam: -“Olha o curso de Letras é muito bom”; - “você ‘devia’ fazer”; só que eu coloquei não porque alguém me incentivou, mas porque era a alternativa que tinha. A minha nota de corte só dava para entrar em Letras, então coloquei lá mesmo só para não ficar sem fazer nada porque todos da minha sala haviam conseguido. Eles entraram em um curso. Eu pensava: só eu que não vou entrar. Então vou botar em qualquer coisa. Mas coloquei em Letras e deu certo e não foi o que eu pensei, né? O curso não é chato. O curso não é besta. O curso é maravilhoso! E proporciona realmente experiências muito lindas, belas e que nos formam como ser humano. Como seres pensantes e que pensa também no outro.

**PESQUISADORA:** Como aconteceu a entrada no PIBID?

**ENTREVISTADA:** Pronto! O PIBID eu já havia já tinha ouvido falar sobre ele. Um amigo da gente comentava muito sobre o PIBID. E a gente tinha muita vontade de entrar nesse programa, justamente também para que a gente pudesse se sustentar na faculdade por causa do material, de livro que tinha que comprar, então como a gente havia mudado de cidade a gente morava em Olho D’água dos Borges, e viemos residir aqui em Messias Targino. Então a gente não poderia trabalhar. Eu e meu esposo não poderíamos trabalhar porque o curso é pela manhã. Então não teria como conseguir um emprego pela tarde ou pela noite, até porque esses horários serviriam para estudar. Então a nossa única chance era o PIBID. A gente se inscreveu e conseguiu passar, né? E além da bolsa ajudar em relação a essas questões materiais né? Ajudou também com as experiências.

**PESQUISADORA:** Agradeço pela sua participação e quando eu transcrever a entrevista e surgir algumas questões eu volto novamente para a gente conversar.

#### **APROFUNDAMENTO E ESCLARECIMENTO DA ENTREVISTA REFLEXIVA- Isis**

##### **2ª entrevista**

DATA: 04 de Dezembro de 2017

HORÁRIO: 17h50min às 18h 10min

LOCAL: Residência da Pibidiana Isis.

**PESQUISADORA-** Boa tarde, Isis. Nosso encontro hoje será para esclarecer e aprofundar algumas questões da nossa primeira entrevista reflexiva. Você deseja retirar alguma parte ou acrescentar alguma coisa que foi dito na primeira entrevista?

**ENTREVISTADA-** Sim, algumas coisas que na primeira entrevista eu estava um pouco nervosa e acabei repetindo algumas palavras, mas deixando também algumas coisas ocultas ou deixando algumas coisas para falar então preciso colocar também acrescentar essas coisas e retirar algumas que foram faladas no momento de nervosismo.

**PESQUISADORA-** Quais as partes que você gostaria de retirar e acrescentar?

**ENTREVISTADA -** Gostaria de retirar acho que as repetições mesmo das palavras. É isso mesmo só repetições das palavras e gostaria de acrescentar e esclarecer mais alguma coisa sobre as expectativas.

**PESQUISADORA -** Certo, fique à vontade.

**ENTREVISTADA-** Em relação às expectativas porque a princípio quando entrei na universidade muitos pibidianos comentavam sobre o programa e diziam ser algo muito bom que valeria a pena participar. Eu ainda não tinha conhecimento sobre o programa então as minhas expectativas era que eu iria adquirir mais conhecimento e iria poder unir a prática com a teoria e poderia também. É isso mesmo (risos). E também em relação se o que o programa iria realmente mostrar se eu queria seguir aquela profissão ou não porque até então eu acreditava que as coisas fossem algo muito fantasioso, só que quando eu entrei no programa eu percebi que realmente o programa traria conhecimento e trouxe conhecimento para minha vida e trouxe também o desejo de continuar com o curso e o desejo de me tornar realmente um profissional, um Professor, só que quando foi para partir da união da teoria com a prática eu percebi que às vezes as Universidades e as licenciaturas não preparam os alunos para atuarem nas escolas. Elas não desprezam a teoria tem a teoria que é algo muito importante porque sem a teoria não tem como você separar ela da prática, só que muita das vezes aquela teoria quando você pega ela e vai usar em sala de aula é diferente porque cada um tem um contexto diferente, então as minhas expectativas caiu aí um pouquinho porque eu tive que passar por um desafio para poder tentar me encaixar e me enquadrar no contexto da escola porque a teoria que eu tinha serviu algumas coisas, mas a maioria das coisas a gente teve que se reinventar, teve que se adaptar à forma correta seria se adaptar aquele contexto, aquele aluno e que as coisas não era algo muito fantasioso eu digo no sentido assim que não é algo fácil, você precisa você tem uma responsabilidade você precisa saber trabalhar diante daquela turma, diante daquela sala, diante daquela instituição que tem as suas regras. Então não é algo fácil então é para quem realmente quer seguir a profissão porque você pode ter a melhor teoria do mundo, mas quando você parte para a prática é que você vai saber se você vai ser um bom Profissional ou não.

**PESQUISADORA-** Isis, você falou na primeira entrevista que o PIBID foi uma experiência muito boa, mas também complicada porque ainda estava pegando jeito e que cometeu alguns “errinhos”. Quais foram esses “errinhos” do qual você fala?

**ENTREVISTADA-** Em relação a esses errinhos foi algo bem pessoal porque eu percebi que no primeiro semestre como eu era novata e não sabia bem ainda como atuar em sala de aula então eu com minha colega a gente começou a trabalhar um conteúdo um projeto sobre literatura só que eu não pensei na realidade dos alunos a maioria dos alunos não tinham boas condições a maioria dos alunos eram atrasados. Então eu acredito que eu expus muito conteúdo para eles e eles não conseguiram captar bem porque quando partiu para as notas não foram muito boas e a gente teve que trabalhar outros exercícios com eles para que eles pudessem recuperar essas notas. Eu acredito que o meu erro foi esse, não pensar na realidade dos alunos.

**PESQUISADORA-** Você também falou que iria apresentar um trabalho em um evento do PIBID no *Campus* Central da UERN. Como foi essa experiência de apresentar um trabalho fruto de sua vivência no PIBID?

**ENTREVISTADA-** A experiência foi muito boa! Porém também causou muito nervosismo, pois como era o primeiro ainda não havia... é a gente não tinha ainda o conhecimento de como apresentar um trabalho em algum evento, mas assim foi muito bom e eu gostei bastante percebi que não era um bicho de sete cabeça, mas que era algo realmente bom para o nosso crescimento enquanto pibidianos.

**PESQUISADORA-** Sobre o que foi sua apresentação?

**ENTREVISTADA-** Foi sobre o uso das tics na EJA e as possibilidades e desafios. É sobre as tecnologias que nós utilizamos em sala de aula para facilitar o conhecimento aprendizagem dos alunos como uso do Whatsapp, Twitter e o uso do E-mail para mandar conteúdo para eles tendo em vista que os alunos hoje estão conectados à internet o tempo todo então isso foi uma forma que a gente utilizou para trabalhar em sala de aula com eles para facilitar.

**PESQUISADORA-** O evento contribuiu para sua formação e para sua vivência enquanto pibidiana?

**ENTREVISTADA-** Contribuiu, no sentido que tivemos a primeira experiência, eu tive a primeira experiência de como apresentar um trabalho. Então contribuiu no sentido de que aumentou ainda mais o desejo de fazer mais trabalhos para poder levar e poder passar também as nossas experiências e poder passar o nosso conhecimento para as outras pessoas e também ouvir um pouco das experiências dos outros que estavam lá.

**PESQUISADORA-** Você falou no nosso primeiro encontro sobre o caderno reflexivo. Esse caderno é aberto para você discutir suas vivências e experiências com os outros colegas ou é apenas para você anotar o que achou importante ou não?

**ENTREVISTADA-** Bom, o caderno relato de experiências é tanto para a gente relatar os nossos desafios, as nossas conquistas, anotar as nossas aulas, os nossos objetivos e também repartir com os outros pibidianos. A gente tem um momento de distribuir o caderno de mostrar para eles. Eles pegam o nosso caderno e eles leem as nossas experiências e os nossos desafios enfrentados em sala e nos dão conselhos. Cada um aconselha a si e ao outro para melhorar, como também as resenhas que nós fazemos todo tempo para estamos produzindo e compartilhando também com os outros pibidianos. Estamos tendo até o contato com os pibidianos também de matemática de pedagogia às vezes em relação às resenhas que nós estamos fazendo.

**PESQUISADORA-** Na primeira entrevista você falou acerca de vocês trazerem algumas ideias novas e que eles vão sempre concordamos e auxiliando também. Que ideias são essas que vocês trazem para a sala?

**ENTREVISTADA -** Pronto, a princípio como eu falei sobre a usar tecnologias foi uma ideia nova para eles porque como eles são alunos de EJA às vezes os professores se acomodam muito e passa realmente só aquilo que tá no livro e deixa muita coisa desejar. Então o que, que a gente fazia como a gente trabalhou produção textual com eles então a gente pegou crônica e conto, os gêneros textuais e trabalhava de acordo com as coisas que eles viam no cotidiano. Pegava as músicas que eles gostavam, futebol e temas que eles gostavam para tentar facilitar e fazer com que eles se atraem mais. Levávamos eles para fora da sala de aula porque eles passam um ano na sala e não tem uma aula diferente, então a gente tirava eles da sala levava para o pátio e para a biblioteca, fizemos até um trabalho com eles no dia do Halloween no dia das bruxas a gente trabalhou contos de terror com eles. Eles contaram as próprias histórias, os próprios contos que eles já tinham ouvido da família e os contos populares, então foi algo muito interessante e eles gostaram muito. Todo o trabalho que a gente fez com eles sobre produção textual eles sempre produzirão bem colocavam realmente coisas do cotidiano deles, então para facilitar a gente teve essa ideia de trabalhar de acordo com o cotidiano deles com que eles estavam vivendo de acordo com que eles gostavam para que pudesse facilitar.

**PESQUISADORA-** Os alunos gostavam dessas aulas diferentes?

**ENTREVISTADA-** Ah, com certeza quando a gente levou eles para o pátio que a gente fez uma produção de uma história oral e escrita eles amaram ficaram muito felizes. Pediram até para fazer novamente e ficar levando ele de vez enquanto para o pátio para fazer algumas atividades diferentes. Então eles construíram essa história oral e escrita, e podemos perceber até quem tinha uma dicção melhor que falava melhor quem tinha um certo conhecimento que também pode se desprender da sua timidez, então eles se desprenderam da timidez e conseguiram formular a história facilmente. Então foi muito boa à experiência e eles gostaram bastante.

**PESQUISADORA-** Fale acerca do trabalho que você desenvolve na escola, o planejamento, as atividades e os estudos.

**ENTREVISTADA-** Sobre o que a gente está trabalhando com eles foi exatamente o que eu falei que é a produção textual. A gente já está encerrando o semestre e estamos trabalhando com propaganda, mas a gente trabalhou com eles conto, crônica e tudo isso foi planejado com o nosso supervisor, a gente tirava mais ou menos um dia da semana especificamente as quintas-feiras para desenvolver esse trabalho. E como eu falei a gente ia tendo ideias. Pegava contos e crônicas de fácil compreensão e trabalhando sempre em cima da realidade deles. Então o projeto era muito bom, a gente trazia o conteúdo e apresentava para eles um texto para tentar descobrir que tipo de texto era aquele para depois trazer o conceito, trazer as definições para poder atrair mais atenção deles. Eles produziram bastante, produziram crônicas e vão produzir as propagandas. Eles desenvolveram muito também desde que a gente entrou, pois eles não tinham o hábito de escrever, eles não gostavam de escrever nada, nem falavam, só que aí eles passaram a escrever, passaram a falar mais, a se comunicar mais com a gente e os textos deles foram melhorando cada vez mais, e cada texto que eles iam fazendo ia melhorando.

**PESQUISADORA-** Você falou que os alunos têm correspondido às suas expectativas e que estão apresentando alguns resultados de acordo com o que vocês querem e pensam. Que resultados são esses?

**ENTREVISTADA-** Pronto, como eu falei em relação à escrita, eles melhoraram a escrita. Desde quando a gente entrou em um dos primeiros textos que eles produziram havia muitas repetições, repetições do eu, repetições do aí então a gente foi dando algumas dicas para eles e eles foram pegando essas dicas e melhorando os textos deles. Eles conseguiam na medida em que foi passando eles foram conseguindo colocar realmente o que eles pensavam. Alguns alunos que tinham dificuldade de leitura estão produzindo melhor os textos, estão se abrindo mais, estão se comunicando mais, conversando mais com a gente em sala de aula, estão dando agora suas opiniões, suas críticas porque no início eles eram muito calados e eles às vezes não respondiam as nossas perguntas, então eles estão correspondendo as nossas expectativas nesse sentido porque houve entre nós uma relação melhor entre eu e a minha colega uma relação maior. A gente conseguiu a confiança deles e eles passaram a se abrir mais e mostrar também as dificuldades dele.

**PESQUISADORA -** Como você avalia sua vivência no PIBID durante esse período?

**ENTREVISTADA-** Contribuiu muito em relação ao conhecimento como eu falei quando eu entrei ainda não tinha muitas experiências e ainda estou aqui para aprender. Faz um ano exatamente que eu estou no programa e para me avaliar acredito que ainda preciso melhorar muito porque como eu falei não é fácil você pegar uma realidade de uma escola e você está ali tentar colocar em prática e trabalhar com aqueles alunos que tem uma história diferenciada por que você precisa saber se adaptar você precisa saber controlar, você precisa saber o que vai levar para sala de aula porque às vezes você planeja uma coisa chega lá tudo muda você tem que ter um plano B. Então acredito que eu preciso melhorar e também acredito que eu melhorei em relação a quando eu entrei no começo porque eu comecei a olhar para a realidade dos alunos, comecei a trabalhar em cima do que eles viviam para facilitar e acredito também que preciso melhorar a cada vez mais.

**PESQUISADORA-** Como você avalia o programa?

**ENTREVISTADA** - O programa tem que sido excelente! Muito bom mesmo porque proporciona aos alunos de licenciatura, proporcionando a cada um de nós a oportunidade de aprender e de crescer, pois como eu falei não adianta você ter só a teoria, mas você necessita da prática para você entender realmente porque você sai da Universidade não praticou nada quando você se deparar com a sala de aula com alunos, cada um diferente e com o temperamento diferente então você precisa estar preparado, então o PIBID é até melhor do que o estágio porque ele é bem mais tempo e você tem oportunidade de crescer porque você vai estar também produzindo ainda todo tempo, ouvindo os relatos dos outros pibidianos e trazendo também para você aprender, e vai melhorando cada vez mais o porque você precisa disso! você precisa ter a prática, você precisa ir ao encontro da sala entender a realidade da escola e do sistema.

**PESQUISADORA** - O que você mudaria, sugeria ou acrescentaria para o programa?

**ENTREVISTADA**- O que eu realmente queria sugerir nesse momento é que o programa não acabasse e permanecesse, pois existem muitos alunos que precisam também ter o contato com esse programa que é de fundamental importância para eles também porque assim como eu tive oportunidade de entrar no programa o meu desejo é que muitos entrem. Em relação a aumentar a quantidade de alunos, deveriam aumentar a quantidade de chances e de oportunidade, pegar mais escolas e trabalhar em outras escolas da cidade também. Então eu não vejo defeitos no programa, claro pode melhorar. Pode melhorar, seria muito bom! E como eu falei dá oportunidade a muitos outros para estar nesse programa que até então o programa está bom, mas pode melhorar cada vez mais.

**PESQUISADORA**- Diante as discussões acerca do final do programa o que você tem a falar sobre essa questão?

**ENTREVISTADA**- É em relação ao final do programa como eu já havia falado e é o que a gente vem discutindo também nas nossas reuniões quando todos nós estamos reunidos, todos os pibidianos, a gente vem discutindo que o programa não deveria realmente chegar ao final e não deveria acabar, deveriam pensar no que ele está proporcionando a cada um de nós, no que ele tem feito na vida de muitos alunos, o que ele está realmente realizando porque sem o programa como é que nós vamos poder realmente unir aquela teoria que nós temos na universidade, como é que o aluno vai ter essa oportunidade de praticar e de realmente saber se é aquilo realmente que ele quer para sua vida. E o programa vem proporcionar isso. O programa vem unir as escolas e com as universidades vem unir os alunos com as escolas a ter o contato com os cidadãos das cidades. Então isso é muito importante para vida de cada um de nós, então acabar com o programa é acabar com as nossas experiências, é acabar com nosso conhecimento, é acabar com possibilidades, é acabar com os nossos ideais, é acabar com todas as possibilidades que o programa traz para que possamos crescer. Então eu acredito que não deveriam pensar nessa questão de querer acabar com programa, mas pelo contrário fazer com que ele cresça mais e abra mais portas para que mais alunos possam também fazer parte do programa e que isso tem contribuído para a nossa vida de forma positiva, eu acredito que não deveria chegar ao fim.

**PESQUISADORA**- Gostaria de agradecer pela disponibilidade em continuar participando de nossa pesquisa. Obrigada!

## APÊNDICE C

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REFLEXIVA- FLORBELA

**1ª entrevista**

DATA: 16 de Outubro de 2017

HORÁRIO: 7h 55min às 8h 30min

LOCAL: *Campus* Avançado de Patu, sala do curso de Ciências Contábeis.

**PESQUISADORA-** Bom dia Florbela, meu nome é Verónica. Sou aluna do Mestrado em Educação da UERN, da linha de Pesquisa Formação Humana e Desenvolvimento Profissional, gostaria de agradecer antecipadamente por ter aceito participar da entrevista.

**ENTREVISTADA-** Foi complicado! (risos).

**PESQUISADORA-** Um pouquinho, mas deu certo, (risos). Então, eu vou iniciar dizendo o título da pesquisa “Vivência no PIBID/UERN: significações constituídas por bolsistas de iniciação à docência”. O objetivo pesquisa é aprender os sentidos e significados constituídos por bolsista de iniciação à docência acerca de sua vivência no PIBID/UERN. A pesquisa é qualitativa, que tem como abordagem teórica e metodológica a Psicologia Sócio-Histórica e o Materialismo Histórico Dialético como método de investigação, o Lócus de pesquisa é o PIBID/UERN, mas especificamente o PIBID/LETRAS do *Campus* Avançado de Patu. Diante a escolha o *lócus* de pesquisa, eu elaborei alguns critérios para escolha do sujeito: como demonstrar interesse em participar da pesquisa, (entrevistada – (risos), é um pouco importante, né?); apresentar disponibilidade para as entrevistas; e está desenvolvendo atividades no PIBID há pelo menos um semestre para que ele tenha uma vivência de mais tempo no Programa. Para iniciar, fale um pouco sobre os seus dados pessoais, a idade, nacionalidade, ano de nascimento e seu nome.

**ENTREVISTADA-** Meu nome é Florbela, precisa dizer o nome completo? Meu nome é Florbela, eu tenho 24 anos agora (risos) quando eu entrei no PIBID eu tinha 23. Eu estou há 02 semestre no PIBID e estou no quarto período de letras. Sou daqui de Patu.

**PESQUISADORA-** Fale um pouco sobre a sua infância e vida estudantil.

**ENTREVISTADA-** Eu comecei a estudar eu não sei se a gente pode falar realmente estudar, mas eu falo estudar quando eu tinha 2 anos porque foi quando eu entrei na creche. Eu fui criada pela minha avó, minha avó trabalhava em casa de família, aí eu precisava ir para creche, pois não tinha ninguém para cuidar de mim, né (risos). E aí eu ia para creche e quando eu saía da creche (silêncio) é eu realmente não lembro, mas eu sei assim de ouvir falar, quando eu entrei para (pausa) quando eu comecei mesmo assim, a primeira série e tudo mais, eu acho que eu já tinha uns 7 anos, então a minha vivência inteira foi em escola pública (risos) e aqui em Patu, pelo menos até o ensino médio foi aqui, e inteira em escola pública. É, eu tive professores muito bons, apesar de ser em escola pública e apesar das deficiências, né. E acho que eu já entrei na primeira série já sabendo ler e já sabendo escrever porque eu sempre fui muito, muito curiosa. Estava sempre tentando escrever. Estava sempre tentando ler alguma coisa e desde sempre tive muita proximidade com a leitura, como eu fui criada com uma espécie de irmão mais velho que ele é irmão de criação e ele já estava dentro do Ensino Fundamental e Ensino Médio enquanto eu estava crescendo. Então eu via ele estudando e tudo mais. Eu queria estudar também, queria ler e aí eu tinha (risos) eu tenho uma Bíblia daquelas pequenas, Bíblia de criança eu adorava. Eu li aquilo umas cinco vezes ou mais, foi lendo isso que eu comecei a pegar gosto pela leitura em si. Então, eu sempre fui muito de ler, sempre fui a típica menina estudiosa e quando entrei no ensino médio também escola pública aqui. Quando eu entrei no ensino médio foi quando eu tive uma proximidade realmente assim, do que eu quero enquanto estudante né, porque quando você chega no ensino médio é aquela idade rebelde de adolescente e normalmente o adolescente ele fica meio perdido no Ensino Médio a gente não sabe muito bem o que quer. A partir do segundo ano do ensino médio eu comecei a constituir uma ideia do que eu poderia vir fazer quando eu chegasse a fase adulta. Foi quando eu comecei a ter é (pausa) comecei a me envolver mais

em questão de Português e Literatura, pois eu nunca fui muito da parte de exatas. Eu sempre fui péssima com cálculos, mas consegui desenvolver ali. Mas eu acho que dentro da faculdade não, era muito eu acho que eu não conseguiria desenvolver. Depois do ensino médio eu comecei um curso técnico. Olha como é engraçado, eu comecei o curso técnico voltado para área de química (risos). Comecei o curso técnico para aérea de mineração e era muita química, muita química e muita química. Consegui terminar o curso técnico nas últimas. Quando eu terminei aí eu desenvolvi um afeto pelo curso e tudo mais. Tentei trabalhar na área, mas a área de mineração para mulher é terrível, é péssimo mesmo. Eu fiquei sem trabalho e sem estágio porque as empresas não têm a capacidade de receber uma mulher, isso é um absurdo não ter capacidade de receber uma mulher para trabalhar na empresa. E foi o momento que eu fiquei meio estagnada, e agora o que, que eu faço? Não consigo trabalhar nessa área, não vou conseguir nada por aqui. E isso eu estava em Natal, aí eu pensei, vou tentar Letras finalmente, porque foi bem quando veio para cá porque quando eu sair ainda não tinha aqui era só Pedagogia, Matemática e Ciências Contábeis e eu não queria nada disso. Não identificava com nada, o mais próximo era Pedagogia, mas ainda assim (risos), não queria. Aí foi a chance que eu tive de entrar num curso que eu realmente gostasse, foi o de Letras quando eu comecei aqui.

**PESQUISADORA-** Na escolha pelo curso de Letras, alguém te motivou? Algum professor?

**ENTREVISTADA-** Há sim, teve, teve bastante. Nossa! todos os professores que eu tive, pois eu sempre foi muito próxima dos professores. Eu gosto de ter essa, esse vínculo com os professores desde pequena. No ensino médio eu tive um professor maravilhoso que por coincidência agora ele é o meu supervisor, ele não é meu supervisor nesse momento, mas ele já foi meu supervisor dentro do PIBID, que é o professor Gabriel<sup>32</sup>. Você conhece né, Professor Gabriel do ensino médio ele é maravilhoso as aulas dele eram incríveis e eu já era apaixonada por Português, eu já gostava de português e aí quando eu tive essa proximidade com o Gabriel dentro do ensino médio que foi a partir do segundo ano que foi o momento em que ele começou a trazer muita literatura e começou a trazer muita produção textual já para preparar os alunos para o Enem. E aí gente eu fiquei maravilhada porque foi quando se abriu, eu já gostava de ler e aí foi quando se abriu aquele leque. Meu Deus! Literatura! É isso é literatura! E aí foi quando eu pensei, é isso mesmo que eu quero fazer alguma coisa relacionada à Produção Textual, ensino de Língua Portuguesa e Literatura, e especialmente Literatura, então foi quando eu tive esse Click de ver é isso que eu quero.

**PESQUISADOR-** Como aconteceu a entrada no PIBID?

**ENTREVISTADA-** Sim, quando eu entrei eu acho, eu acho que eu entrei já no segundo período, eu não ia entrar (RISOS), eu não ia me inscrever. Ai porque, por N motivos, mas, eu queria participar de alguma coisa porque eu sempre fui muito ativa dentro do universo escolar, desde o ensino fundamental qualquer coisinha que aparecesse eu estava querendo participar. E aí eu queria fazer isso dentro da Universidade também, eu gosto de participar. Eu gosto de saber o que tá acontecendo e eu acho que traz uma experiência pessoal muito enriquecedora você participar do que acontece dentro do ambiente acadêmico. E aí eu queria participar. Eu queria ter essa experiência. Poxa! Se eu vou atuar como professora então é uma chance que dificilmente eu vou ter, fora de estágio essas coisas. E aí eu me interessei. Foi à primeira coisa assim, que surgiu entre projeto de extensão e programa de bolsa, foi à primeira coisa que apareceu aí eu agarrei (risos). Quando eu entrei foi uma dificuldade para me inscrever porque precisava de um currículo específico e eu não tinha nada porque eu tinha realmente acabado de entrar no curso. Eu estava no segundo período ainda e eu não tinha nada, não tinha ferramenta nenhuma tinha só o meu ira (risos) e aquela pontuação básica, mas aí eu fiz com que eu tinha. Eu tive muito incentivo de Lara<sup>33</sup>, na época ela ensinava a disciplina de Teoria da Literatura. E aí, eu tive muito incentivo dela, eu acho que se ela não tivesse insistido “Não, Florbela se inscreva”,

<sup>32</sup> Nome fictício.

<sup>33</sup> Nome fictício.

eu não teria me escrito. Eu teria desistido ali na primeira dificuldade.

**PESQUISADORA-** Gosta de está participando do Programa?

**ENTREVISTADA-** Gosto! É uma experiência que sinceramente fora de estágio é muito difícil você ter. A parte prática é muito diferente, é uma realidade muito diferente daquela teórica, pois a universidade não tem como preparar você para a realidade que você vai enfrentar dentro de uma escola pública que a gente atua escola pública né. E aí é muito diferente, é muito enriquecedor o contato que você tem com os alunos, o contato que você tem com os supervisores quando você chega à escola, por exemplo, o meu caso que eu estudei aqui eu entrar numa escola que eu já fui aluna e perceber coisas que enquanto aluna não conseguia perceber. É muito, é um pouco chocante assim no primeiro momento, mas é muita boa experiência.

**PESQUISADORA-** Há quanto tempo você está no Programa?

**ENTREVISTADA-** Já estou no segundo semestre agora, eu comecei no (parou e pensou) acho que no semestre passado, eu sou meio perdida no tempo, mas eu estou no segundo semestre.

**PESQUISADORA-** Como está sua relação com a escola, professores supervisores, alunos e PIBID.

**ENTREVISTADA-** Bem, eu só tive (...), como eu estou no segundo semestre eu só tive proximidade com dois professores supervisores, um era Gabriel, maravilhoso! (risos). Foi incrível ter esse contato com ele depois de tanto tempo e ele continua sendo professor incrível. Admiro muito o trabalho dele. Agora eu estou tendo com Josué<sup>34</sup>. Nossa! É outra realidade! Eu acho que a rotação que a gente faz, apesar de eu não gostar muito, pois eu acho que é pouco tempo para você desenvolver alguma coisa significativa, realmente significativa, mas é maravilhoso para você ver como as realidades são diferentes. Quando eu entrei no primeiro semestre, eu entrei e fiquei em um Ensino Médio, foi no Edino Jales e era terceiro ano. A minha relação com os alunos nesse semestre foi muito boa, o desenvolvimento das atividades para mim foi muito bom. Só que os professores tem um jeito diferente de trabalhar, cada um tem seu modo. Eu acho que no primeiro semestre a gente aproveitou pouco em relação ao total que tá aproveitando agora, mas o meu relacionamento com os supervisores até agora está muito bom (risos). Eu pego amizade fácil quando a pessoa me dá brecha eu pego amizade fácil, então está sendo muito bom. Eles nos dão assistência muito boa. Eles têm uma coisa muito de chamar você para a realidade, sabe? Porque a gente sai daqui muito preso em teoria achando que vai ser de um jeito e aí quando chega lá, é que você vê que a realidade não é exatamente essa, você se assusta de início e sabe que o medo tende a deixar você meio parado. Então eles trazem a gente de volta assim a realidade, olha é assim a gente tem que trabalhar nessa forma. E é muito bom ter esse suporte. Com os alunos eu tenho um relacionamento muito bom com os alunos. No primeiro semestre era uma turma, eu acho que era mais de 20 alunos. Não eram todos que iam as aulas né, e não eram todos que se envolviam, mas os que se envolviam a gente se dava bem e eu via realmente, assim o interesse da parte deles para ensino e a questão de literatura, pois a gente trabalhou a literatura no 1º semestre. Agora é uma realidade completamente diferente porque a é EJA do Ensino Fundamental, então é completamente diferente à disposição a motivação dos alunos, então eu tenho que ter jogo de cintura maior com eles em questão de cobrança em questão de linguagem mesmo, mas até agora eu estou conseguindo relacionar muito bem eu estou até (...) foi uma das coisas que mais me deixou feliz dentro desse semestre, foi ver como eu consegui desenvolver essa relação com os alunos.

**PESQUISADORA-** Quais as expectativas antes de entrar no programa e atualmente?

**ENTREVISTADA-** Olha, muda. Muda bastante aquela coisa que eu falei primeiro, se eu não tivesse tido esse contato com programa provavelmente eu ainda estaria naquela coisa presa nas teorias e

<sup>34</sup> Nome fictício.

ainda com aquela velha utopia de que vai ser tudo lindo e de que os alunos serão todos perfeitos! (risos). A entrada no programa me fez abrir muito os olhos para isso, para encarar essa realidade, essa realidade bruta, essa realidade dura, que é o ensino em escola pública. Eu acho que isso foi o maior (...) a maior (...) como eu posso dizer, foi o maior clique que te vi, foi essa coisa de olha não é assim a realidade não é essa. Então as expectativas são boas na medida do possível né. Eu acho que eu consigo desenvolver a atuação, eu consigo ter um bom relacionamento com os alunos, eu consigo ter jogo de cintura na hora de escolher material, na hora de trazer atividades. Então no primeiro semestre (...) do primeiro semestre para o de agora acho que a evolução foi bem bacana. Então acho que, mais na frente nas outras rotações acredito que as atividades vão ser bem melhor elaboradas (risos), acho que vai ter uma atuação bem melhor minha.

**PESQUISADORA-** Fale acerca do trabalho que você desenvolve na escola, o planejamento, as atividades e os estudos.

**ENTREVISTADA-** Assim, agora a gente está trabalhando muito com o gênero textual e a gente está fazendo muita produção de texto. Então a gente faz (...) somos em três, né. A gente traz quando a gente vai estudar alguns gêneros a gente traz um exemplo do gênero trabalha com eles primeiro leitura e análise do texto, interpretação do texto, depois a gente passa a caracterização e só depois de caracterização é que a gente vai para atividade porque a gente tem muito isso é que a gente faz Letras Literatura, a gente tem muitas essa questão de interpretação a porque a gente quer é o envolvimento deles né então acho que a questão de fazer eles pensarem sobre o texto de fazer eles comentarem é bom tanto para a evolução deles enquanto leitores quanto para a realização das atividades que já vai ter debatido alguma coisa, quanto para esse vínculo que a gente tem com eles é diferente quando a gente faz um texto e conversa com ele sobre o texto, usando a linguagem deles né, usando as referências que eles têm do que quando a gente só chega e joga alguma coisa. E aí a gente está trabalhando com isso, a gente está usando, está trabalhando agora com o gênero textual fazendo dessa forma: primeiro exemplo, leitura, interpretação e análise. A gente também estuda operadores de narrativa que é para dá uma situada neles na hora que eles forem produzir textos, traz algumas atividades, mas o nosso foco... o nosso foco é a produção textual e essa Identificação do gênero.

**PESQUISADORA-** Na outra escola vocês fizeram o que?

**ENTREVISTADA-** Na outra escola a gente trabalhou com literatura foi bem diferente porque na outra escola já era uma turma de terceiro ano do Ensino Médio a gente estava trazendo as referências de pré-modernismo e foi o que... o que a gente trabalhou foi isso pré-modernismo, principais autores, principais obras a gente é como eu falei o tempo é muito curto então a gente teve pouco tempo para elaborar uma coisa maior então a gente tem também enfrentou uma greve que foi péssimo cortou totalmente o que a gente... os planos da gente ali ficou... sabe? e aí a gente teve que refazer os planos e ver o que dava para fazer nesse tempo curto que a gente tinha então a gente trabalhou só pré-modernismo com os principais autores e as principais obras. Eu acredito que os alunos não em atividade nossa, mas acredito que eles ainda leram algumas obras com o supervisor e desenvolveram agora uma oficina relacionada a isso, mas já com outra turma. Fiquei bem triste inclusive, porque eu queria participar das oficinas porque o tempo é tão curto e especialmente com a greve então cortou aí nosso plano de fazer oficina com eles, mas teria sido bem bacana. A gente está com um plano agora de fazer alguma... algum projeto com essa turma da Eja.

**PESQUISADORA-** A vivência no programa tem contribuído para sua formação e para os estudos?

**ENTREVISTADA-** Por enquanto não! porque quando eu entrei a gente tinha uma coordenadora e ela foi embora né? veio Maria<sup>35</sup> e agora que a gente está começando a andar realmente, pelo menos ao meu ver agora que a gente tá começando a andar a gente tá tendo mais reunião de formação a gente

---

<sup>35</sup> Nome fictício.

está tendo mais... a gente está sendo cobrado mas. Então em relação à contribuição dentro da universidade tem em questão de didática tem sido bem... a gente consegue relacionar muito bem o que a gente vê em sala de aula dentro da dentro da educação com o que a gente... com a experiência que a gente tem dentro do PIBID. Em relação ao projeto a gente não tem tanto porque como eu falei a gente esta começando realmente agora então projeto que a gente teve foi de contação de história, mas também foi uma coisa bem em cima da hora. Isso é uma das coisas que me incomodam dentro do PIBID, pois como a gente não é tão próximo da UERN Central a gente acaba recebendo as notícias meio que de última hora então é uma coisa bem corrido a gente tem que se virar nos 30 para poder trazer alguma coisa e participar dos eventos em si. Evento, a gente só tem agora o terceiro salão do PIBID, pelo menos desde quando eu entrei né a gente só tem esse evento para ir, mas está sendo elaborado artigos e oficinas. Os projetos realmente que a gente tem são todos voltados para as escolas onde a gente atua, então quando tem uma chance assim de apresentar um salão e tudo mais que a gente já tem uma coisa trabalhado de ter uma coisa pronta é maravilhoso, mas quando a gente ainda está atuando para depois trazer o projeto porque primeiro a gente tem que fazer as aulas de referência para os alunos poderem se situar e a gente fazer algum projeto, mas aí quando é uma coisa assim em cima da hora a gente tá nesse processo de referência para fazer uma coisa em cima da hora é bem complicado! E aí a gente vai participar agora do terceiro salão está todo mundo se virando nos 30 porque tá todo mundo nesse processo de referência com os alunos e de regência e galera está se virando (risos). E dentro do universo acadêmico eu não sei se é porque a gente ainda está em fase de adaptação, mas eu sinto que... não que esteja atrapalhando, mas rouba um tempo que a gente tem especialmente quem tem outros afazeres, por exemplo o trabalho, eu tenho a universidade, tenho o PIBID, e tenho o trabalho, e ainda tem um projeto de extensão que também é com a professora Maria de literatura teatral. Dentro do projeto ele não me influencia tanto em questão de roubar tempo da universidade, nem o projeto e nem o trabalho, pois eu tenho a sorte de ter um chefe (risos) que consegue compreender que eu tenho essas... que eu tenho o PIBID e a universidade, mas o PIBID que pela fase de adaptação que a gente está tendo com essa nova coordenadora ele está cobrando mais da gente e como a gente ainda está se adaptando isso acaba fazendo a gente dar umas derrapadas às vezes, mas de resto é tranquilo (risos).

**PESQUISADORA-** Você falou anteriormente sobre reuniões de formação. Como funcionam essas reuniões?

**ENTREVISTADA-** Isso! Assim, a gente tem reuniões de formações, eu não sei eu não sei exatamente de quanto em quanto tempo, mas a gente sempre tem uma reuniãozinha de formação para a gente se juntar, compartilhar vivências e a gente está tendo do programa. A gente tem muita produção de resenha e está sendo cobrado muita leitura da gente, então a gente tem muita produção de resenha de obra voltada para o público infanto-juvenil e para o público infantil também. E a gente tem muito essas reuniões de formações que é justamente para a gente estudar métodos e propostas de atividades para dentro do programa, eu acho maravilhoso é incrível a ajuda de um jeito que a gente não tem noção do que precisa, mas é uma ajuda incrível. Então a gente sempre tem essa reunião, onde é entregue um material, e a gente ler e estuda esse material e quando a gente vai para reunião de formação a gente discutir esse material e relaciona o material que a gente estudou com as vivências que a gente tem, já trazendo propostas novas e já discutindo também as resenhas. Então é bem bacana!

**PESQUISADORA-** As reuniões de formação é você com seu supervisor ou é todo mundo todo do grupo?

**ENTREVISTADA-** É a gente só com a coordenadora Maria com os pibidianos, então não tem aquela... não tem aquela timidez de está em frente ao supervisor. Então é bem bacana! É legal isso porque são... normalmente quando a gente separa os grupos é uma coisa muito individual, sabe? só fica ali naquele grupinho fechado e não compartilha tanto. A gente tende a fazer isso, mas com as reuniões de formação é bacana porque você sabe o que os outros grupos estão fazendo, você divide as experiências, você pode pegar referências para sua atuação dentro da sala de aula também. Então é bem interessante! Eu achei magnífico ela ter trazido isso que eu acho até que era uma coisa que já

existia, só não existia no nosso grupo antes. E como eu falei com a mudança de coordenação a gente vai... a gente está sendo mais cobrado agora do que era antes porque é uma pessoa de dentro do departamento mesmo de Letras. Então é um contato direto que a gente tem em comum com a central com a coisa maior.

**PESQUISADORA-** As outras coordenadoras não eram do Departamento de Letras?

**ENTREVISTADA-** Eu só tive a experiência com a coordenadora que veio antes de Maria. Então eu acho que ela era, se não me engano do Departamento Educação, pois até então o Departamento de Letras estava se desenvolvendo e não tinha uma pessoa que pudesse agir como coordenadora. E aí quando teve o concurso e tudo mais conseguiu trazer algumas professoras sem ser professora substituta, né? E aí a gente conseguiu ter essa interação maior dentro do curso.

**PESQUISADORA-** Você falou anteriormente que trabalhava. O seu trabalho é relacionado à educação?

**ENTREVISTADA-** (Sorriu) Não tem nada a ver com educação meu outro trabalho. Eu trabalho fora isso, eu trabalho com projeção de móveis (risos). Eu projeto móveis planejados. Esse meu outro trabalho é com desenho, com público, planilha, orçamento, todas essas coisas que eu não gosto! (sorriu). Basicamente, é tudo voltado para exatas. É muito desenho! É muita forma geométrica! Muita planilha! Então não tem nada a ver com o trabalho do PIBID.

**PESQUISADORA-** O trabalho não atrapalha o PIBID?

**ENTREVISTADA-** Não. Não atrapalha! Porque assim que eu comecei a trabalhar eu já deixei uma coisa bem clara! Olha eu estudo! Quando eu entrei para o PIBID eu já fui deixando bem claro também, olha eu estudo agora, mas eu tenho isso aqui também, estou neste programa de bolsa. E aí sempre rola aquele, mas vai atrapalhar. Mas, não abro mão, porque não tem como eu abrir mão por que é o meu futuro, né? Então não posso realmente abrir mão, e de certa forma também não posso abrir mão do trabalho por que é a forma que eu tenho de me sustentar. Tanto o PIBID quanto o trabalho é uma forma que eu tenho de me sustentar e ajudar a minha família e tudo mais. Então não posso abrir mão de nenhuma das duas coisas. Então eu tenho que ter esse jogo cintura para dar aquela equilibrada, mas o trabalho é bem tranquilo e não afeta em nada.

**PESQUISADORA-** Florbela eu gostaria de agradecer pela disponibilidade e esclarecer que todas as informações fornecidas aqui serão de acesso exclusivo meu de minha orientadora e seu claro. Será utilizado o nome fictício para que sua identidade seja preservada. Inclusive, você gostaria de escolher o nome?

**ENTREVISTADA-** Não! Deixa ao seu critério! (sorriu).

**PESQUISADORA-** Quando eu transcrever a entrevista voltarei novamente, pois a entrevista reflexiva permite esse movimento de ida e volta para esclarecer questões e dúvidas que não foram esclarecidas. Então quando eu transcrever e conversar com minha orientadora e levantar alguns pontos eu volto para você para esclarecer algumas questões.

**ENTREVISTADA-** Está certo!

**PESQUISADORA-** Você terá acesso a todas as informações da pesquisa e também a liberdade para retirar e colocar todas as informações que você ache necessário que apareça ou não na entrevista. Muito obrigada!

**APROFUNDAMENTO E ESCLARECIMENTO DA ENTREVISTA REFLEXIVA-  
FLORBELA**

**2ª entrevista**

DATA: 11 de Dezembro de 2017

HORÁRIO: 9h00min às 9h 27min

LOCAL: *Campus* Avançado de Patu, sala do curso de Pedagogia.

**PESQUISADORA-** Bom dia, Florbela. Hoje nosso encontro será para aprofundar e esclarecer algumas perguntas da nossa primeira entrevista. Você gostaria de acrescentar ou retirar alguma parte da primeira entrevista?

**ENTREVISTADA-** Não, está Ok.

**PESQUISADORA-** Na primeira entrevista você falou que quando chegou à escola percebeu coisas que enquanto aluna não conseguia perceber e que era um pouco chocante no primeiro momento. Que coisas foram essas que você percebeu quando chegou à escola?

**ENTREVISTADA-** Aconteceu comigo tanto na escola de ensino médio quanto na de ensino fundamental, eu estudei na escola de ensino fundamental muitos anos, acho que desde quinta série na época até a oitava. Então eu terminei o fundamental lá e o ensino médio fiz todo na outra escola. Acho que a primeira coisa que a gente percebe logo de cara é a estrutura da escola mesmo. Na época que eu estudei na escola de ensino fundamental aquela escola era a maior referência aqui dentro da cidade era maior referência. Hoje (...) quando eu entrei para o primeiro dia de aula eu já eu percebi que a escola perdeu essa referência, ela não é mais centro de referência e foi uma coisa que me chocou porque é uma escola enorme que tinha na minha época pelo menos uma estrutura muito grande de sala de jogos, sala de TV, sala de biblioteca e leitura tinha muita gente na escola tanto era sempre uma comoção muito grande dentro da escola para produzir um evento para trazer a comunidade para dentro da escola até mesmo os pais dos alunos, mas hoje em dia eu não vejo um tanto isso lá dentro, tudo bem que eu só vou umas duas vezes por semana no máximo, mas eu não vejo isso lá dentro. Eu não sei também se é porque estou trabalhando em uma classe de EJA, pois pelo menos aparenta ser uma coisa a parte da escola, é como se não fosse realmente integrado à escola a gente percebe que tem uma questão de deixar a turma mais de lado assim nos eventos e nas coisas. Mas a primeira coisa que me chocou foi isso a estrutura, em compensação a escola que eu fiz o ensino médio quando eu estudava primeiro ano era uma bagunça, a escola não tinha estrutura, no ensino poucos professores eram realmente interessados pelos menos da minha visão de aluna na época. E quando eu comecei (parou e pensou), isso foi no primeiro ano. No segundo ano foi quando mudou o diretor e aí as coisas começaram a andar. Hoje em dia eu vejo que a escola assim que eu entrei eu fiquei muito feliz de ver a escola com ar condicionado, com muita com mais salas para aula mesmo, então as primeiras coisas que chocam quando você bota o pé na escola e vê a evolução ou não (risos) da estrutura da escola, então a primeira coisa que chocou foi isso e foi o baque maior. Aí tem a questão também de preparação de aulas que é uma coisa que enquanto aluna não fazia a menor ideia de como acontecia, do trabalho que dava para você elaborar uma aula, então vê os professores reunidos na sala dos professores junto com coordenação com diretor que normalmente às vezes aparece lá aí comenta alguma coisa, comenta de algum aluno que normalmente não conheço o aluno porque são muitos. Eles já estão há mais tempo, eles sabem exatamente o que acontece. Mas vê a relação entre professor e perceber essa elaboração de aula, de quando tem algum evento, a questão da burocracia que tem na elaboração de um evento que parece uma coisa simples que enquanto aluna a gente fica a uma besteirinha dessa, mas é diferente e é bom porque a gente percebe o trabalho que dá a gente dá mais valor quando a gente percebe o trabalho. Então essas são as coisas mais chocantes assim.

**PESQUISADORA-** Vocês têm feito muitos eventos e projetos na escola?

**ENTREVISTADA-** Não. O pior que não. A gente vê muito principalmente agora que a gente estava vendo muito a questão de Semana Filosófica e Café Filosófico só que não saiu. Não sei o que foi que aconteceu, mas a gente via muito comentário da direção com os professores chegou até a sair uma

data que sairia em novembro, mas não sei o que aconteceu pode ter sido alguma dessas burocracias da escola acabou não acontecendo também teve na escola do ensino médio quando eu estava lá, não era um evento era uma preparação para evento eu não sei se eu posso chamar de evento na verdade porque era uma preparação para aulão do Enem. E estava os professores de língua portuguesa em conjunto com os professores de matemática estava elaborando essas aulas que é extremamente importante. Eu lembro que na minha época também teve, mas eu não fazia ideia do trabalho que dava para produzir essas aulas. Eu acho que eles se não me engano estão com esse plano em ação ou estavam com esse plano em ação. Foram os eventos que eu ainda ouvi (risos).

**PESQUISADORA-** Na primeira entrevista você falou que no ensino médio teve um professor de língua portuguesa maravilhoso e que por coincidência ele foi seu supervisor do PIBID. Como foi essa sua vivência de ter como seu supervisor do PIBID o seu ex-professor de língua portuguesa?

**ENTREVISTADA-** (risos) foi inesperado na verdade! Eu não sabia que o professor do ensino médio estava dentro do projeto, pois não sabíamos quem eram os supervisores e quando eu entrei que vi que ele estava na sala falei meu Deus o professor Gabriel está aqui. E aí veio à surpresa dele ser meu supervisor, o primeiro supervisor. É diferente é outro tipo de contato quando é contato aluno professor tudo bem que o ex-professor do ensino médio é uma pessoa muito aberta com os alunos, mas o contato aluno - professor tem aquela timidez aquela coisa de poxa é um superior de certa forma, mas por isso foi muito tranquilo, então tanto como professor como supervisor ele cobra muito da gente está participando e vendo, mesmo que a gente não dê a aula ele quer que a gente esteja em sala de aula percebendo que o colega está fazendo a forma como ele prepara as equipes é diferente dessa que eu estou agora que ele junta os cinco e coloca os 5 em uma mesma turma que ele mesmo que escolhe. A turma escolhida foi a que iria participar para que pudéssemos dar uma assistência maior para o pessoal que está saindo do ensino médio, mas eu não tenho nada para criticar dele. A gente pegou uma época muito difícil foi à época da greve e era muito complicado porque O PIBID continua mesmo com a greve então a gente não sabia muito bem o que fazer, a gente acompanhava o movimento dos professores e como estava à escola falava com ele sempre, mas ele é sempre muito aberto para conversar para esclarecer dúvida é uma ótima pessoa.

**PESQUISADORA-** Na primeira entrevista você falou que com a nova coordenadora vocês começaram realmente a andar porque estão sendo mais cobrados. Quais são essas cobranças da nova coordenadora?

**ENTREVISTADA-** Olha! (risos). Nossa! A coordenadora é uma pessoa incrível. Aqui dentro da universidade é uma das professoras mais querida por mim, mas ela cobra (risos), ela é muito exigente ela quer sempre postagem, ela quer sempre foto, ela pega muito no meu pé porque eu sempre me esqueço de tirar fotos (risos), então a gente tem sempre que está em dias tanto em questão para as postagens das atividades, para documentação que é essa foto que ela pega tanto no meu pé. Tem outra questão que é as reuniões de formação também que ela também exige que estejamos presente sempre, que a gente leia o conteúdo, que a gente discuta, tem as resenhas porque ela quer que a gente tenha muita leitura, por que somos alunos de letras então ela quer que a gente tenha muita leitura infantil-juvenil para poder trazer para sala de aula, mas nas reuniões ela sempre pergunta como está indo dentro da sala de aula, ela está sempre questionando se está tendo algum problema, alguma dificuldade. As maiores cobranças delas são essas de saber o que está acontecendo e querer que a gente registre o que está acontecendo que é para ela poder ter uma noção melhor para poder organizar. Mas ela é incrível! Não tenho nada para falar mal da coordenadora.

**PESQUISADORA-** Você falou que iria apresentar um trabalho em um evento do PIBID no *Campus Central*. Como foi essa experiência de apresentar um trabalho fruto de sua vivência no PIBID?

**ENTREVISTADA-** Não foi a primeira vez que eu apresentei um trabalho. Mas foi a primeira vez que apresentei um trabalho relacionado ao PIBID. Eu já havia apresentado um outro trabalho, que foi o primeiro artigo que eu apresentei que foi no Ceará, nesse artigo meu nervosismo estava todo concentrado nele. Tanto que quando fui apresentar esse outro do PIBID que foi o segundo que

apresentei eu já estava mais calma e o que eu tinha de nervoso a supervisora que estava com a gente ela chegou para mim falou “*porque você está nervosa? você dá aula na sala que tem não sei quantos alunos*”, é mas na sala tem assistência do supervisor e aqui era só a gente não tinha assistência e a supervisora não estava, pois estava acompanhando o restante da turma, então eu fiquei meu Deus (risos), mas foi uma experiência muito boa! Tive contato com outros projetos. Foi incrível! É muito bom você vê o que está acontecendo com outras turmas porque a gente não tem muita noção, pois fica muito afastado, mas é muito interessante o desenvolvimento das outras turmas. Eu fiquei encantada com os projetos. Eu fiquei meu Deus quero fazer isso da minha vida (risos). Quero fazer algum projeto parecido, alguma coisa assim de lá. Foi muito bacana! Tirando o nervosismo, pois é sempre meio desesperador você apresentar um artigo até mesmo em sala de aula com seus colegas é meio desesperador, tem o nervoso o medo, mas foi muito bom! Teve uma discussão muito interessante na hora da apresentação. Só teve pontos positivos.

**PESQUISADORA-** Sobre o que foi a sua apresentação?

**ENTREVISTADA-** Foi sobre o uso das Tics na escola e no ensino fundamental, mas especificamente na Educação de Jovens e Adultos.

**PESQUISADORA-** E o evento contribuiu para sua formação?

**ENTREVISTADA-** Com certeza. Nossa! Como eu falei é muito inspirador você vê os outros projetos. Vê que tem muita gente boa dentro do projeto com tanta ideia bacana, aí você fica com vontade de produzir mais, fica com vontade de fazer mais, de trazer alguma coisa relevante para dentro da escola e para dentro da vida do aluno. Eu não sei se os meus colegas tiveram essa mesma percepção, mas, nossa eu fiquei muito inspirada vendo os projetos das outras turmas foi bem bacana.

**PESQUISADORA-** Você falou que a distancia entre o *Campus* Central e o *Campus* Avançado de Patu atrapalha as informações. Você teria alguma sugestão para melhorar a dinâmica das informações repassadas pelo *Campus* Central?

**ENTREVISTADA-** Sim, é um problema. A gente por está afastado, pois a gente é interior. Eu não sei qual é a dinâmica que é utilizada, mas as informações elas não chegam tão rápida para a gente, então se tivesse um modo dessas informações chegarem mais rápida, porque até onde eu sei a única forma de contato que a gente tem é com a coordenadora. Eu não sei como é que chama (risos) vamos dizer assim a cúpula (risos) eu não tenho outro nome ou outra palavra para falar, mas eu acho que é o único método de mediação da gente então pelo menos a impressão que a gente tem é que fica muito dependente da Coordenação em relação a isso. Então se tivesse outro modo não sei algum modo de passar essa informação mais rápida para gerar o mesmo para todos os projetos e todos os programas seria melhor para a gente poder desenvolver em questão de apresentação de artigo e de preparação mesmo, porque se é uma coisa muito em cima as vezes a gente não tá preparado tanto em questão financeira também porque como a gente é afastado a gente tem que levar em conta todas essas questões pequenas, porque realmente é uma preparação porque a gente tem aula, a gente tem nossos projetos pessoais a gente tem a bolsa então sempre que tem alguma coisa a gente tem que se deslocar daqui então a gente tem que ver todas as coisas que a gente já tem para fazer antes de tomar uma decisão nós precisamos ir nós vamos, mas se tiver um tempo muito curto para isso não tem como a gente se ver então fica meio que tudo em cima da hora por exemplo a gente tem a compreensão dos professores aqui, mas em algumas alguns eventos a gente está no meio de uma semana de provas, no meio de uma semana de apresentação de artigo então fica complicado, entendeu? Então se a gente soubesse como vai ser o evento, o dia e se a gente tivesse essas informações antes, se não fosse uma coisa tão em cima da hora por exemplo: três dias antes então seria melhor da gente conseguir se preparar falar com professor ver que a gestão pessoal gestão financeira mesmo que é onde puxa a gente então isso para mim seria perfeito.

**PESQUISADORA-** Fale sobre o trabalho que você vem desenvolvendo na escola, o planejamento, as atividades e os estudos.

**ENTREVISTADA-** Então a gente está acabando agora. Hoje vai ser o último dia na turma de EJA, eu já estou saudosa (risos) de verdade. É cansativo, mas a gente se apega ao aluno é uma coisa impressionante eu não achei que eu fosse me apegar tanto aos alunos. A gente tem (...) a gente ficou assim na terça-feira a gente dá aula e realiza atividade. Na quinta-feira, a gente a cada 15 dias se reúne para fazer planejamento, nesse planejamento a gente planejar o mês inteiro, então eu tive dois ou três planejamentos ainda porque demorou um tempinho para realizar cada atividade. Então se reúne toda equipe e vê com o supervisor o que é que a gente vai trazer para os alunos, o que vai trabalhar e se a gente já pensou o que vai desenvolver. Então é uma coisa que já é muito espontânea de certa forma porque a gente vê, por exemplo, a gente estudou contos, no dia mesmo que a gente sentou e falou pronto vamos trabalhar contos, então nesse mesmo dia a gente já foi pensando que contos trazer, que atividade realizar, como fazer isso com os alunos, como fazer eles produzirem então a gente consegue fazer isso num dia só e a partir daí a gente vai só trabalhando e estudando conteúdo, estudando conto, como vai fazer esse aluno produzir dentro da sala de aula e como a minha companheira de turma ela não mora aqui então a gente está sempre falando no WhatsApp e quando ela precisa de alguma coisa, por exemplo, ela está sem notebook agora então sempre que ela precisa de alguma de alguma coisa para quando ela for dar aula, a gente meio que reversa e quando ela se propõe a liderar a aula por assim dizer a gente sempre pergunta ei está precisando de alguma coisa? Está precisando de notebook? Esta precisando do que? Então a gente vai se ajudando dessa forma e estudando dessa forma, quando tem alguma ideia nova, quando a gente estudou alguma ideia nova a gente conversa e diz achei isso interessante o que você acha. Qualquer vídeo que a gente leve a gente passa uma para outra antes, qualquer coisa a gente passa uma para outra antes para poder ter um consenso de trabalhar porque são as duas na mesma turma então para gente ter esse consenso de trabalhar com essa turma e ver como trabalhar com a turma essa questão com a turma. Esqueci a pergunta (risos).

**PESQUISADORA-** As atividades.

**ENTREVISTADA-** Sim, as atividades a gente faz dessa mesma forma, a gente estuda no dia que a gente faz o planejamento a gente já tem uma ideia de como fazer esse aluno produzir e aí a gente vai amadurecendo a ideia conforme foi estudando e vai conversando uma com a outra para chegar no dia e realmente fazer o pessoal produzir. É uma luta para fazer eles produzirem, mas eles produzem. A gente consegue fazer isso.

**PESQUISADORA-** E as reuniões de Formação têm contribuído para o trabalho desenvolvido na escola e na sala de aula?

**ENTREVISTADA-** Tem. Eu acho que eu já tinha comentado na outra entrevista, é uma assistência muito grande, essa reunião de formação porque é um material que normalmente a gente não tem. É uma coisa inteiramente nova, de certa forma é questão didática, não questão didática que a gente vê de teoria me sala de aula, mas é questão de proposta mesmo, então sempre tem uma proposta interessante que a gente pode aplicar. A gente nessas reuniões como não são todos a gente fica sabendo o que o outro está fazendo e produzindo e a gente consegue se inspirar também para poder fazer o nosso trabalho em sala de aula.

**PESQUISADORA-** Você teria alguma sugestão para acrescentar ao programa?

**ENTREVISTADA-** Eu acho que não. Não pensei em nada (risos). Mas eu já comentei e vou falar de novo que é a questão da rotatividade. Eu acho que o tempo é muito curto para produzir por que é só um semestre e um semestre eu sei que é necessário eu sei que é enriquecedor para o aluno pibidiano, mas eu acho que para produção principalmente a questão de tempo, evento, questão de trabalhar conteúdo em sala de aula. Não sei, acontece uma mágica que quando você está fora você não percebe que o tempo é tão curto para conseguir produzir com eles, mas quando você está dentro é que você percebe, gente já acabou o ano e agora. Eu sinto que é pouco tempo eu sei que é necessário. Eu fico entre essas duas questões corriqueiras eu sei que é necessário e enriquecedor porque eu senti como é enriquecedor, mas ao mesmo tempo eu fico pensando que é pouco tempo para trabalhar eu não sei se

é porque eu me apego ao aluno pode ser isso, mas o restante está ótimo.

**PESQUISADORA-** Já pensou sobre o final do programa?

**ENTREVISTADA-** Não quero pensar! Gente, eu ainda estou sem querer pensar porque se acabar vai ser difícil colocar outra coisa aqui que substitua o PIBID nessa questão de aprendizagem em sala de aula da forma como a gente trabalha eu acho muito difícil. Eu acho que não tem como colocar outra coisa que substitua e que seja tão enriquecedor quanto. Então é só muita tristeza e muita oração e movimento para que isso não aconteça. Eu espero realmente que isso não aconteça. Espero que continue por bastante tempo.

**PESQUISADORA-** Florbela, agradeço pela disponibilidade de continuar conosco na pesquisa. Muito obrigada! Quando eu transcrever eu mando para você ler e para caso deseje retirar ou acrescentar alguma informação.